



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
MATEMÁTICA  
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
MATEMÁTICA**

**VALÉRIA GUEDES PINHEIRO**

**REFORMULAÇÕES EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2023**

VALÉRIA GUEDES PINHEIRO

**REFORMULAÇÕES EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGCEM), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de concentração:** Educação Matemática

**Linha de pesquisa:** Cultura científica, tecnologia, informação e comunicação

**Orientador:** Prof. Dr. Pedro Lúcio Barboza

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P654r Pinheiro, Valéria Guedes.

Reformulações em instituições de ensino médio durante a pandemia de Covid-19 [manuscrito] / Valéria Guedes Pinheiro. - 2023.

108 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Pedro Lucio Barboza, Departamento de Matemática e Estatística - CCT. "

1. Metodologias de ensino. 2. Adaptações no ensino. 3. Professores de Matemática. 4. Ensino Remoto Emergencial. I.

Título

21. ed. CDD 372.7

**VALÉRIA GUEDES PINHEIRO**

**REFORMULAÇÕES EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO MÉDIO DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de concentração:** Educação Matemática.

**Linha de pesquisa:** Cultura Científica, Tecnologia, Informação e Comunicação.

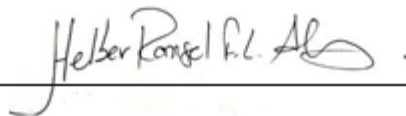
Data de aprovação: 27/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Pedro Lucio Barboza (**Orientador**)  
Universidade Estadual da Paraíba -UEPB



---

Prof. Dr. Helber Rangel Formiga Leite de Almeida (**Examinador Interno**)  
Universidade Estadual da Paraíba –UEPB



---

Prof. Dr. José de Arimatéia Fernandes (**Examinador Externo**)  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Para Maria Elizabete da Silva Ferreira  
Guedes (*in memoriam*), por todo o  
carinho e por ter estado comigo ao fim de  
tantos ciclos. Sentimos sua falta!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

A Deus, primeiramente, pela força e proteção ao longo de todos esses anos, e por colocar tantas pessoas especiais em meu caminho.

Aos meus pais, Maria Dasdores e Vicente Neto, e ao meu irmão Vinícius, eu amo vocês! Obrigada por sempre me apoiarem em minhas escolhas. Eu jamais estaria chegando até este momento se não tivesse vocês ao meu lado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Lucio, muito obrigado por me acolher como orientanda, por todos os ensinamentos ao longo do percurso e pela paciência que teve comigo, eu não poderia ter tido um orientador melhor.

Ao meu noivo, Francisco Geraldo, obrigado por aguentar cada surto meu ao longo da graduação e do mestrado ao meu lado e por tudo o que fez para me apoiar ao longo desses anos.

À minha melhor amiga, Rayssa, eu te amo e não consigo escrever em palavras o quanto você foi e vem sendo importante em minha vida.

À toda a minha família: tias e avós e aos meus tios e primos, mas em especial à minha madrinha Vanuza por ser um exemplo em minha vida, e às minhas tias Auxiliadora e Leni, por todas as vezes que me acolheram ao longo desses anos e me trataram como filha, vocês são muito especiais para mim.

Aos colegas e professores que fizeram parte dessa jornada e que marcaram essa fase tão importante.

Aos participantes da pesquisa que contribuíram grandemente neste projeto, sem vocês nada disso seria possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e aos envolvidos no processo de seleção para bolsista, muito obrigada pela confiança depositada em mim e no meu trabalho.

À cada pessoa que direta ou indiretamente contribuiu para essa caminhada e possibilitaram que eu chegasse ao fim do mestrado.

## RESUMO

Durante o período pandêmico ocasionado pela disseminação da Covid-19, o sistema educacional brasileiro adotou o Ensino Remoto Emergencial (ERE), onde professores e alunos estavam conectados através da tecnologia, garantindo a continuidade do ensino sem a necessidade de estarem em um mesmo espaço físico. Porém, em um país socioeconomicamente desigual como o Brasil, uma alternativa de ensino que necessitava de acesso à equipamentos tecnológicos e conexão com internet de qualidade, as diferenças existentes foram acentuadas. Muitos estudantes se viram privados do acesso à educação, os professores enfrentaram dificuldades devido à falta de experiência no trabalho com tecnologia, e os gestores se viram na função de tentar amenizar os problemas que surgiam. Pensando nessas questões e considerando a incerteza de uma volta aos modelos anteriores de ensino, empreendemos uma pesquisa qualitativa com os profissionais que atuaram na educação nos anos de 2020 e 2021, tendo por objetivo geral: conhecer as dificuldades enfrentadas e as soluções adotadas pelos sistemas de ensino público e privado durante a pandemia da covid-19. Para auxiliar na obtenção dos resultados, dividimos a pesquisa em duas etapas, cada uma com um objetivo específico, sendo estes: identificar dificuldades enfrentadas por professores de matemática na transição do modelo presencial para os modelos remoto e híbrido; e compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido. Cada objetivo gerou um artigo científico com referencial teórico, metodologias e resultados próprios, unidos para formar a presente dissertação, baseada no modelo de escrita multipaper. Os dados foram obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas com professores e gestores de diferentes instituições. Ao fim da coleta dos dados e através de sua análise pudemos constatar que, apesar dos diversos problemas que cada grupo enfrentou, um ponto comum a ambos foi a preocupação em propiciar educação, esperança e apoio emocional aos estudantes durante todo o período de mudanças e incertezas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave:** Ensino médio; Metodologias de Ensino; Adaptações no Ensino; Professores de Matemática; Gestores Escolares.

## ABSTRACT

During the pandemic period caused by the spread of Covid-19, the Brazilian educational system adopted Emergency Remote Teaching (ERE), where teachers and students were connected through technology, ensuring the continuity of teaching without the need to be in the same physical space. However, in a socioeconomically unequal country such as Brazil, a teaching alternative that needed access to technological equipment and quality internet connection, the existing differences were accentuated. Many students found themselves deprived of access to education, teachers faced difficulties due to their lack of experience working with technology, and managers found themselves in the role of trying to alleviate the problems that arose. Thinking about these issues and considering the uncertainty of a return to previous teaching models, we undertook a qualitative research with professionals who worked in education in the years 2020 and 2021, with the general objective: to know the difficulties faced and the solutions adopted by the education systems. public and private education during the covid-19 pandemic. To assist in obtaining the results, we divided the research into two stages, each with a specific objective, namely: to identify difficulties faced by mathematics teachers in the transition from the face-to-face model to the remote and hybrid models; and understand the difficulties faced by the management body of secondary education institutions in adapting to remote and hybrid teaching. Each objective generated a scientific article with its own theoretical framework, methodologies and results, united to form the present dissertation, based on the multipaper writing model. Data were obtained through semi-structured interviews with professors and managers from different institutions. At the end of data collection and through its analysis, we were able to verify that, despite the different problems that each group faced, a common point for both was the concern to provide education, hope and emotional support to students throughout the period of changes and uncertainties. This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES) – Financing Code 001.

**Keywords:** high school; teaching methodologies; teaching adaptations; mathematics teachers; school administrators.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1. Como surgiu a pesquisa.....	9
1.2. Relevância da pesquisa.....	12
1.3. Objetivos da pesquisa.....	12
1.3.1. Objetivo geral.....	12
1.3.2. Objetivos específicos.....	13
<b>2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Abordagem qualitativa.....	14
2.2 Participantes da pesquisa.....	16
2.3 Material de coleta dos dados.....	17
2.4 Análise dos dados coletados.....	20
2.5 Estrutura da dissertação.....	20
<b>3. A ADAPTAÇÃO DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO DURANTE A PANDEMIA.....</b>	<b>23</b>
3.1. Introdução.....	23
3.2. Metodologia.....	25
3.2.1. Ensino remoto emergencial.....	26
3.2.2. O ensino híbrido.....	29
3.3. Resultados.....	30
3.4. Discussão.....	34
3.5. Considerações finais.....	37
3.6. Referências.....	38

<b>4.</b>	<b>MUDANÇAS NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO DURANTE A PANDEMIA.....</b>	<b>42</b>
<b>4.1.</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>44</b>
<b>4.2.1.</b>	<b>Mudanças nos modelos de ensino.....</b>	<b>45</b>
<b>4.2.2.</b>	<b>Metodologia da pesquisa.....</b>	<b>46</b>
<b>4.2.3.</b>	<b>O papel do corpo gestor.....</b>	<b>48</b>
<b>4.2.4.</b>	<b>O setor público e o setor privado de ensino.....</b>	<b>50</b>
<b>4.3.</b>	<b>Resultados.....</b>	<b>51</b>
<b>4.4.</b>	<b>Discussão.....</b>	<b>62</b>
<b>4.5.</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>69</b>
<b>4.6.</b>	<b>Referências.....</b>	<b>71</b>
<b>5.</b>	<b>REFLEXÕES.....</b>	<b>74</b>
<b>5.1.</b>	<b>Cruzamento dos objetivos com os dados.....</b>	<b>74</b>
<b>5.2.</b>	<b>Compreensão dos resultados.....</b>	<b>75</b>
<b>5.3.</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>77</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
<b>7.</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>82</b>
<b>7.1.</b>	<b>Roteiro das entrevistas.....</b>	<b>82</b>
<b>7.1.1.</b>	<b>Roteiro das entrevistas com os professores.....</b>	<b>82</b>
<b>7.1.2.</b>	<b>Roteiro das entrevistas com os diretores e coordenadores.....</b>	<b>82</b>
<b>7.2.</b>	<b>Transcrições das entrevistas dos diretores.....</b>	<b>83</b>
<b>7.3.</b>	<b>Tabela de análise das respostas dos professores.....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos um pouco sobre a pesquisa: como surgiu a ideia para tal, sua relevância para a pesquisa em educação e os objetivos gerais e específicos.

### 1.1 Como surgiu a pesquisa

Durante os últimos anos, a humanidade vem enfrentado diversas crises, como a climática, econômica e ambiental, além das guerras e da crescente fome que assolou a maioria dos lares. No fim de 2019, vimos o surgimento de uma nova crise no âmbito da saúde, o vírus *SARS-CoV-2*, conhecido como corona vírus. Em poucos meses o vírus foi se espalhando pelo mundo e no início de 2020 tivemos os primeiros casos da doença no Brasil.

Conforme o levantamento realizado por Cavalcante *et al.* (2020), devido ao crescente número de casos graves da doença e as consequentes mortes foi decretado em 30 de janeiro de 2020 Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), resultando em ações para reduzir a proliferação do vírus. Contudo, o número de casos continuou crescendo, chegando a mais de 110 mil casos distribuídos por 114 países, assim, em 11 de março foi decretado o estado de pandemia.

Com o decreto, o mundo inteiro foi afetado pelas mudanças impostas pelo enfrentamento ao vírus, impactando no fechamento do comércio, dos aeroportos, dos templos, dos espaços de lazer e das instituições de ensino, sendo mantidas apenas as atividades definidas como essenciais, porém, com a imposição de protocolos sanitários rígidos.

Cada país pôde adotar as medidas seguindo o que era determinado pelos seus sistemas de saúde e considerando as condições sociais de sua população. Países menos populosos conseguiram manter alguns serviços funcionando para públicos específicos, enquanto em países como o Brasil e a Índia, devido a sua grande população e extensão territorial, adotaram medidas mais rígidas de distanciamento social e restrição do funcionamento de serviços não essenciais para garantir o controle da proliferação do vírus e do número de internações decorrentes de casos graves (AQUINO *et al.*, 2020).

Com a rápida disseminação do vírus, o número de casos graves e mortes associadas ao mesmo foram crescendo diariamente. Sem previsão para a disponibilização de uma vacina e tendo em vista o alto risco de contágio, as empresas buscaram alternativas para manter as atividades em funcionamento, adotando um sistema já conhecido, porém pouco difundido: o *home office*.

Segundo Losekann e Mourão (2020), o chamado teletrabalho ou *home office* era uma prática já adotada em algumas empresas, todavia, com a difusão do vírus, sua aplicação se tornou urgente para o sistema empresarial, atingindo diversos trabalhadores, “O que era exceção virou regra.” (LOSEKANN; MOURÃO, 2020, p. 72). Deste modo, o modelo foi ganhando forças e se tornando um dos meios mais seguros para diminuir as demissões ocasionadas pelos fechamentos de empresas, reduzir a proliferação do vírus e evitar uma crise econômica ainda maior.

No Brasil, em 6 de fevereiro de 2020, foi publicada a lei nº13.979, que dispôs sobre as medidas de enfrentamento a serem adotadas no país. Entre essas medidas estava o isolamento e a quarentena, o que tornou inviável o ensino presencial, no entanto, segundo parecer publicado posteriormente pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), essa suspensão total das atividades presenciais de ensino ocorreu em março.

Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC), através da portaria nº 343, determinou a substituição das aulas presenciais pelo ensino no meio digital. O sistema adotado foi o de Ensino Remoto Emergencial (ERE), no qual professores e alunos se conectavam e comunicavam através da tecnologia, dando continuidade ao ano letivo. Em 28 de abril de 2020, o CNE, como demonstração de apoio ao ensino remoto “[...] lançou parecer tornando favorável a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do COVID – 19”. (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 1).

O ERE não deve ser confundido com o Ensino à Distância (EaD), pois, apesar de em ambos o ensino acontecer em um ambiente digital, no EaD é possível que os participantes do processo de ensino estejam em um mesmo ambiente físico, enquanto no ERE, é exigida uma separação geográfica entre os integrantes.

Segundo Behar (2020), esse ensino é chamado de remoto devido ao impedimento do acesso às instituições educacionais, por professores e alunos, imposto pelos decretos de contenção da disseminação. A autora fala ainda que o termo emergencial se refere ao fato de que o planejamento pedagógico, o qual é normalmente realizado no início do ano letivo, teve de ser “engavetado” do dia para a noite.

A adoção desse sistema, no entanto, não foi totalmente eficiente, já que, como em outras áreas, o sistema educacional não estava preparado para uma mudança tão radical. Logo, como notado por Charczuk (2020), isso acarretou em críticas e resistências dos envolvidos no

processo de ensino (professores, alunos e responsáveis), que se preocupavam com a desigualdade econômica e social existente no país e como isso resultaria na falta de acesso dessa parte da população aos recursos que possibilitassem o ensino remoto.

O sistema público de ensino do país não tinha estrutura para oferecer suporte aos seus alunos ou professores nesse momento, em vista disso, segundo Costa e Nascimento (2020, p. 2), as mudanças adotadas tornaram evidentes as desigualdades “[...] que até então, pareciam camufladas pelo acesso ao ensino de forma presencial nas salas de aula. Alguns aspectos se tornaram ainda mais visíveis, como a desigualdade social, tecnológica e econômica”.

A falta de acesso à tecnologia foi um problema enfrentado por professores e alunos, sendo que, em alguns casos, o acesso à própria internet era inexistente, impossibilitando o ERE para esses. Ademais, os docentes vindos de cursos com grades curriculares desatualizadas e sem incentivo para buscar uma formação continuada enfrentaram grandes dificuldades na adaptação para o ensino virtual.

Mesmo com todas essas dificuldades e considerando o aumento de casos que vinha acontecendo, o CNE publicou em outubro de 2020 um parecer favorável à permanência das instituições de ensino nos modelos de ensino remoto até dezembro de 2021, mas dando autonomia para que elas iniciassem o modelo de ensino híbrido caso isso fosse aplicável no estado ou cidade onde a instituição estava situada.

Isto posto, foi um longo período em que o ensino ocorreu de forma remota, sendo que, mesmo na retomada gradual ao ensino presencial, ainda houve grande necessidade por meios tecnológicos, já que no sistema de ensino híbrido uma parte dos discentes ainda permanecia em isolamento.

No sistema privado, apesar de haver uma estrutura melhor para atender ao seu público, havia o desafio da desmotivação em um momento tão delicado como o que estava sendo vivenciado, dificultando a permanência da atenção dos alunos e do interesse nos estudos.

Fosse ao âmbito público ou privado, vários problemas foram surgindo nesse período, de modo que diversas leis e decretos foram lançados durante esse tempo a fim de minimizar as perdas na educação, mas, ainda sim, foram diversas perdas e problemas que mostrarão seus efeitos nos próximos anos, cabendo a nós, pesquisadores, tentar entender a repercussão que o isolamento social, o ensino remoto e o ensino híbrido trarão para o futuro da sociedade e da educação brasileira.

## **1.2 Relevância da pesquisa**

Ao longo do tempo a humanidade enfrenta mudanças em sua organização, essas podem ser decorrentes de problemas evidenciados pela evolução ou pelas crises. Essas mudanças podem ocorrer em setores específicos como a política, organização do trabalho e até mesmo na educação. O estudo das situações que levaram a reorganização das áreas citadas serve de base para entender suas implicações e como essas poderão influenciar o futuro da humanidade.

Em um contexto de pressões sociais como o que foi vivenciado durante o período pandêmico, do desejo do pesquisador de entender as implicações do momento e das políticas públicas adotadas para enfrentá-los (BORBA; ALMEIDA; GRACIAS, 2019) surgem os mais diversos objetivos de pesquisa.

As adaptações tomadas no início da pandemia foram sendo reformuladas ao longo dos meses, as leis criadas para garantir o acesso ao ensino foram adaptadas à realidade de cada instituição, as ferramentas utilizadas foram modificadas e atualizadas, e os profissionais da educação buscaram a evolução de suas metodologias e didáticas.

“Muitos são os relatos, depoimentos e narrativas que podem ser acompanhados, [...] que tratam de impasses, desafios, sofrimento e invenções das famílias, crianças e professores nesses meses de confinamento e afastamento da escola.” (CHARCZUK, 2020, p. 7-8). Isto posto, a pesquisa sobre os efeitos da pandemia vem para podermos reunir e analisar aspectos específicos dos desafios enfrentados.

Para entendermos o que realmente funcionou para o ensino e o que pode ser replicado nos próximos anos, é necessário uma análise das soluções adotadas pelas instituições, pontuando o que realmente foi eficaz e o que não foi, e o porquê da ineficácia. Para tal, devemos procurar os profissionais que atuaram nesse cenário: professores e gestores, sendo esses os mais aptos a falar sobre o que foi útil ao ensino.

## **1.3 Objetivos da pesquisa**

A presente pesquisa tem um objetivo geral trabalhado nos dois artigos que compõem a dissertação e dois objetivos específicos divididos entre os artigos resultantes, possibilitando que o tema fosse abordado com públicos diferentes, de modo a ampliar a visão sobre o tema escolhido.

### **1.3.1 Objetivo geral**

Conhecer as dificuldades enfrentadas e as soluções adotadas pelos sistemas de ensino público e privado durante a pandemia da covid-19.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

- Identificar dificuldades enfrentadas por professores de matemática na transição do modelo presencial para os modelos remoto e híbrido;
- Compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido.

## 2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Já havendo apresentado as inquietações que resultaram neste trabalho, neste capítulo trazemos a metodologia desenvolvida, pois, como dito por Borba, Almeida e Gracias (2019), ao iniciarmos a pós-graduação temos de desenvolver uma pesquisa, o que necessita de uma pergunta/objetivo e da elaboração de uma metodologia de pesquisa.

Neste tópico serão explorados: o tipo de pesquisa realizada, os participantes, materiais utilizados para a coleta dos dados, métodos escolhidos para a análise dos dados obtidos e o modelo de escrita adotado nesta dissertação.

### 2.1 Abordagem qualitativa

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e se baseia nas definições de Goldenberg (2004), Bogdan e Bliklen (1994), Chaczuk (2021) e Lüdke e André (1986). Goldenberg (2004, p. 49-50) define que “[...] os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado”, ou seja, traz os diferentes pontos de vista daqueles que compõem o público da pesquisa sobre o problema em debate.

A autora também alerta que “O contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa.” (GOLDENBERG, 2004, p. 45). Isto posto, além da visão dos pesquisados, também temos a opinião do autor sobre tudo o que foi vivenciado ao longo do processo.

Bogdan e Biklen (1994) definem cinco características da pesquisa qualitativa:

*1: Na pesquisa qualitativa os dados são coletados no ambiente dos pesquisados, sendo que o pesquisador é a própria ferramenta da coleta dos dados.* Os supracitados autores acreditam que nesse modelo de pesquisa é necessário o contato direto entre o investigador e o ambiente de investigação, e mesmo que se utilizem de instrumentos de gravação, ainda é natural que o pesquisador venha a se utilizar de blocos de anotação para conseguir uma quantidade de dados suficiente para seus objetivos.

Para a presente pesquisa, a coleta dos dados foi empreendida dentro das instituições participantes, propiciando uma visão das adaptações dos ambientes físicos e também da rotina dos integrantes da comunidade escolar. Bogdan e Biklen (1994) defendem que ao ser inserido no ambiente dos pesquisados, o pesquisador tem uma melhor visão sobre o contexto deles, podendo ainda observar e compreender as ações dos participantes. No presente trabalho, ao colocar o pesquisador também como observador da rotina escolar, foi possível visualizar, para



além dos relatos, as interações entre os gestores, professores, alunos e demais funcionários das instituições.

2: *A investigação qualitativa é descritiva.* Os dados obtidos não são reduzidos a números. O pesquisador traz em suas publicações as falas dos participantes. É preciso traduzir em palavras o vivenciado pelo pesquisador, suas gravações em áudio ou em vídeo, fotografias, seus blocos de notas, documentos e qualquer outro registro obtido. O texto pode por muitas vezes se tornar longo, dado que sua natureza dificilmente pode ser reduzida em tabelas ou gráficos.

Nesse trabalho, ao fim da coleta, foram realizadas as transcrições das falas, buscando traduzir de forma fiel tudo o que foi dito pelos participantes, criando uma base de dados extensa, porém, repleta de significados e visões únicas dos entrevistados.

3: *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.* O pesquisador se interessa pelos acontecimentos, busca entender como os problemas podem se manifestar no cotidiano e tenta entender, através da observação no ambiente de pesquisa, as soluções e dificuldades enfrentadas pelos participantes da pesquisa.

Esse interesse leva o pesquisador a disponibilizar um maior tempo para se dedicar a coleta dos dados, “[...] as pessoas que um pesquisador qualitativo estuda, em geral, são observadas de diferentes maneiras durante um longo período de tempo, o que torna mais difícil que elas fabriquem o seu comportamento durante toda a duração da pesquisa” (GOLDENBER, 2004, p. 46-7), garantindo assim o máximo de veracidade nos dados coletados.

O trabalho foi realizado após o início do ensino híbrido, permitindo que pesquisador e pesquisados pudessem estar em um mesmo ambiente, para que além de observar as mudanças no espaço físico, fossem observados também os profissionais, se aparentavam cansaço, satisfação, angústia ou qualquer outro sentimento que deixamos transparecer em nossos modos, posturas ou tons ao falar.

O próprio modelo de coleta dos dados foi pensado para que houvesse uma maior interação entre o investigador e os investigados, sendo que esse aspecto será abordado com maior profundidade em um capítulo posterior do trabalho.

4: *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.* O pesquisador não busca confirmações para sua hipótese, ao invés disso, busca dentro do que coletou fazer uma espécie de “funil” onde os dados são separados e serão tratados conforme o

que se torna importante. Vale ressaltar que os objetivos, as categorias de análise e o agrupamento de dados podem mudar ao longo do processo de tratamento das informações obtidas.

5: *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.* Nesse tipo de pesquisa a opinião e a visão dos participantes é de maior importância, o investigador deve se atentar o máximo possível a visão que os participantes tem sobre o assunto, buscando extrair não números ou dados estatísticos, mas diferentes pontos de vista daqueles que vivenciaram a situação que deu origem a pesquisa. Os resultados podem ou não se assemelhar a visão inicial que o pesquisador tinha, sendo que a refutação de sua visão é uma possibilidade que deve ser considerada durante o processo.

Ao longo da análise dos dados, cada entrevista foi estudada individualmente, buscando entender a visão de cada participante e como as situações abordadas foram interpretadas por eles, podendo encontrar semelhanças ou divergências entre as opiniões. No que concerne as dificuldades enfrentadas e soluções adotadas, houve uma expansão nos resultados da pesquisa ao longo do processo de análise, visto que, o foco que antes volta-se as dificuldades e soluções, passou a abranger também o contexto que as desencadeou.

Ao trabalhar com um grupo com integrantes diversificados, é preciso estudá-los individualmente, fosse por questões de formação, tempo de atuação, faixa etária, modelos de ensino em que atuaram ou outros aspectos individuais, cada um teve uma visão única e com mérito próprio para a construção dos resultados da pesquisa.

Vale ressaltar que os próprios Bogdan e Blikem (1994, p. 47) observam que um estudo classificado como qualitativo não precisa obrigatoriamente seguir à risca essas cinco características, podendo inclusive não obedecer a uma ou mais delas.

## **2.2 Participantes da pesquisa**

Considerando os objetivos da pesquisa e buscando uma visão dos profissionais que atuaram na educação durante o período em análise, foram escolhidos para participar da coleta: professores de matemática do ensino médio que atuaram durante os anos de 2020 e/ou 2021, diretores e coordenadores pedagógicos dessas instituições.

A pesquisa foi realizada em quatro escolas, sendo duas do sistema público (uma delas do estado do Ceará e outra do estado da Paraíba) e duas do sistema privado (ambas do estado da Paraíba). Sendo a pesquisa de cunho qualitativo e considerando as diferentes abordagens

possíveis dentro do corpo docente e gestor foram entrevistados: quatro professores, quatro diretoras e dois coordenadores, tornando possível um maior aprofundamento nas questões abordadas.

Como defendido por Goldenberg (2004), a pesquisa qualitativa possibilita a troca de uma quantidade maior de participantes por um maior aprofundamento nas opiniões e visões que um pequeno grupo tem sobre o tema em pesquisa. A supracitada autora fala ainda que “O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas.” (GOLDENBERG, 2004, p 50).

Deste modo, foi possível um aprofundamento maior na coleta dos dados, dedicando uma quantidade de tempo à escuta e à análise das falas dos pesquisados, o que não aconteceria mediante um grande grupo de participantes. Perante a escolha entre uma investigação aprofundada das opiniões de poucos participantes ou muitos participantes e menos perguntas para estes, optamos por um público reduzido, conseguindo, deste modo, uma visão profunda e sincera de suas diferentes opiniões.

A análise dos pontos de vista dos docentes, em contrapartida, ao dos gestores escolares, possibilita uma melhor discussão sobre o que foi realizado, os reais impedimentos e as dificuldades, por trazer uma visão dos diferentes setores de uma instituição de ensino. Como defendido por Goldenberg (2004), essa observação aprofundada diminui o risco de que o autor traga seus preconceitos e julgamentos prévios para as suas conclusões.

### **2.3 Material de coleta dos dados**

Para a coleta dos dados o método escolhido foi a entrevista, porque através dela conseguimos ouvir a opinião de cada participante de forma individual, permitindo que informações que não ficaram compreensivas ao fim de uma resposta possam ser explicadas, o que não ocorreria no caso da aplicação de questionários.

Nas entrevistas temos uma maior abertura para a conversa e para que se consiga respostas satisfatórias às questões levantadas, como defendido por Lüdke e André (1986, p. 34): “[...] a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado”.

Em seu trabalho, Goldenberg (2004) apresenta uma lista de vantagens e desvantagens da escolha desse método para a coleta dos dados em uma pesquisa em detrimento dos demais métodos. Entre as vantagens estão: as pessoas preferem falar a escrever; a possibilidade de observar os aspectos não verbais do entrevistado, verificando contradições; possibilita um

aprofundamento no assunto tratado; é o instrumento que possibilita entender melhor assuntos complexos; e estabelece uma melhor relação entre entrevistador e entrevistado, facilitando o levantamento de dados.

Em uma pesquisa onde buscamos a verdadeira opinião dos participantes sobre o assunto, as vantagens listadas são realmente um grande ponto positivo, afinal, queremos que nossos entrevistados se abram conosco, o que só ocorre em um ambiente de confiança e respeito entre pesquisador e pesquisados.

No entanto, temos que atentar as desvantagens desse método. Segundo Goldenberg (2004), o entrevistador ao estabelecer a relação com o entrevistado pode acabar o afetando e, conseqüentemente, as suas respostas; existe dificuldade em determinar um nível adequado de relacionamento entre os participantes, onde uma relação mais íntima pode resultar na perda da objetividade de uma ou ambas as partes; esse método exige um maior tempo e dedicação do pesquisador; as respostas por apresentarem opiniões podem ser difíceis de comparar e analisar; e o pesquisador acaba por ficar dependente dos desejos do pesquisado, sua abertura para falar e o que prefere ocultar.

Cabe então ao pesquisador usar de suas habilidades sociais e de sua sabedoria para definir os limites da relação estabelecida, o que pode vir a se tornar um problema quando não for bem definido, pois diferente de “[...] outros instrumentos de pesquisa que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, [...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33), tomando cuidado também para não deixar que suas ideias e conclusões sejam influenciadas pelo outro.

Uma alternativa que visa facilitar o trabalho do pesquisador para conseguir alcançar seus objetivos é a adoção do modelo de entrevistas semiestruturadas, tendo em vista que ela se desenrola seguindo um roteiro básico, mas não tão rígido quanto uma entrevista convencional, possibilitando as adaptações necessárias durante o processo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Ao optar pela entrevista semiestruturada, pesquisador e pesquisado tem maior liberdade ao discorrer sobre um assunto, visto que, tanto o pesquisador pode mudar a ordem ou até mesmo a forma de levantar um questionamento para que a linha de raciocínio flua de maneira mais simples quanto o entrevistado pode se sentir livre para estender ou até mesmo exemplificar detalhes de sua fala, logo, “Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação

mútua, as informações fluirão e maneira notável e autêntica” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34) o que, logicamente, prezamos dentro da coleta.

Para este trabalho foram elaborados dois questionários-base: um para docentes e outro para gestores. A entrevista semiestruturada, nesse caso, se apresenta como o modelo mais adequado para a pesquisa em educação, porque ao tratarmos sobre os aspectos inerentes a escola, seus componentes, o espaço que a instituição representa para a sociedade e a comunidade na qual está inserida e tudo mais que possa estar englobado no seu funcionamento adequado, segundo Lüdke e André (1986, p. 36) “[...] ao entrevistarmos professores, diretores, [...] não lhes estaremos certamente impondo uma problemática estranha, mas, ao contrário, tratando com eles de assuntos que lhes são muito familiares, sobre os quais discorrerão com facilidade”.

Por mais que busquemos referências e exemplos de como proceder nas entrevistas que realizamos, não é possível encontrar uma receita pronta, é preciso nos adaptar a cada pessoa e caso, tendo em vista que uma forma de proceder pode funcionar com alguns e com outros não, por isso, contamos sempre com o empenho do pesquisador e de sua disposição para alcançar seus objetivos, aliados, portanto, ao que é dito por Lüdke e André (1986, p 36): “Não há receitas infalíveis a serem seguidas, mas sim cuidados a serem observados e que, aliados à inventiva honesta e atenta do condutor, levarão a uma boa entrevista”, viabilizando resultados satisfatórios à suas inquietações.

Por fim, resta um aspecto atrelado ao uso de entrevistas, qual a forma que esses dados serão registrados? As principais formas apresentam vantagens e desvantagens, sendo elas a gravação dos participantes e das anotações durante a entrevista. Lüdke e André (1986) apontam que a gravação, apesar de deixar o pesquisador livre para dedicar toda sua atenção à entrevista, acaba por não registrar tudo o que ocorreu, por captar apenas as expressões orais, como mudanças no tom e desvios na fala, deixando de fora todas as expressões não orais: gestos, postura e expressões faciais, tornando ainda um possível fator de constrangimento, já que nem todos se sentem à vontade ao serem gravados, mesmo que apenas a voz.

Ao realizar anotações podemos fazer referências às expressões não verbais do entrevistado e deixar o participante mais à vontade, porém, é um processo que aumenta o tempo da entrevista e pode prejudicar os resultados devido à habilidade necessária para a tarefa de escutar e redigir simultaneamente, correndo o risco de deixar alguns detalhes importantes de fora.

Para o presente estudo, a gravação foi escolhida como o principal meio para registrar as respostas e alguns aspectos não verbais que surgiram ao longo das entrevistas foram anotados em pequenos blocos, a fim de auxiliar no processo da transcrição, o que dialoga com a defesa feita por Lüdke e André (1986, p. 38) ao dizer que: “A escolha de uma ou outra forma de registro será feita em função de vários fatores, como vimos, e também da preferência, do estilo de cada entrevistador. Em alguns casos, é possível até utilizar as duas formas concomitantemente”, garantindo que o pesquisador consiga os dados que precisa, sem abusar do tempo disponibilizado pelos pesquisados e fazendo com que esse processo seja o mais leve possível para os participantes.

#### **2.4 Análise dos dados coletados**

Os dados foram obtidos através da gravação das vozes dos participantes e de anotações realizadas ao longo das entrevistas. Todas as gravações foram posteriormente transcritas e corrigidas conforme as anotações. Lüdke e André (1986) apontam que para a tarefa da análise é preciso, primeiramente, uma organização desse material e sua separação por padrões e tendências, para num momento posterior serem avaliados em busca de relações num nível mais elevado.

Para efetuar a separação por tema, as respostas foram organizadas em forma de tópicos em uma tabela, em que cada fala dos participantes foi resumida para facilitar esse processo organizacional. Os supracitados autores apontam que essa primeira categorização pode ou não ser suficiente para a análise, sendo que, caso não sejam, podem ser criadas categorias para abranger aspectos que surgiram ao longo da análise.

Goldenberg (2004, p. 49) reforça essa posição ao defender que “[...] as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações”, afinal, o ato de compreender está ligado a natureza humana, ele se modifica ao longo do tempo e da análise das situações.

#### **2.5 Estrutura da dissertação**

No entanto, não basta apenas realizar a pesquisa, é preciso que haja divulgação de seus resultados e discussão sobre suas implicações. De acordo com Mutti e Klüber (2018, p. 4), no meio acadêmico, em particular no mestrado, esse movimento de socialização ocorre através da publicação da dissertação, onde o pesquisador apresenta seus pensamentos e suas percepções

sobre o que foi investigado, possibilitando a expansão das conclusões obtidas e diferentes análises de seus resultados.

Goldenberg (2004) defende que ao emprendermos na escrita de um trabalho acadêmico, que visa o compartilhamento dos resultados que obtivemos ao longo da pesquisa, devemos tornar as etapas do trabalho “[...] claras para aqueles que não participaram da pesquisa, através de uma descrição explícita e sistemática de todos os passos do processo, desde a seleção e definição dos problemas, até os resultados finais pelos quais as conclusões foram alcançadas e fundamentadas”. (p. 48-9). E para alcançar tal feito, devemos escolher um modelo de escrita e nos atermos a ele.

Dentro da escrita acadêmica temos o formato tradicional de dissertação, que envolve um trabalho final mais extenso e seguindo uma estrutura linear, e temos o formato alternativo ou *multipaper* que “[...] refere-se à apresentação de uma dissertação ou tese como uma coletânea de artigos publicáveis, acompanhados, ou não, de um capítulo introdutório e de considerações finais”. (MUTTI; KLÜBER, 2018, p. 4). O formato, apesar de relativamente novo no meio da educação, já vem sendo adotado em diversos países, e lentamente vem se expandindo na comunidade acadêmica internacional e atingindo, dessa forma, a esfera da educação matemática (COSTA, 2014).

Essa expansão pode ser entendida como um movimento de aceitação ao formato que tanto difere do modelo tradicional de monografia. “Um dos aspectos que nos levam a considerar esse movimento é o aceite desse formato por programas de pós-graduação *stricto sensu* com reconhecida experiência no desenvolvimento de pesquisas nas áreas de Educação, Ciências e Educação Matemática [...]”. (MUTTI; KLÜBER, 2018, p. 11).

Apesar de tudo isso o modelo ainda levanta diversas discussões, por diversas vezes propiciar a “quebra” da tese ou dissertação em dois ou mais artigos que “Por mais que apresentem discussões que estejam inter-relacionadas esses artigos podem ser submetidos e publicados separadamente, em diferentes periódicos” (MUTTI; KLÜBER, 2022, p. 43) levando a estruturas diferentes entre os artigos. Neste trabalho foram escritos dois artigos distintos, sendo o primeiro deles previamente publicado e o segundo a ser publicado apenas após a defesa.

Essa dissertação é composta por cinco capítulos, sendo o primeiro introdutório, onde são apresentados o contexto e as inquietações que deram origem ao projeto de pesquisa, um panorama sobre a relevância do tema abordado e os objetivos gerais e específicos que buscamos alcançar ao longo do curso de mestrado e da realização da investigação.

O segundo capítulo é composto pela metodologia de pesquisa que traz uma visão sobre o modelo de pesquisa qualitativa e os autores em quem nos baseamos ao longo do processo de pesquisa e escrita, os instrumentos escolhidos para a coleta dos dados, bem como as fundamentações que os validam, uma breve apresentação sobre os participantes da pesquisa e os norteadores do processo de análise dos dados obtidos.

O terceiro capítulo apresenta o primeiro artigo resultante da pesquisa realizada. No artigo foram abordados os problemas e as soluções adotados pelos professores de ensino médio para a adaptação aos modelos de ensino que surgiram ao longo da pandemia. Sendo esse intitulado: *A adaptação dos professores de matemática do ensino médio para o ensino durante a pandemia*, o qual já foi aprovado e publicado em uma revista especializada da área da pesquisa em educação.

No quarto capítulo é apresentado o segundo artigo, que buscou responder ao segundo objetivo específico deste trabalho, através da investigação realizada com o corpo gestor das instituições, buscando entender as adaptações realizadas pelos colégios, as mudanças na estrutura escolar e os cuidados tomados para garantir o acesso à educação ao longo do período pandêmico. Tem por título: *Mudanças no ensino público e privado durante a pandemia*, o qual será posteriormente publicado.

No capítulo final desta dissertação, apresentamos as conclusões e considerações sobre o tema proposto inicialmente, além dos resultados encontrados. É feita a retomada entre o objetivo geral e os artigos, apresentando uma análise do que foi alcançado na pesquisa e como os trabalhos se relacionam entre si.



### 3. A ADAPTAÇÃO DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO DURANTE A PANDEMIA

**Resumo:** Com a chegada do COVID-19 ao Brasil no ano de 2020 foi necessário que houvesse ações para tentar amenizar a propagação do vírus, entre as medidas adotadas estava a paralisação das aulas. Na tentativa de manter o máximo de isolamento social muitas empresas empregaram o trabalho remoto, onde os funcionários trabalhavam de suas casas, seguindo esse exemplo foi implementado no país o Ensino Remoto Emergencial (ERE), modelo no qual os alunos conseguiram ter acesso às aulas em suas casas. Posteriormente, com o avanço da vacinação no país, foi adotado o ensino híbrido. No entanto, o sistema educacional sofreu com essa mudança, visto que, boa parte dos profissionais não estavam habituados ao trabalho com tecnologia em suas aulas. Este artigo trata de uma pesquisa desenvolvida através de entrevistas semiestruturadas com professores de matemática do ensino médio que atuaram nos anos de 2020 e 2021, com o objetivo de identificar dificuldades enfrentadas por professores de matemática na transição do modelo presencial para os modelos remoto e híbrido. É possível perceber a preparação praticamente inexistente que esses profissionais receberam ao longo de suas formações, sua preocupação com a aprendizagem dos alunos e a dificuldade em se adaptar ao uso da tecnologia como ferramenta de ensino. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave:** ensino remoto; ensino híbrido; tecnologia; aprendizagem.

**Abstract:** With the arrival of COVID-19 in Brazil in 2020, it was necessary to take actions to try to mitigate the spread of the virus, among the measures adopted was the closing of schools and consequently a stoppage in classes. In an attempt to maintain maximum social isolation, many companies used remote work, where employees worked from their homes, following this example, Emergency Remote Teaching (ERE) was implemented in the country, a model in which students were able to access classes in their homes. Later, with the advancement of vaccination in the country, hybrid teaching was adopted. However, the educational system suffered from this change as most professionals were not used to working with technology in their classes. This article deals with a research developed through semi-structured interviews with high school mathematics teachers who worked in the years 2020 and 2021 with the objective of identifying difficulties faced by mathematics teachers in the transition from the face-to-face model to the remote and hybrid models. It is possible to perceive the practically non-existent preparation that these professionals received throughout their training, their concern with student learning and the difficulty in adapting to the use of technology as a teaching tool. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

**Keywords:** remote teaching; blended teaching; technology; learning.

#### 3.1 Introdução

Com as mudanças decorrentes da pandemia as escolas tiveram que adaptar o ambiente de trabalho, a dinâmica das aulas e o novo espaço de convivência. Os professores reformularam

suas metodologias e seus planejamentos; a execução das aulas, bem como as reuniões passaram a acontecer em suas próprias residências e os materiais de trabalho foram reajustados para atender o novo momento. Com a necessidade do distanciamento social e a fim de evitar a disseminação do vírus, as aulas passaram a acontecer no modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), tendo como principal meio de acesso os celulares e *notebooks*, utilizando *softwares*, redes sociais, plataformas de vídeo e salas de aula virtuais.

Com a implementação do ensino remoto os professores precisaram reinventar suas aulas e aprender a lidar com diferentes tecnologias e recursos, assim, foram inseridos no mundo virtual de uma maneira jamais pensada, assimilando e assumindo o papel de roteiristas, produtores e editores de suas videoaulas, em um período muito curto e com acesso limitado a recursos, estrutura, capacitação e internet de qualidade.

Muitos desafios surgiram e esses foram somados aos já existentes, professores com formação divergente da área de ensino que exercem, cursos com estrutura curricular desatualizada, a baixa quantidade de professores que tiveram acesso à formação continuada, ao aperfeiçoamento ao longo da carreira do magistério e à própria falta de estrutura tecnológica tanto das escolas quanto dos profissionais, acarretaram na necessidade de utilizar materiais próprios para a execução de suas aulas e, ainda, com o aumento da carga horária para conseguir arcar com a demanda por materiais tanto explicativos quanto avaliativos.

Apesar de algumas formações terem sido disponibilizadas durante o período de transição para o ensino remoto, as plataformas utilizadas pelos docentes estão em constante atualização por seus desenvolvedores para melhor atender a quantidade crescente de usuários. A mudança de interfaces a cada nova versão tem tornado a adaptação dos professores ainda mais conturbada e dificultado o planejamento de aulas em longo prazo, afetando a qualidade do trabalho, exigindo uma dedicação cada vez maior e refletindo no processo de avaliação da aprendizagem dos alunos.

Com o início da vacinação, a redução do número de casos ativos e graves de COVID-19 e a conseqüente baixa nas internações, as cidades começaram a flexibilização nas medidas preventivas da disseminação, sendo assim, as escolas vêm ao longo do ano de 2021 reabrindo de forma gradual para o ensino presencial e inserindo os professores e alunos no modelo de ensino híbrido. A nova transição entre modelos de ensino vem ocorrendo de forma menos drástica do que a anterior, mas, mesmo assim, apresenta suas próprias dificuldades.

Tendo em mente o atual cenário da educação, as mudanças impostas pelo ensino remoto emergencial, pelo ensino híbrido e pelo curto período que os professores tiveram para se adaptar, a atual pesquisa buscou, através de entrevistas semiestruturadas com professores de matemática do ensino médio que atuaram nos anos de 2020 e 2021, identificar dificuldades enfrentadas por professores de matemática na transição do modelo presencial para os modelos remoto e híbrido.

### **3.2 Metodologia**

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, que tem por instrumentos de coleta: entrevistas, observações realizadas, filmagens, anotações ou outros meios, onde em junção com a visão de conhecimento das dimensões subjetivas e objetivas do conhecimento formam a metodologia de pesquisa (BORBA; ALMEIDA; GRACIAS, 2018). Além de possibilitar uma visão ampla das diferentes opiniões dos entrevistados, por ter sido realizada presencialmente, as entrevistas possibilitaram que fossem levadas em consideração para a análise dos dados não apenas as respostas dadas, mas também as expressões e os comportamentos dos participantes durante a coleta dos dados.

Os instrumentos de coleta foram entrevistas semiestruturadas, onde os entrevistados tiveram suas vozes gravadas e posteriormente transcritas, assim como anotações realizadas durante as gravações. A entrevista foi realizada com base em um roteiro semiestruturado onde a conversa com os entrevistados “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34) facilitando a comunicação e, conseguindo assim, as respostas para os problemas propostos na pesquisa.

As perguntas foram sendo adaptadas durante a conversa de modo que as entrevistas fluíssem da forma mais simples possível, seguindo o roteiro base composto por 12 perguntas, sendo elas:

1. Qual sua formação e a quanto tempo atua no ensino de matemática?
2. Você está atuando em qual modalidade de ensino durante a pandemia?
3. Quais as plataformas que você utilizou para dar aulas?
4. Quais tecnologias você tem utilizado em suas aulas?
5. Quais as principais dificuldades que você tem enfrentado com relação a adaptação para as aulas virtuais?

6. Antes da pandemia você utilizava alguma tecnologia digital em suas aulas? De que forma? Foi possível continuar a utilizá-la?
7. Durante sua formação você cursou disciplinas ou participou de algum projeto que de alguma forma te preparou para o uso de tecnologias em sala de aula?
8. Houve alguma orientação ou preparação oferecidas a você que ajudaram na transição para esse novo modelo de ensino? De que forma?
9. Como você avaliou a aprendizagem dos alunos durante o ano de 2020?
10. Como tem sido o seu planejamento de aulas para o ano de 2021?
11. Quais as dificuldades que ainda encontra nesse ano com relação ao ensino, são as mesmas ou surgiram novas?
12. Você acredita que está havendo uma aprendizagem significativa por parte de seus alunos?

Foram entrevistados 4 professores de matemática que atuaram na educação, pelo menos durante os anos de 2020 e 2021, sendo esses de quatro escolas diferentes: duas da rede pública estadual e duas da rede privada. Três dos professores que participaram têm formação em matemática. O professor A possui pós-graduação em ensino de matemática e docência no ensino superior, exercendo a profissão há 11 anos; a professora B exerce há 2 anos; a professora C há 22 anos e a professora D, que possui formação em ciências com habilitação em matemática, atua no ensino há 34 anos.

### **3.2.1 Ensino remoto emergencial**

Durante o ano de 2020 tivemos o início da pandemia do COVID-19 e o surgimento dos primeiros casos no Brasil em meados de março. Com o avanço do vírus “[...] os cidadãos, tomados de pânico, constatavam que os serviços nacionais de saúde não estavam preparados para combater a pandemia e exigiam que o Estado tomasse medidas eficazes para evitar a propagação do vírus” (SANTOS, 2020, p. 14), assim, na tentativa de frear a disseminação da doença, as secretarias e os conselhos de ensino adotaram como solução o fechamento provisório das instituições da rede pública e privada de ensino, porém, com o crescente número diário de novos infectados e mortos, sem a perspectiva da disponibilização de uma vacina ou outra medida eficiente para a segurança da população, foi preciso buscar uma estratégia para que os alunos não fossem prejudicados.

Seguindo o exemplo de empresas que adaptaram o ambiente de trabalho para que os funcionários conseguissem prosseguir com suas atividades de modo remoto, em 17 de março do mesmo ano através da portaria nº 343, foi determinado que as aulas presenciais deveriam ser substituídas por aulas em meios digitais. Foi iniciado então o modelo denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE), definido por Behar (2020) como o modelo de ensino no qual: “[...] a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem [...] no espaço de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de forma assíncrona”.

O AVA, definido como um espaço que “[...] praticamente não impõe restrições de tempo ou de espaço em seu *modus operandi*” (GALAFASSI; GLUZ; GALAFASSI, 2013, p. 42), dado seu modo de acesso remoto e disponível a partir de qualquer dispositivo com acesso à internet, onde “Alunos e professores podem acessar o ambiente a qualquer hora e lugar. Ferramentas disponíveis nesse tipo de ambiente permitem a comunicação entre os alunos e professores, ou entre os próprios alunos, de forma quase imediata” (GALAFASSI; GLUZ; GALAFASSI, 2013, p. 42), tornando o uso deste a opção mais adequada ao momento.

Porém, essa solução não foi totalmente eficiente para os sistemas de ensino, pois, por mais que estejamos em um mundo informatizado, infelizmente o uso de tecnologia em sala de aula é um problema. Como explicado por Valencia (2020, p. 2) “Por vezes é escassa a presença de ferramentas tecnológicas na sala de aula, noutros casos a falta de experiência com o uso deste tipo de recursos faz o professor deixar de utilizá-los e limita o uso que os seus alunos podem fazer deles [...]”. Fosse por carências durante a formação inicial desses profissionais, pela falta de um plano de carreira que os incentivasse a buscar aperfeiçoamento ao longo dos anos ou até mesmo a falta de acesso à tecnologia, os docentes tiveram que fazer o melhor possível para se adaptar.

O período de transição para o novo modelo de ensino evidenciou as carências que os profissionais traziam com relação à tecnologia, problemas como: “[...] a falta de formação específica para professores e o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos, como computadores e internet de qualidade” (SILVA; PETRY; UGGIONI, 2020, p. 22), e o curto prazo que estes tiveram para adquirir e aprender a utilizar os recursos necessários para a realização das atividades de ensino em AVA, tornou o processo de adaptação mais difícil.

Por conta das limitações, dificuldades e do pouco contato que os professores tinham com os AVA ocorreu o problema, chamado por Araújo Jr e Marquesi (2008, p. 360), de *transposição*, onde os professores na mudança de ambientes de ensino acabam por usá-los para disponibilizar aos alunos virtualmente os mesmos materiais que seriam repassados presencialmente, situação para a qual os autores supracitados chamam atenção, pois, ao realizar essa transposição sem levar em conta os recursos disponíveis e sua adequação a estratégia de ensino, os professores deixam de explorar as potencialidades desses recursos.

Além das questões de adaptação dos professores precisamos levar em conta a disparidade que existe entre os alunos dos sistemas públicos e privados de ensino, onde temos situações em que “[...] enquanto alunos de escola particular aprendem por meio de recursos tecnológicos, como vídeos ao vivo ou gravados, muitos estudantes de escolas públicas sequer têm acesso a internet.” (LEITE; CARVALHO, 2020, p. 7), um problema que poderia implicar na exclusão destes em um modelo de ensino que acontecesse apenas no meio digital. Para tentar contornar a situação foi determinado no parágrafo 5 da Lei nº 14.040 que “os sistemas de ensino que optarem por adotar atividades pedagógicas não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual deverão assegurar em suas normas que os alunos e os professores tenham acesso aos meios necessários para a realização dessas atividades.” (BRASIL, 2020).

Assim, cada instituição “[...] adotou diferentes estratégias para garantir acesso aos alunos em vulnerabilidade social, as quais vão desde concessão de auxílio para o pagamento de planos de dados móveis até empréstimos de *tablets* e computadores institucionais” (SÁ; ROVETTA, 2021, p. 43), mas como nem todas as escolas contavam com recursos suficientes para tanto, muitas passaram a disponibilizar materiais impressos para os alunos que não tinham acesso ao AVA. Logo, os professores, além de adaptarem suas aulas para o espaço digital e formularem atividades que pudessem ser aplicadas nesse modelo de ensino, tiveram ainda que preparar outros materiais equivalentes para aqueles que não estavam tendo acesso às aulas síncronas e/ou aos materiais disponibilizados virtualmente.

Com tudo isso, a carga de trabalho e a pressão sobre os docentes continuou crescendo, tendo em vista que, em adição ao que já foi citado, os professores precisaram lidar ainda com a falta de estrutura e dispositivos para preparar todo esse material, muitas vezes usando recursos próprios e com a necessidade de adequação às exigências por parte dos gestores e responsáveis (MARQUES; CARVALHO; ESQUINCALHA, 2021, p. 20).

Precisamos estar atentos a estes problemas e a forma como a pandemia evidenciou “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante [...]” (MARTINS, 2020, p. 251) e a importância de repensar como o ensino é tratado em nossa sociedade.

### **3.2.2 O ensino híbrido**

Com o avanço da vacinação no país durante o ano de 2021 foi iniciado o retorno das atividades presenciais de ensino, baseado no art. 9º da resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020 ficou decidido que esse retorno deveria:

[...] ser gradual, por grupos de estudantes, etapas ou níveis educacionais, em conformidade com protocolos produzidos pelas autoridades sanitárias locais, pelos sistemas de ensino, secretarias de educação e instituições escolares, com participação das comunidades escolares, considerando as características de cada unidade educacional, observando regras de gestão, de higiene e de distanciamento físico de estudantes, de funcionários e profissionais da educação, com escalonamento de horários de entrada e saída para evitar aglomerações, e outras medidas de segurança recomendadas. (BRASIL, 2020).

Cada instituição teve assim a liberdade de definir como seria essa volta, algumas optaram pela volta de turmas completas de determinadas séries, enquanto outras optaram pela volta intercalada de partes separadas de uma mesma turma, onde uma parte dos alunos estava em sala com o professor enquanto a outra estava em casa acompanhando a aula em tempo síncrono através de transmissão on-line.

Nesse novo cenário onde uma parte dos alunos volta para a sala de aula, os professores novamente precisam adaptar suas metodologias, para tal, surge a sala de aula invertida, sendo esse um modelo de ensino já existente, porém, pouco usado antes da pandemia, acabou se mostrando uma forma efetiva de transmissão dos conteúdos. A sala de aula invertida é definida por Valente (2014, p. 6) como “[...] um programa de educação formal que mescla momentos em que o aluno estuda os conteúdos e instruções usando recursos on-line, e outros em que o ensino ocorre em uma sala de aula, podendo interagir com outros alunos e com o professor”.

Dentro desse modelo de ensino foi possível continuar o uso dos recursos do ano anterior, porém, com uma maior inclusão dos alunos que não tinham acesso à tecnologia. As ferramentas disponíveis aos estudantes foram também ampliadas, pois com a reabertura das escolas, seus

laboratórios de informática se tornaram um espaço a mais para o ensino onde foi possível haver uma maior inclusão destes.

Dentre as metodologias adaptadas para o ERE e com possibilidade de continuidade no ensino híbrido, o uso de jogos e plataformas voltadas a jogos educativos foi “[...] um dos mais eficazes. Jogos são atividades que, em geral, despertam a atenção dos alunos; assim, utilizar a palavra *jogo* é garantia de atenção por parte deles” (TAVARES; AFONSO, 2020, p. 75), garantindo assim, uma participação e interação entre os alunos que estavam no ambiente da escola e aqueles que estavam em casa auxiliando no processo do ensino.

Apesar das mudanças, a questão da desigualdade social continua sendo um problema a ser enfrentado na educação, “Essa exclusão digital, sempre visível, tem sido sentida substancialmente durante a pandemia de Covid-19, e impactado a educação” (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 43) tendo sido, assim, um dos fatores que mais causou dificuldades aos docentes, tanto na adaptação e falta de preparação para seu uso quanto no distanciamento que foi intensificado pela falta de acesso que os alunos tinham a equipamentos de qualidade, afetando gravemente a qualidade da educação no período de distanciamento social.

Foram muitas dificuldades evidenciadas ao longo desses dois anos, entre elas: a falta de estrutura das escolas; a qualidade da formação dos professores e seu acesso à formação continuada e de qualidade; a importância do que deve ser trabalhado em sala de aula e a disponibilização de recursos para que os professores consigam planejar e executar aulas de qualidade e o acesso dos alunos a esses recursos.

### **3.3 Resultados**

Ao longo da pandemia todos os professores que participaram da pesquisa trabalharam na modalidade remota e, posteriormente, no ensino híbrido. Foi questionado aos participantes quais as plataformas digitais usadas para auxiliar o ensino durante o período remoto, ao qual os professores responderam usar o *Google Meet* para a transmissão das aulas síncronas e *Google Forms* para o envio de tarefas e atividades assíncronas. Como complemento a essas, os professores da rede privada falaram ainda sobre o uso de plataformas voltadas a jogos educacionais.



Quando questionados sobre quais tecnologias utilizavam em suas aulas as professoras C e D, que fazem parte do sistema estadual, utilizavam apenas do mais básico: celular, *notebook* e *tablet*. Assim, traz a professora C:

*Notebook, celular, é... tablet né!? Tive que colocar um tripé lá na minha sala, lá na minha casa para me adaptar que não foi fácil, né?! (Professora C)*

Em contrapartida, a professora D diz:

*Agora mesmo, só, por hora, eu só tô usando o celular com os alunos na sala de aula sim, pra dar alguma informação à eles, mas somente o celular. (Professora D)*

Quanto aos professores A e B, ambos do sistema privado de ensino, falam do uso de objetos virtuais e jogos voltados ao ensino, o professor A diz que além dos dispositivos pessoais, usa de mesa digitalizadora no ambiente virtual, quadro no ambiente físico e materiais disponibilizados no laboratório de ensino de matemática do colégio e a professora B fala do uso de Objetos Virtuais de Aprendizagem desenvolvidos pela própria voltados para as necessidades específicas dos alunos. O uso de plataformas virtuais de jogos para o ensino é importante para “[...] que os alunos trabalhem em equipe para solucionar problemas, ele pode servir como fator motivacional para os alunos aprenderem matérias com altos índices de rejeição, como em matemática e física” (NETO *et al.*, 2013, p. 137) e criar um ambiente de interação mais livre entre os alunos e professores.

Ao serem questionados sobre sua preparação para o trabalho com tecnologia durante sua formação inicial, todos os professores responderam que essa foi inexistente, fosse por disciplinas na graduação ou até mesmo por projetos de extensão.

Apenas a professora D mencionou ter recebido durante a formação continuada alguma preparação, sendo realizada através de cursos rápidos e de formações, mas, mesmo assim, fala posteriormente, sobre não ter conseguido se adaptar ao uso da tecnologia, o que vai de acordo com a fala de Freitas (2010, p. 340) que diz “[...] que escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para que se integrem os recursos digitais e as práticas pedagógicas”, logo, apenas a

formação não é suficiente quando não há a devida orientação e estímulo do uso dos equipamentos disponíveis.

Quanto a orientações fornecidas para o trabalho com o ensino remoto, as professoras B e D dizem não ter recebido nenhuma, a Professora D fala que apesar de ter recebido foi insuficiente e apenas o Professor A fala que recebeu uma formação adequada fornecida pelo próprio colégio e que ela foi mantida até o momento da entrevista.

As dificuldades na adaptação citadas pelos professores A e B foram em relação ao novo ambiente de convivência com os alunos, a falta que sentem de estar no mesmo espaço físico, a dificuldade de fazer com que os alunos liguem as câmeras e participem da aula, as constantes saídas dos alunos do ambiente virtual ocasionadas pela conexão e pelo equipamento que está sendo utilizado para o acesso à aula:

*A questão deles as vezes tá assistindo a aula pelo celular, que não é a mesma coisa de tá assistindo aula pelo notebook, pelo computador. (Professor A).*

Situação constatada também no trabalho de Oliveira, Dias e Almeida (2020) ao citaram que a falta de acesso à internet de qualidade e equipamentos necessários para as modalidades de ERE, a desmotivação dos estudantes e a conseqüente falta de retorno com relação à participação na aula e entrega de atividades como sendo alguns dos problemas que preocuparam os professores durante a pandemia.

Enquanto isso a professora C diz que sua dificuldade veio na sua própria adaptação ao ambiente virtual de ensino e da forma de se relacionar com os alunos:

*Tive que ir atrás de tutorial, tive que correr atrás assistindo vídeos que era pra [...] encaminhar esses alunos pra não deixar a parte, mas foi muito difícil a adaptação. (Professora C).*

Ao ser questionada sobre suas dificuldades na adaptação a professora D cita que foram inúmeras, partindo da sua própria não adaptação, onde ela diz ter contado com o auxílio do filho para o uso da tecnologia, até mesmo a dificuldade em suprir os conteúdos que não foram estudados pelos alunos:

*Muitas, muitas, muitas, muitas! Até hoje, desde o ano passado que meu menino é quem manda o link pra os alunos, porque eu tô naquela fase [...]” eu faço uma coisa hoje, amanhã já não lembro. Mas foi muito difícil. Pra mim é muito difícil, mas eu faço! Eu dou a aula on-line, quando veio, tem aquele assunto que eu vejo que eles precisam mais, como equação do segundo grau que eles vê no 9º ano, mas no ano passado: pandemia, né?! (Professora D).*

Sobre as dificuldades enfrentadas em 2021, os professores falaram sobre a participação dos alunos, que persistem em não ligar as câmeras e não interagir durante a aula e a falta que os alunos sentem do ambiente presencial. Ao serem questionados sobre o uso de tecnologia em aula antes da pandemia e se conseguiram adaptar para o uso nas aulas remotas, a professora D disse não usar nenhuma tecnologia antes do período pandêmico, a professora B não ensinou antes da pandemia e, portanto, não respondeu, a professora C disse usar apenas o *Datashow* para compartilhamento de *slides*, permanecendo com o uso em suas aulas on-line e o professor A respondeu que:

*[...] a gente utilizava o celular pra gente... trabalhar exercícios, listas de exercícios de maneira virtual, a escola já realizava o simulado virtual, o qual eles faziam em casa utilizando plataformas. Em sala aqui também já tinha simulado que era digital, então como a escola ela já vinha se adaptando a essa parte digital: livro digital, simulado digital, atividade em plataforma digital, foi bem mais tranquilo pra gente tá trabalhando é... durante essa pandemia, deu pra gente se adaptar mais rápido que em outras escolas, tipo, eu também trabalho em rede pública e não, não tinha essa tecnologia antes e a que tem também não é um suporte tão bom, mas o uso da tecnologia aqui dentro desse colégio ele tava presente sempre, antes da pandemia, agora durante a pandemia e eu acredito que vai continuar. (Professor A).*

Sobre o planejamento de aulas durante o ano de 2021, todos os professores afirmaram que faziam o planejamento semanalmente; a professora D falou do departamento que se reúne toda semana para realizar o planejamento das aulas; os demais falaram que mesmo não sendo obrigatório essas frequências em suas escolas optaram pelo modelo a fim de manter suas aulas mais organizadas. A professora B fala ainda que opta por esse tipo de planejamento para conseguir adaptar suas metodologias as necessidades dos alunos e a professora C fala que o faz para conseguir utilizar a sala de aula invertida e tentar estimular a participação dos alunos.

Os professores foram questionados quanto aos métodos de avaliação adotados: a professora D falou apenas sobre a aprendizagem ter ocorrido apenas por parte dos alunos que se esforçaram mais, porém, não respondeu quais instrumentos usou para avaliar essa aprendizagem e os demais falaram que dentro das escolas foi aconselhado que continuassem usando provas, simulados, trabalhos e atividades realizadas pelos alunos como forma de avaliação. Como dito pelo professor A, as atividades:

*Só saíram do papel e (os alunos) passaram a fazer na plataforma em casa.* (Professor A).

A professora B falou que acredita que apenas a prova não conta para avaliar o aluno e, portanto, avaliava também a participação destes nas atividades e a interação que eles tinham na aula. A professora C disse apenas que, além das atividades, ela realizava a busca pelos alunos, tentando conversar com esses e entendê-los quando não faziam a devolutiva das atividades.

Na fala dos professores é preciso atentar ao fato de que dentro das instituições de ensino as formas de avaliação não são definidas apenas pelos professores, pois, dentro dessa escolha também cabe a opinião da gestão escolar, assim, por mais que haja a percepção por parte dos docentes que as notas não refletem a real aprendizagem dos discentes, é preciso levar em consideração “[...] que o acto de avaliar não pode ser permanentemente inovado e que os processos que o determinam são parte integrante de uma cultura escolar, estruturada pela ordem e hierarquização de tarefas e funções”. (PACHECO, 1998, p. 118).

Por último, os professores foram questionados se acreditavam que houve uma aprendizagem significativa por parte de seus alunos; os quatro concordaram que não, mas todos acrescentaram algo a resposta: o professor A disse que apesar disso acredita que a aprendizagem em 2021 apresentou uma grande melhora em relação a 2020; a professora B afirmou que não enxerga que seja possível uma aprendizagem significativa ou de qualidade com o ensino remoto e as professoras C e D compartilharam da opinião de que aqueles alunos que se esforçaram e realmente demonstraram “querer algo” conseguiram, sim, aprender efetivamente durante os últimos dois anos.

### **3.4 Discussão**

Foram diferentes opiniões apresentadas pelos professores, seja quanto às dificuldades que enxergaram, a maneira como foram preparados para o trabalho com o ensino remoto e o

que pensam sobre a aprendizagem dos alunos nos últimos dois anos. Alguns pontos devem ser levados em consideração: apesar de concordarem que não houve apoio na transição entre os modelos de ensino e que durante sua formação inicial não foi ofertada nenhuma preparação para o trabalho com tecnologia, com exceção da professora D, que afirmou ter tido acesso à formação continuada, é importante notar que essa professora, estando a mais tempo em sala de aula, foi a que mais apresentou dificuldades, sendo dito por esta que contou com a ajuda de terceiros para conseguir dar aulas.

A grade curricular dos cursos de licenciatura não se adequa as necessidades dos futuros professores pois: “Essa habilidade ou competência de saber usar a tecnologia em seu conteúdo curricular não foi contemplada na formação inicial da maioria dos professores, já que o uso pedagógico das TICs ainda não faz parte dos currículos de grande parte dos cursos de licenciatura.” (ANDRADE, 2013, p. 23).

Tanto a professora D, com 34 anos de formação quanto a professora B, que concluiu seu curso em 2019, confirmam a falta dessa preparação, fosse por disciplinas, projetos ou atividades extras ofertadas na graduação. Temos professores se formando nos últimos anos com históricos acadêmicos equiparáveis aos de décadas atrás, problema esse que refletiu de forma significativa no ERE.

O problema nos currículos dos cursos de licenciatura e o incentivo para o aperfeiçoamento dos docentes já era assunto de discussão a bastante tempo, porém “[...] a pandemia mostrou a necessidade urgente de mudanças nos programas de formação de professores, tanto na graduação quanto em programas de formação continuada, no que se refere aos conhecimentos das tecnologias e das formas de utilizá-las como recursos didáticos”. (BARROS; VIEIRA, 2021, p. 842).

O problema da inserção da tecnologia em sala de aula é discutido também por Freitas (2010, p. 341), ao explicar que quando ocorre a tentativa de inserir a tecnologia na escola, alguns professores “[...] adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber”, dificultando a formação continuada do profissional o que, conseqüentemente, refletiu no ensino durante a pandemia.

Entre as dificuldades na adaptação vemos a preocupação com os alunos e a qualidade das aulas: a professora C fala sobre a busca por tutoriais para conseguir gravar aulas para os estudantes e os professores A e B falam sobre a preocupação com a participação dos alunos, a

falta de *feedback*, bem como a qualidade do equipamento de que dispõem, visto que, por não conseguirem ver o aluno, também prejudica identificar se os mesmos estão atentos à aula ou não, problemas causados na maioria das vezes pelas “[...] desigualdades sociais que ainda assolam nosso país e a elitização que há na educação, configurada, ademais da ausência do acesso à internet, pelo compartilhamento de aparelhos eletrônicos entre pais e filhos nas aulas virtuais”. (BARROS; VIEIRA 2021, p. 842).

Quando falamos do uso de tecnologia em aula: o professor A fala que já vinha sendo inserido no contexto escolar o trabalho com mídias digitais; em sua fala vemos que ele tem consciência que isso não acontece em todas as escolas. Um problema que pode ser somado aos outros, é que mesmo com a tecnologia fazendo parte do cotidiano dos alunos desse colégio em questão a um bom tempo, ainda temos os mesmos problemas com relação a participação nas aulas e a adaptação aos ambientes virtuais de aprendizagem.

Mesmo com todas as mudanças que aconteceram os professores ainda apontam que a forma de avaliar eleita pelas escolas como a melhor continua sendo a avaliação escrita ao fim do conteúdo e os trabalhos extras. É preciso questionar se em um ambiente virtual é realmente possível avaliar se o aluno aprendeu algo utilizando apenas uma nota final, pois, mesmo com as limitações impostas pelos celulares, ainda é possível (e muito mais fácil) compartilhar respostas com colegas. O que realmente importa: a aprendizagem ou uma boa nota no boletim dos alunos?

Na fala das professoras C e D há um ponto interessante, elas falam que os alunos que realmente quiseram algo conseguiram aprender, esses alunos, segundo elas, são aqueles que as procuravam para tirar dúvidas, buscavam ajuda para entender os conteúdos e se esforçavam para estudar mesmo não tendo recursos. A professora D fala ainda de uma aluna em especial que ela considera com uma das que se esforçou, a aluna em questão residia na zona rural e não tinha internet em casa, dependendo assim, de uma longa viagem para conseguir acessar às aulas e aos materiais de estudo.

Nesse ponto, chamamos atenção para a romantização que ainda existe sobre o sofrimento do outro, visto que, ainda é possível ver esse discurso em diversas mídias sociais alegando que tudo que é preciso para alcançar o sucesso é esforço extremo. Foram muitos alunos, assim como, essa garota em particular, que não tinham acesso à internet em casa; tantos outros que não tinham sequer um celular para estudar. Precisamos parar de falar dessas pessoas

como guerreiras citáveis como exemplo para outros, porque a realidade é que são pessoas cansadas e que precisam de auxílio para ter acesso à educação que é direito de todos.

### 3.5 Considerações finais

Nesses dois anos vêm sendo evidenciado ainda mais o descaso que a educação recebe por parte das autoridades. Professores sem apoio tentando fazer o melhor possível para que os alunos não fossem tão afetados, escolas voltando a funcionar presencialmente com o mínimo possível de estrutura, alunos que tiveram seu valor reduzido as notas que apresentaram ao fim do ano letivo sem nem levar em consideração se aprenderam ou não.

Aqui, aproveito para falar que além da falta de apoio material, nas duas escolas públicas onde foi realizada a pesquisa não havia coordenador pedagógico, o que pode ter contribuído ainda mais para as dificuldades apresentadas pelos professores. Temos hoje professores cansados de tentar fazer o melhor sem saber o que esperar para a próxima semana, alunos que apenas foram empurrados para a série seguinte com pouco conhecimento e muitas dúvidas e que nos próximos anos terão que arcar com o peso que será deixado na educação.

Não é novidade que a estrutura das escolas privadas, em boa parte, supera a das escolas públicas, tanto em material quanto em apoio pedagógico. Em relação ao suporte durante a transição entre o presencial e o virtual vemos a diferença apresentada pela professora C, que disse ter recebido pouco apoio, onde tudo foi muito rápido e complexo, ficando a cargo dos profissionais buscarem outros meios para auxiliar sua adaptação, enquanto o professor A afirma não só ter recebido uma boa preparação por parte da gestão como continuar recebendo ao longo desses dois anos o apoio necessário.

Logo, tendo por objetivo identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores na transição entre os modelos de ensino, essa pesquisa chega à conclusão que no ensino público existiu a dificuldade no acesso à tecnologia de qualidade que possibilitasse o ensino remoto, a falta de apoio para esses profissionais no âmbito financeiro e o curto período para se adaptarem. Com exceção do professor A, os demais professores concordam que não tiveram formação inicial ou continuada que os preparasse para o trabalho com tecnologia em aula, tornando a formação docente um gerador de dificuldades na adaptação.

Por fim, todos os professores demonstraram que uma grande dificuldade foi a preocupação com seus alunos, se estavam aprendendo, tendo acesso ao que era repassado, a falta de *feedbacks* durante as aulas e com a aprendizagem durante os últimos anos.

Sendo um público pequeno que participou da pesquisa, acredito que ainda assim foi possível conseguir uma mostra dos problemas que os professores enfrentaram durante os últimos dois anos. Espero que o presente trabalho possa auxiliar e inspirar outros pesquisadores a realizar a documentação do período de mudanças ocasionadas pela pandemia, contribuindo assim para o registro desse novo momento que surge no sistema educacional e o estudo de suas implicações para o futuro do ensino.

### 3.6 Referências

ANDRADE, G. **A formação dos professores para o uso das TICs na rede municipal de ensino de Juiz De Fora**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. 98 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/904/1/gervasiodocarmoandrade.pdf>. Acesso em 21 de março de 2022

ARAÚJO JR, C.; MARQUESI, S. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. *In*: LITTO, F.; FORMIGA, M. (org.). **Educação à Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 358-68.

BARROS, F.; VIEIRA, D. Os desafios da educação no período de pandemia. **Brazilian Journal of Development**. v. 7, n. 1, p. 826–49, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n1-056>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22591/18083> Acesso em 09 de maio de 2022

BEHAR, P. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Rio Grande do Sul: **UFRGS**, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022

BORBA, M.; ALMEIDA, H.; GRACIAS, T. **Pesquisa em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BRASIL. Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, p. 4, 19 ago. 2020.



BRASIL. Portaria nº 343, 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, 17 mar. 2020., p. 39.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 2, de 10 de dezembro de 2020. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, 10 dez. 2020.

CARDOSO, C.; FERREIRA, V.; BARBOSA, F. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**. v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>. Acesso em 08 de maio de 2022

FREITAS, M. Letramento digital e formação de professores. **Educação em revista**, v. 26, p. 335-352, 2010.

GALAFASSI, F.; GLUZ, J.; GALAFASSI, C. Análise Crítica das Pesquisas Recentes sobre as Tecnologias de Objetos de Aprendizagem e Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 21, n. 3, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5753/rbie.2013.21.03.100>. Disponível em: <http://ojs.sector3.com.br/index.php/rbie/article/view/2351>. Acesso em 29 de abril de 2022

LEITE, N.; LIMA, E.; CARVALHO, A. Os professores e o uso das tecnologias digitais nas aulas remotas emergenciais no contexto da pandemia da covid-19 em Pernambuco. **Em teia: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/248154>. Acesso em: 25 de abril de 2022

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

MARQUES, P.; CARVALHO, T.; ESQUINCALHA, A. Impactos da Pandemia de COVID-19 na Rotina Profissional de Professores que Ensinam Matemática: Alguns Aspectos de Precarização do Trabalho Docente. **Revista Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática**, v. 11, n. 3, p. 19-40, 2021. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/27665/1/MendesdaRochaMarques2021Impactos.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022

MARTINS, R. A covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **EmRede: Revista De Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.53628/emrede.v7.1.620>. Disponível em:

<https://www.aunirede.org.br/revista/index.p>. 19 de janeiro de 2022

NETO, S. *et al.* Jogos Educacionais como Ferramenta de Auxílio em Sala de Aula. **Anais do Workshop de Informática na Escola**, p. 130-139, 2013. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wie.2013.130>. Disponível em:

<http://ojs.sector3.com.br/index.php/wie/article/view/2634>. Acesso em 12 de maio de 2022

OLIVEIRA, C.; DIAS, M.; ALMEIDA, R.; Desafios do ensino remoto emergencial nas escolas públicas durante a pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p.

102816–102821, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-684>. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22264/17790>. Acesso em 05 de maio de 2022

PACHECO, J. **Avaliação da aprendizagem**. Porto: Porto Editora, 1998.

SÁ, L.; ROVETTA, O. A pandemia sob outra perspectiva: uma experiência com fotografias no ensino não presencial de geometria espacial. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, v. 11, n. 3, p. 41-56, 2021. Disponível em:

<http://funes.uniandes.edu.co/27666/>. Acesso em 12 de maio de 2022

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020, p. 35.

SILVA, L.; PETRY, Z.; UGGIONI, N. Desafios da educação em tempos de pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do estado de Santa Catarina. *In*: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.; MAYER, L. (org.). **Desafios da Educação em Tempos de Pandemia**. Cruz

Alta: Ilustração, p. 19-36, 2020.

TAVARES, A.; AFONSO, C. Pensamentos acerca da utilização de jogos para o ensino da Matemática. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 22, 2020. Disponível em:

<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1643>. Acesso de em 21 de junho de 2022

VALENCIA, A. Tecnologia e educação matemática em tempos de pandemia. **Olhar de professor**, v. 23, p. 1-4, 2020. Disponível em: DOI:

<https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.23.2020.15843.209209226104.0607>. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15843/209209213778>.

Acesso em 12 de maio de 2022

VALENTE, J. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba: Editora UFPR, n. 4, p. 79-97, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/GLd4P7sVN8McLBcbdQVyZyG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 de abril de 2022

## 4. MUDANÇAS NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO DURANTE A PANDEMIA

**Resumo:** Na Constituição Federal Brasileira temos o acesso à educação e as instituições de ensino assegurados como direito inegociável, assim, o seu fechamento total e a interrupção do ensino, impostos pelo período pandêmico, iam contra as leis que regem nossa sociedade. Pensando nesse problema, o Ministério da Educação definiu que as aulas seguissem através do chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE), no qual os estudantes e professores estariam conectados através da tecnologia, porém, geograficamente separados, assegurando, dessa forma, a continuidade do processo de ensino. O modelo adotado, no entanto, apresentou diversas lacunas em um país com alto nível de desigualdade social, baixo acesso à tecnologia e dificuldades no acesso à rede de internet. Os profissionais que compõem o corpo gestor das instituições são aqueles que se veem na missão de mediar os problemas, as soluções e adaptações que garantam a equidade de acesso à educação. No presente artigo, buscamos compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido. Trabalhamos através da abordagem qualitativa, buscando as respostas junto aos pesquisados, através da realização de entrevistas semiestruturadas e posterior transcrição das respostas. Foi possível analisar as mudanças ocorridas em cada instituição e como essas refletiram sobre a forma de atuação dos profissionais e da dinâmica escolar para o pós-pandemia. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto, ensino médio, covid-19, corpo gestor.

**Abstract:** In the Brazilian Federal Constitution, we have access to education and educational institutions guaranteed as a non-negotiable right, thus, its total closure and interruption of education, imposed by the pandemic period, went against the laws that govern our society. Thinking about this problem, the Ministry of Education decided that classes would follow through the so-called Emergency Remote Teaching (ERE), in which students and teachers would be connected through technology, however, geographically separated, thus ensuring the continuity of the teaching process. The adopted model, however, presented several gaps in a country with a high level of social inequality, low access to technology and difficulties in accessing the internet network, it made it difficult for students to access education. The professionals who make up the management body of the institutions are those who see themselves in the mission of mediating the problems, solutions and adaptations that guarantee equal access to education. In this article, we seek to understand the difficulties faced by the management body of high school institutions in adapting to remote and hybrid teaching. We worked through a qualitative approach, seeking answers from those surveyed, through semi-structured interviews and subsequent transcription of responses. It was possible to analyze the changes that occurred in each institution and how these reflected on the way in which professionals work and the school dynamics for the post-pandemic period. This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) - Financing Code 001.

**Keywords:** Adaptation, high school, covid 19, management body.

### 4.1 Introdução

No fim do ano de 2019 vimos o surgimento de uma epidemia, o chamado Coronavírus, que causava uma síndrome respiratória nos infectados e tinha um nível de contágio muito alto por se espalhar por micropartículas pelo ar, sendo facilmente contraído por quem estivesse próximo ao infectado. A doença se proliferou rapidamente pelo mundo e, no início de 2020, o vírus já estava em circulação em todos os continentes, levando a OMS a declarar estado de pandemia.

A doença se espalhava rápido, e devido ao grande número de infectados, os casos graves aumentaram depressa. Os chamados grupos de risco: idosos, gestantes, puérperas, imunossuprimidos e portadores de doenças crônicas se tornaram uma grande preocupação pelo fato de que os sistemas de saúde não tinham capacidade de atender a tantos infectados.

Sem previsão de uma medida eficiente para a eliminação do vírus ou pelo menos a diminuição dos casos graves, a solução adotada foi o isolamento social. As pessoas ficariam em suas residências e só deveriam sair em casos realmente necessários: para comprar mantimentos, buscar atendimento médico e trabalhar, no caso dos profissionais de saúde segurança pública, limpeza, transporte e áreas a fins

As atividades tidas como não essenciais: bares, boates, academias, escolas, igrejas ou aquelas que propiciassem a aglomeração de pessoas, foram provisoriamente proibidas, além das medidas de higiene e o uso de máscaras que se tornaram os principais meios de evitar uma sobrecarga dos sistemas de saúde (APPENZELLER *et al.*, 2020). “Com isso, logo no início da disseminação viral, houve discussão sobre a suspensão de aulas em todas as esferas da educação” (p. 2), sendo adotado também em espaços de lazer e convívio.

Esses e outros espaços de convivência foram fechados sem previsão para voltar ao funcionamento. Logo, em busca de alternativas para continuar com o trabalho, as empresas iniciaram os modelos de *home office* e os artistas e líderes religiosos migraram para as plataformas de *streaming* e *lives* para retornarem as suas atividades sem precisar reunir várias pessoas no mesmo local.

O ambiente doméstico se transformou em escritório, igreja, palco de festa e até mesmo academia. Com a educação não poderia diferir, pouco a pouco os diferentes níveis de ensino aderiram ao modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), onde professores e alunos podiam se conectar e comunicar dando continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. O ERE “[...] é caracterizado pela mudança temporária do ensino presencial para o ensino remoto. O ensino passa [...] para totalmente remoto, e todas as orientações e todo o conteúdo educacional

são ministrados em plataformas a distância” (APPENZELLER *et al.*, 2020, p. 4), diminuindo a proliferação do vírus e ainda dando continuidade ao ensino.

O tempo de preparação para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi curto, visto que em algumas semanas a educação básica já adotava o modelo, o que só foi possível dado que o objetivo nesse momento não era de criar um currículo a distância para a educação básica, mas disponibilizar o acesso às instruções e o apoio de forma rápida e confiável durante a etapa remota da educação. Com base em Appenzeller *et al.*, (2020, p. 4-5), essa diferenciação entre o ERE, o EaD e o ensino híbrido é importante, já que nesses dois últimos modelos existe “[...] um planejamento prévio de conteúdo e tempo cuidadoso usando modelos de desenvolvimento e planejamento bem conhecidos”, o que não foi possível no ERE.

Na teoria essa ideia poderia funcionar, mas em um país tão socialmente desigual quanto o Brasil, as dificuldades não demoraram a surgir. Muitas famílias que tiveram seu sustento perdido, fosse pela morte dos responsáveis pelo provento da família, pela perda do emprego ou até mesmo pela redução do salário, tiveram de enfrentar uma triste realidade: como investir na educação dos filhos, dado a necessidade de equipamentos tecnológicos e internet, se em muitos casos não havia sequer dinheiro para a alimentação diária?

Os professores e responsáveis tiveram de se adaptar dentro do possível para essa situação, e para tentar fazer com que isso tudo pudesse ocorrer, os gestores escolares tiveram de servir de apoio para seus corpos docentes, avaliando, adaptando e implementando as medidas que eram repassadas através dos decretos estaduais e das secretarias de educação.

Nesse estudo, buscamos compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido. Através de entrevistas semiestruturadas com diretores e coordenadores pedagógicos das instituições, conseguimos um panorama dos problemas definidos como mais complicados por eles e quais soluções foram adotadas dentro do contexto de cada uma das instituições participantes da pesquisa.

O presente artigo foi organizado com um capítulo de metodologia, no qual apresentamos as fundamentações da pesquisa, métodos, materiais, escolha dos participantes e autores que corroboram para a metodologia adotada. Em seguida, apresentamos a análise das respostas obtidas e as discussões que elas geram, por fim, é apresentado o cruzamento entre o objetivo da pesquisa e os seus resultados, trazendo as conclusões atingidas ao longo deste trabalho.

## **4.2 Metodologia**

#### **4.2.1 Mudanças nos modelos de ensino**

Desde o início da pandemia, com o fechamento das escolas e a implementação de alternativas de ensino à distância, houve significativas perdas para a educação. De acordo com o monitoramento da UNESCO, “[...] mais de 100 países implementaram fechamentos em todo o país, impactando mais da metade da população estudantil do mundo.” (COVID-19, 2020). Foram mais de 1,5 bilhão de estudantes afetados, sendo as crianças e os jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica os principais atingidos por essas mudanças (EDUCAÇÃO, 2022).

A UNESCO vem monitorando as iniciativas adotadas nos países ao longo da pandemia, bem como os modelos de ensino. No Brasil tivemos o fechamento das escolas, seguido pela implementação do ERE e, por último, tivemos a abertura parcial das instituições ou a adoção ao ensino híbrido, sendo o último modelo o que estava sendo iniciado durante a coleta dos dados desta pesquisa.

No modelo ERE as aulas ocorreram por plataformas on-line, com atividades síncronas e assíncronas, sendo que as atividades síncronas ocorreram por videoconferências e as atividades assíncronas foram realizadas em plataformas on-line de ensino, utilizando materiais virtuais e físicos disponibilizados pelos educadores e pelas instituições de ensino (BEHAR, 2020).

No ensino híbrido, permanece a presença das plataformas de ensino como suporte à educação, porém, nesse modelo também ocorrem atividades desenvolvidas presencialmente. Ademais, houve uma maior liberdade para a gestão organizar o ensino na instituição, por ser possível optar pelo sistema de rodízio de turmas ou de partes de uma mesma turma, em que alguns tinham acesso ao ensino de suas casas, enquanto os demais estavam dentro da escola e vice-versa, possibilitando também o uso dos laboratórios de informática por aqueles que não tinham acesso à internet e/ou aos equipamentos necessários em suas residências.

Em todos os modelos foi de extrema importância a presença de um corpo gestor qualificado e disposto a buscar alternativas que garantissem a inclusão de todo o corpo docente e discente, respeitando as possibilidades e restrições de cada grupo, além de assegurar o direito constitucional à educação de qualidade. Como defendido por Cury (2007, p. 484), o papel do gestor se caracteriza pela obrigação de fazer com que o direito à educação inclusiva e de qualidade seja usufruído por todos.

#### 4.2.2 Metodologia da pesquisa

Ao iniciarmos uma pesquisa, em educação ou qualquer outra área, buscamos manter o rigor acadêmico e a ética profissional, para tal, nos guiamos por pesquisadores que empreenderam trabalhos semelhantes aos nossos, buscando em seus métodos e modelos de pesquisa uma estratégia que possa ser aplicada aos nossos objetivos.

Tendo em mente nossos objetivos, vamos em busca de uma metodologia que nos auxilie. Freitas e Jabbour (2011) falam que, primeiro devemos nos atentar a finalidade da pesquisa, “Assim, quando a finalidade da investigação é descritiva ou causal, a abordagem é quantitativa; quando a finalidade é explicar ou descrever um evento ou uma situação, a abordagem adotada deve ser a qualitativa.” (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 9).

Para o presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando como principal método de coleta dos dados, entrevistas semiestruturadas realizadas presencialmente com diretores e coordenadores pedagógicos da instituição. Por meio dessas entrevistas buscamos compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições ao longo dos dois anos de pandemia e das mudanças que ocorreram ao longo do período em questão.

Neves (1996) defende que na pesquisa qualitativa buscamos direcionar ao longo do processo de coleta, não para adquirir dados estatísticos ou números de um dado evento, dados descritivos, derivados de um contato direto entre o pesquisador e o objeto ou situação de estudo.

Para conseguir coletar os dados existem diversas possibilidades, cada uma com suas vantagens e desvantagens. Lüdke e André (1986) apontam que na abordagem qualitativa podemos contar com os questionários, a observação, a análise documental e as entrevistas, sendo que nessa última temos o modelo tradicional, que segue um roteiro rígido de perguntas, e temos o modelo semiestruturado, que apesar de ter um roteiro base, pode ser modificado ao longo da entrevista.

Os supracitados autores apontam que ao escolhermos a entrevista, estamos optando por um método que exige técnica e tempo dos pesquisadores, é preciso que o pesquisador esteja preparado e que tenha pesquisado previamente sobre o assunto, para conseguir aproveitar ao máximo o momento da entrevista.

O modelo de entrevista adotado foi o semiestruturado, uma vez que, como defendido por Lüdke e André (1986), ao emprendermos nesse modelo de entrevista que não se atem a



um roteiro tão rígido quanto um questionário ou uma entrevista totalmente estruturada, possibilitamos aos nossos interlocutores um espaço de fala mais flexível, onde a sequência de execução das perguntas pode ser modificada ao longo do processo, e novas perguntas podem ser incluídas para esclarecer dúvidas que possam surgir ao longo da fala dos entrevistados, sendo que os próprios autores a sugerem como a mais adequada para a pesquisa em educação.

Por fim, na abordagem qualitativa temos uma grande vantagem, essa, segundo Freitas e Jabbour (2011) está no valor dos dados obtidos por diferentes fontes, o que permite ao pesquisador, alcançar detalhes relevantes que seriam dificilmente obtidos por métodos quantitativos, graças a maior proximidade com o objeto ou grupo de estudo.

A visão que os participantes do corpo gestor têm dessas mudanças são importantes para que os pesquisadores possam “[...] entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos [...]” (NEVES, 1996, p. 2), de forma que, mediante esses métodos podemos alcançar os objetivos pretendidos.

Para realizar as já citadas entrevistas nos baseamos em um roteiro simples, no qual foi abordado os tópicos que consideramos mais importantes, sendo ele composto pelas seguintes 10 perguntas:

1. A quanto tempo trabalha na gestão do colégio?
2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?
3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o ENEM 2020 e 2021?
4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?
5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?
6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?
7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?
8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?
9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?
10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Ao longo das entrevistas, buscamos esclarecer ao máximo cada um dos pontos e, sempre que necessário, acrescentávamos novos questionamentos ou respondíamos as dúvidas dos participantes com relação ao que buscávamos compreender, possibilitando a realização de uma análise posterior das respostas de forma eficaz e aprofundada dentro dos objetivos elencados.

Foram entrevistadas quatro diretoras, sendo duas da rede privada de ensino e duas da rede pública, e também os coordenadores pedagógicos das escolas privadas. Nenhuma das escolas públicas contava com coordenação no período de realização da pesquisa, sendo as funções exercidas pelas diretoras e secretarias escolares.

#### **4.2.3 O papel do corpo gestor**

Na visão de Lück (2017), podemos definir os gestores como aqueles que mobilizam as pessoas que compõem a instituição a partir de suas qualificações e competências, promovendo da melhor forma possível a realização dos objetivos educacionais daquela comunidade. Podemos compreender então que o corpo gestor desempenha o papel de organizador e, conseqüentemente, de responsável pelo bom funcionamento da unidade escolar, sendo o principal meio de comunicação e mediação entre o corpo discente e as secretarias de educação, e entre o corpo docente e os responsáveis legais pelos integrantes do corpo discente.

Tendo em mente esse papel de comunicador, coube aos gestores escolares oferecerem o auxílio necessário durante as diversas adaptações no período pandêmico, fosse buscando soluções para os problemas de acesso e estrutura, alternativas para a realização do que era determinado por meio dos decretos, profissionais que pudessem fornecer preparação para os integrantes da escola, gerenciar os recursos financeiros que chegavam às escolas para a adaptação e higienização do ambiente físico, bem como fornecer materiais que possibilitassem o acesso ao ensino.

Nesse contexto, entendemos que cabe aos integrantes do corpo gestor, junto as secretarias de educação, implementar a reorganização das estruturas escolares, tanto em seus ambientes de convivência – garantindo a integridade e segurança daqueles que tem acesso à esse espaço – quanto dos aspectos que dizem respeito a integralização do ano letivo, considerando a carga horária total estabelecida pelas autoridades e efetuando a divulgação dessas medidas “[...] de modo a deixar claro o calendário escolar, a organização pedagógica, os conteúdos curriculares, as formas de aproveitamento de estudos, os processos avaliativos e as formas de recuperação [...]” (CURY, 2007, p. 492), assegurando com isso, que nenhum dos integrantes do sistema educacional sejam prejudicados de qualquer forma.

Nos artigos 205 e 206 de nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988), temos estabelecidos o direito à educação para todos os brasileiros, à igualdade no acesso e à permanência nas escolas. Com base nesses princípios, entendemos a educação como direito do

cidadão e, por conseguinte, dever do estado em fornecê-la, prezando pela igualdade de acesso e pela qualidade no ensino oferecido.

As desigualdades sociais dentro de nosso país podem se configurar como um fator de dificuldade na execução desse direito. De acordo com Cury (2005), em países como o Brasil, a questão da desigualdade está associada à um histórico elitista, no qual a educação foi entendida durante séculos como um bem das classes sociais mais elevadas.

Precisamos, então, trabalhar para que esses preconceitos e essas visões equivocadas sejam repensados e superados, levando ao entendimento de que além de um bem comum, a educação é também um fator prioritário para o bem-estar e desenvolvimento da população, cabendo, diante disso, ao gestor o papel de liderança na busca pela igualdade de acesso à educação.

Para Lück (2017), a gestão pode ser entendida como a força necessária para a promoção das mudanças que almejamos, podendo ser entendida ainda como uma posição de cooperação, com participação plena dos seus integrantes nas tomadas de decisões, partindo de objetivos comuns em prol de uma organização em conjunto para a luta por essas mudanças.

Em um momento de crise sem precedentes como o que vivenciamos durante os anos de 2020 e 2021, o papel do gestor mostra-se ainda mais importante. Sua missão de providenciar e assegurar a equidade de acesso aos que compõem a sua comunidade escolar é evidenciada e dificultada. Como defendido por Rodrigues e Cruz (2021), além das jornadas exaustivas, o trabalho on-line, a necessidade e procura por formas de contatar os alunos, professores e responsáveis, o gestor ainda deve tentar cuidar de si próprio, tanto de sua saúde física quanto da mental, que pela quantidade de encargos emocionais decorrentes do momento pode ser enfraquecida.

Segundo Castioni *et al.* (2021), o trabalho do gestor durante o período pandêmico, tornou-se extenuante: ele é o responsável, do ponto de vista institucional, por garantir os aspectos e questões necessárias à sobrevivência da instituição, assegurando internet e equipamentos para seus funcionários e estudantes, criação e manutenção dos ambientes virtuais onde ocorrerão os processos de ensino, até “[...] a gestão do conhecimento, do monitoramento e da avaliação das ações de ensino-aprendizagem; a criação de informações novas sobre os novos processos; o gerenciamento das questões jurídico-administrativas que possibilitem e legitimem o uso do ERE [...]”. (CASTIONI *et al.*, 2021, p. 412- 3).

De modo consequente, essas questões são colocadas sobre a responsabilidade do corpo gestor. Appanzeller *et al.* (2020) reforçam que lutar pela equidade no processo de ensino-aprendizagem é essencial no processo de transição dos modelos de ensino tradicional e remoto. Cury (2007) defende que os gestores também devem estar atentos sobre qualquer indicação de irregularidade nos processos educacionais, descobrindo caminhos para contorná-las e tornar o trabalho o mais produtivo possível.

Cury (2007) afirma que um modo de assegurar a permanência dos alunos na escola é a interação que existe entre a instituição de ensino e os responsáveis, além disso, o autor ainda ressalta que é de obrigação dos responsáveis efetivar a matrícula dos alunos e dos gestores a procura ativa desses estudantes.

Portanto, toda questão relacionada à permanência e ao desempenho dos alunos fica sobre a supervisão dos gestores escolares, “[...] o livro didático, a merenda e o devido transporte devem ser objeto de esmero e atenção da parte dos gestores escolares no que se refere à sua relação com as autoridades incumbidas desses atendimentos” (CURY, 2007, p. 491), e num momento pandêmico, acrescentamos a sua incumbência, o acesso aos conteúdos curriculares disponibilizados de forma virtual ou seu equivalente no formato físico.

#### **4.2.4 O setor público e o setor privado de ensino**

Um último ponto levantado para a escolha do ambiente de coleta de dados foi a natureza da instituição de ensino: pública ou privada? Sendo a educação um bem de acesso público, é inquestionável a decisão por proceder a pesquisa nas instituições sobre o amparo do poder estadual, mas não podemos nos esquivar do fato de que as instituições da rede privada também foram afetadas pelas imposições ocasionadas pelas medidas protetivas contra a disseminação viral, mesmo que de formas diferentes.

A coexistência entre esses dois tipos de instituição está assegurada no art. 206, III da Constituição Federal, no qual fica assegurado o “Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino” (BRASIL, 1988), destarte, além da natureza financeira, as instituições podem diferir entre si nas metodologias adotadas e nas concepções básicas de ensino, no entanto, seguindo as mesmas normas e os mesmos currículos obrigatórios.

Ao falarmos da possibilidade deste bem ser disponibilizado pela iniciativa privada, temos que entender que sua existência no âmbito público não apenas é um direito, como

também está cercada de leis que a protejam, Cury (2005) discorre sobre essa proteção e chama atenção para as leis específicas que a regem, sendo as principais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Plano Nacional de Educação e os pareceres e resoluções dos Conselhos de Educação.

Apesar do aspecto financeiro ser um ponto de diferenciação entre as instituições, os gestores de ambos os tipos devem lidar com alguns aspectos financeiros, já que a própria estrutura física necessita sempre de reformas, adaptações e acréscimos materiais. Dessa forma, os gestores no aspecto financeiro vêm “[...] não só para serem guardiães morais da destinação legal desses recursos, mas também para gerir os recursos destinados diretamente à escola e com isso poder auxiliar o órgão executivo na indicação das necessidades materiais da escola”. (CURY, 2007, p. 490).

No cenário que vivenciamos nos últimos anos essa destinação e gestão dos recursos foi de extrema importância, porque todos os níveis e as esferas de ensino precisaram passar por adaptações em seus espaços físicos, atualização dos materiais disponíveis aos componentes da comunidade escolar e preparação para seus profissionais conseguirem executar o trabalho. Logo, o entendimento de como cada tipo de instituição lidou com isso é um tema de relevância para a pesquisa em educação, possibilitando a análise das questões concernentes à gestão de recursos e pessoas dentro das instituições de ensino.

### **4.3 Resultados**

Foram entrevistados seis profissionais da gestão escolar: as diretoras A e B e a coordenadora A da mesma instituição de ensino privado; a diretora C da rede pública do estado da Paraíba — sua escola se encontrava sem coordenação pedagógica há quatro anos —; a diretora D, que atua na rede estadual do Ceará, — sua escola se encontrava sem coordenador pedagógico há cerca de um mês —, e o coordenador B, que faz parte da segunda escola da rede privada, nesse caso, as diretoras da instituição aceitaram que a pesquisa fosse realizada na instituição, porém não aceitaram responder às entrevistas por motivos pessoais.

As diretoras e os coordenadores entrevistados atuam pelo menos durante o ano de 2021 e os questionamentos feitos a eles visam entender como a gestão escolar lidou tanto com os professores quanto com os alunos durante o período de adaptação entre os diferentes modelos de ensino.

De início, todos foram questionados há quanto tempo estão à frente da instituição, o questionamento é corroborado pelo trabalho de Rodrigues e Cruz (2021), quando falam sobre a importância da experiência no ensino para a realização de um bom trabalho no cargo de gestão escolar. As diretoras A e B estão à frente de seu colégio há seis anos, as diretoras A e D há quatro anos, a coordenadora A trabalha há 16 anos em sua função e o coordenador B atua há um ano.

Ao pensarmos em mudanças é preciso visar também as adaptações, visto que elas ocorreram de diferentes formas. Cordeiro (2020, p. 2) nos fala que ao nos referirmos as mudanças impostas pelo ERE “[...] as adaptações ao mundo digital ocorreram nas redes públicas e nas redes particulares de ensino, através da utilização de aplicativos de videoconferência, redes sociais e [...] através da criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA)”. Dessa maneira, no segundo questionamento os participantes foram convidados a falar sobre as adaptações do colégio durante a pandemia. Foi pedido que discorressem sobre como lidaram com os professores, alunos e responsáveis e, ainda, sobre as adaptações no próprio espaço do colégio ao longo do ensino remoto e híbrido.

A diretora A falou que tentou fazer as adaptações com a ajuda dos funcionários da escola, a diretora B fala que para o ensino remoto a escola investiu em recursos tecnológicos e formação para seus professores. A diretora C falou que passaram a haver reuniões específicas para auxiliar o trabalho dos professores, sendo disponibilizado em uma loja de xerox da cidade materiais para que os alunos que não tivessem acesso às aulas remotas pudessem receber auxílio para o ensino, complementando a sua fala destacando o próximo apoio recebido do corpo docente nesse momento, ao buscar esses alunos e participar ativamente das formações que a escola consegue ofertar. A diretora D falou do choque que foi esse fechamento das instituições, que encontraram no aplicativo *WhatsApp* a ferramenta para manter o contato como os docentes e enfatizou a rapidez com que os funcionários começaram a se organizar para a nova realidade e contribuição que receberam do governo estadual:

*Dentro de uma semana a gente já estava [...] planejando e preparando as aulas nesse contexto, né!? Através do WhatsApp, em seguida os professores começaram a buscar algumas ferramentas como o Google Classroom, e a gente contava também já... aqui no estado do Ceará com uma ferramenta chamada Aluno on-line, né!? E a gente foi adaptando aos poucos e nos organizado de acordo com os decretos que eram emitidos, certo!? E durante algum tempo o*

*ensino continuo assim de forma remota, né!? Aos poucos a escola foi organizando a partir da estrutura... é... necessária para transmitir as aulas, né!? O governo também enviou algumas ferramentas, mais computadores, notebooks, é... tablets, chips para os alunos. É, a gente recebeu também câmeras e organizamos o espaço de uma sala para os professores utilizarem e transmitirem suas aulas. (Diretora D)*

A coordenadora A falou sobre o choque que foi essa transição:

*Fomos dormir analógicos, acordamos digital. (Coordenadora A)*

No mais, a coordenadora A também falou sobre a disponibilização de material, ao declarar que a escola forneceu *notebooks* e espaço dentro da instituição para que os professores planejassem e executassem suas aulas, e que ao longo do tempo foram havendo encontros com esses profissionais, no qual era possibilitada a partilha sobre os problemas enfrentados e as soluções que cada um foi encontrando. O coordenador B falou sobre a adaptação do calendário escolar para o ambiente virtual, em que as atividades, os eventos programados antes da pandemia e os encontros com alunos e professores foram realizados de forma on-line, para debater os malefícios do uso exagerado da tecnologia e sobre como lidar com essa nova forma de aprendizagem imposta.

No terceiro questionamento providenciamos entender como foi o trabalho com os alunos, à exemplo, a preparação que eles receberam para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) durante os últimos dois anos, tendo em vista a importância que a prova tem para os alunos que pretendem ingressar para o ensino superior e, nesse período de incertezas, o reconhecimento de que a preparação dos estudantes foi inegavelmente afetada.

O Enem é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) desde 1998, tendo por “[...] objetivo avaliar o desempenho dos estudantes do Ensino Médio nas diversas áreas de conhecimento da Educação Básica, assim como se constitui como a principal forma de acesso à Educação Superior [...]”. (ABREU *et al.*, 2022, p. 4).

Logo, compreendermos que o Enem constitui não apenas uma importante fonte de dados sobre o ensino básico no país, mas também uma ferramenta de acesso aos cursos de graduação no sistema público e a oportunidade de bolsas em instituições privadas, posto isso, uma ferramenta que visa à equidade de acesso ao ensino superior para todas as classes sociais.

A diretora D não quis responder ao questionamento, já as diretoras A e B responderam que junto à coordenação pedagógica da instituição foram idealizadas metas para os alunos que iriam realizar a prova e plantões semanais dirigidos pelos professores da instituição a fim de sanar as dúvidas dos alunos. A diretora C falou que tentaram fazer uma conscientização sobre a importância da realização do Enem, porém houve pouca participação dos alunos, que se mostraram desmotivados, grande parte deles residentes da zona rural e, por conta do pouco investimento em transporte escolar, os próprios alunos já temiam não conseguirem se deslocar para a cidade em prol da realização do exame. A diretora acrescentou que, apesar disso, houve o empenho por parte dos professores em preparar os alunos que participariam e que a mesma se sentia satisfeita com o trabalho dos profissionais da instituição.

*[...] temos um trabalho que é muito bom, que é a questão da redação nota 1000, por semana, então esse trabalho feito com os alunos do terceiro ano e do primeiro, né!? Assim... tem dado um resultado positivo (Diretora C)*

A diretora C havia falado ainda sobre ter tido a surpresa de saber que, mesmo com baixa participação, alguns alunos da instituição conseguiram ingressar em universidades federais e privadas, citando ainda um dos alunos, este, aprovado em Medicina.

O coordenador B falou sobre o projeto da instituição chamado *Momento Enem*, voltado a produção, de cada professor, de intensivos com os alunos que iriam participar da prova, com a intenção de tirar dúvidas, trazer explicações sobre métodos de resolução e treinar questões da prova.

A coordenadora A falou que foram realizados aulões on-line e plantões de dúvida com os professores, neles, os alunos tinham determinado momento para se encontrar on-line com os professores de cada área para tirar as suas dúvidas. No mais, também se criou uma feira de profissões para beneficiar os alunos na escolha de seus futuros cursos. A professora encerra falando sobre a satisfação com os resultados obtidos na prova de 2020:

*[...] nós temos até alunos com notas é... redação nota 1000, né?! [...] alunos que a redação foi 980, 990 pontos. Foram vários! Nós fizemos até outdoor na cidade para divulgar, então foi um ano... apesar de ter vivido esse processo pandêmico, mas foi um ano que a turma deu maior retorno. Então assim, nas áreas de conhecimento, por exemplo: na matemática teve aluno com*



*média... a média geral dele ali em matemática quase 800, então fazia muito tempo que a escola não tinha esse... esse resultado.* (Coordenadora A)

Conforme Santos e Zaboroski (2020), com o início do fechamento temporário das instituições objetivando a diminuição da disseminação viral, fica a cargo das secretarias estaduais de educação “[...] lidar com a montagem de novas plataformas de aprendizagem, professores sem formação para o trabalho remoto, estudantes que não têm computadores, ou outro equipamento em casa, a falta de acesso à internet na casa de estudantes e, até, de professores [...]”. (SANTOS; ZABOROSKI, 2020, p. 44). Pensando nesses desafios e tendo em mente as singularidades do público de cada instituição de ensino, perguntamos aos diretores e coordenadores qual foi, na opinião deles, a maior dificuldade na reformulação das aulas na instituição?

Para essa questão houve unanimidade em uma parte das respostas das diretoras A e B e dos coordenadores A e B: a maior dificuldade foi lidar com a tecnologia. Desde problemas no acesso aos equipamentos até a forma que os alunos utilizavam a tecnologia em sala de aula e o acesso dos alunos e professores à internet.

Como segundo problema, as diretoras B, C e D e os dois coordenadores elencaram as dificuldades relacionadas à motivação dos alunos, ao falarem da dificuldade, apesar de haver muita conversa em volta do tema, em fazer com que os alunos ligassem suas câmeras durante as aulas, vestissem os fardamentos no horário de transmissão e participassem mais ativamente das aulas, prejudicando até mesmo em conseguir um levantamento confiável sobre a frequência dos alunos, pois com todos os problemas citados, ficava difícil saber se o aluno realmente estava presente ou se estava apenas logado no ambiente virtual.

A coordenadora A falou que mesmo tendo esses problemas, havia o entendimento que o próprio modelo remoto, por ser estranho para os alunos, foi um dos maiores fatores de dificuldade. Em decorrência disso, ela tentou ser compreensiva. Além do mais, em sua fala ela cita o entendimento de que ao se trabalhar com celulares, que eram o principal meio de acesso, é necessário entender que:

*[...] a tela pequena, é... prejudicava a visão, obviamente, que a gente viu até estudos, muito tempo [...] em frente ao computador prejudicava a visão. As nossas aulas elas, de 45 minutos elas passaram a ter 40 minutos, porque os 5 minutos eram intervalo entre uma aula e outra*

*que era pros meninos, é... se levantar, os alunos e os professores obviamente, né!? Sair um pouquinho de frente da tela, dá uma voltinha dentro de casa, olhar pela janela, assim que a gente fala pra eles, né!? – Dá uma voltinha dentro de casa, olha lá a paisagem pela janela para ver como é que tá, dá uma espreguiçada [...]. Então os alunos sempre diziam: – Não estamos conseguindo assistir aula porque a internet caiu, o meu bairro tá sem internet, o meu celular não ajuda [...]. (Coordenadora A)*

Tudo isso demonstrando a preocupação que havia com relação a esses alunos e sua saúde física e mental durante o período de utilização do ERE.

Borba, Almeida e Gracias (2019, p. 44) ao debaterem sobre metodologias de ensino, falam que ela “[...] está relacionada ao ato de ensinar” e que o ato de “Ensinar requer um conjunto de esforços e decisões que se refletem em caminhos propostos, as chamadas opções metodológicas. O professor organiza e propõe situações em sala de aula a fim de apresentar um determinado conteúdo.” (p. 44). Mas em um momento em que todas as metodologias de ensino tradicionais precisam ser readaptadas, como escolher por um caminho para o ensino? Existe uma metodologia que possa ser aplicada e replicada em todas as instituições? Como definir qual a forma mais adequada de trabalhar dentro do ERE?

Com esses questionamentos em mente foi perguntado aos gestores quais os modelos de aula ou as metodologias que eles consideraram mais adequados/as para o ensino no contexto da pandemia. O coordenador B falou que optaram sempre pelas metodologias ativas para o ensino, ressaltando o acolhimento aos alunos, orientação dada aos professores quanto a sempre efetuarem na primeira aula do dia um acolhimento para os estudantes, tentando diminuir um pouco o peso que essa rotina tinha sobre os alunos.

A diretora A e B falaram que foram adotados as aulas interativas on-line e o uso de aplicativos para complementação pedagógica, dando ênfase aos conteúdos de maior importância.

A diretora C falou que foram usadas as aulas remotas e que a partir de novembro de 2021 estava sendo iniciado o ensino híbrido, modificando o regime da escola para a adoção do rodízio de estudantes: com aulas presenciais para uma parte dos alunos na segunda e terça e para os demais na quinta e sexta, ficando a quarta-feira para a higienização da escola. A diretora D respondeu que os professores foram orientados durante formações para a adesão do ensino híbrido e para o uso de metodologias ativas de ensino:

*Tipo sala de aula invertida, é...eu acho que mais utilizaram foi também laboratório rotacional, entre outras, certo. E aí a gente considera, né, modelo adequado para o momento. No momento a gente está com ensino híbrido realmente, 3 dias presenciais e 2 dias a distância e a gente acha que está dando certo, né!?* (Diretora D)

A coordenadora A também abordou em seu discurso as metodologias do ensino híbrido, e como a tecnologia se tornou a principal aliada durante o ERE. Quanto ao ensino híbrido, a coordenadora A abordou as mesmas metodologias que a diretora D: sala de aula invertida e o laboratório rotacional. A coordenadora A apontou ainda que é preciso que os professores adaptem suas metodologias de acordo com a sua disciplina e/ou o seu conteúdo. Ela entende que cada assunto tem suas particularidades e que devem ser respeitadas durante a escolha da metodologia para a aula:

*Então a metodologia que a gente acredita é aquela que faça o aluno aprender, né!? Não importa se eu me utilizo da metodologia tradicional, né?! É a saliva, como dizia a história, o esquema no quadro, tanto é que quando a gente faz os conselhos de classe o pedido deles é fazer mais esquemas no quadro, quando o professor vai falando e vai fazendo o resumo da... da... da sua aula. E aí vai atendendo também a outras necessidades, de acordo com a forma como os... mais aprendem, né?! Então cada professor foi vendo nessa perspectiva, olhando de acordo com a sua disciplina, porque nem toda metodologia cabe em qualquer disciplina, e mesmo que seja naquela disciplina, não dá para também para todos os conteúdos.* (Coordenadora A)

No questionamento seguinte foi investigado sobre a preparação dos docentes, dado que, ao falar de mudanças nas metodologias não podemos ignorar que o uso em sala de aula era um grande problema. Como apontado por Freitas (2010), a inserção de equipamentos tecnológicos nas instituições vinha aliada a falta de preparação dos professores, logo, mesmo quando havia material, ele não era utilizado.

Ao serem questionados sobre o tema, todos afirmaram que houve preparações ofertadas aos professores. A diretora B falou que além da preparação fornecida a todos da instituição, os professores que apresentaram mais atribuição tiveram acessórias personalizadas. A diretora D

falou que, além das formações, os professores tiveram um acompanhamento oferecido pelo instituto Airton Sena.

A coordenadora A falou que foram oferecidos cursos e capacitações com profissionais de áreas específicas do ensino, até o momento da entrevista. O coordenador B falou que o suporte aos professores foi realizado pela coordenação e direção da escola, com formações, divulgação de eventos de interesse dos alunos e acompanhamento psicológico.

A diretora D falou que as preparações foram dentro da própria instituição, onde era repassado aos professores o que a secretaria de educação enviava, e que semanalmente esses profissionais se reuniam para debater e implementar o que lhes era enviado.

Ao pensarmos na avaliação dos conhecimentos dos estudantes devemos considerar diversos fatores. Conforme Queiroz (2001), é preciso avaliar além dos conhecimentos específicos dos alunos sobre a disciplina, seu “[...] interesse, [sua] participação, perseverança, capacidade de relacionamento com o grupo e a equipe de educadores, iniciativa, disciplina e responsabilidade na execução das tarefas, que inclui desde o cuidado com o material até a organização dos trabalhos e zelo na execução”. (QUEIROZ, 2011, p. 89).

Com base no pensamento citado anteriormente, os entrevistados foram questionados se houve alguma forma de avaliação adotada como padrão pela escola e como seria realizada essa avaliação ou o conjunto que levava a nota final dos estudantes.

As diretoras A e B e a coordenadora A responderam que os alunos foram avaliados qualitativamente (comportamento e participação) e quantitativamente (por provas e trabalhos). A diretora C respondeu que ficou a cargo de cada professor decidir como os alunos seriam avaliados. A diretora D disse que os alunos foram avaliados de forma somativa e qualitativa e pediu para ressaltar que:

*O conselho de Educação do Estado do Ceará ele, é. Abriu uma nota em que o aluno, ele teve todas as possibilidades de recuperação das atividades avaliativas durante esse período de pandemia para que não fosse prejudicado. (Diretora D)*

O coordenador B relatou que a escola trabalha com três diferentes atividades avaliativas que juntas compõe a nota do aluno, sendo elas denominadas respectivamente: AV1, AV2 e AV3:

*AV1 é um trabalho, esse trabalho ele pontua de zero a 100. Equivale a um trabalho, a um seminário, a uma pesquisa, a um debate, a confecção de algo, a produção de algum vídeo... e também pode ser fragmentada, né, complementada sendo 1 + 1. [...] AV2 é uma avaliação com questões de múltipla escolha e aberta que pontua 10. E AV3, a nota qualitativa, onde gente avalia a questão do rendimento como um todo, o comprometimento, assiduidade, compromisso com as atividades, se tá cumprindo os combinados que foram fechados lá no início do ano, de permanecer na aula com a câmera ligada, de comparecer com a farda, de não entrar atrasado e não entregar as coisas na plataforma atrasado. E nós temos ainda um simulado que se soma essas notas tudo isso feito de forma remota. (Coordenador B)*

Considerando todas as mudanças que ocorreram na educação, desde as metodologias, a inserção da tecnologia de maneira inimaginável nas salas de aula, até mesmo as mudanças no ambiente físico das instituições, e se baseando no texto de Gatti (2020), precisamos refletir sobre as condições para a volta da convivência escolar e do ensino presencial, situação essa que a já citada autora considera inevitável.

Sabendo que não existem soluções prontas para entender como tudo que aconteceu afetou o ensino, os estudantes e os ambientes escolares, os participantes foram questionados quanto a possibilidade de manter essas mudanças em um futuro pós-pandemia, por exemplo, se havia algo que foi alterado na dinâmica escolar que eles acreditavam que iria permanecer.

A diretora A falou que a depender do componente curricular, acredita que as aulas síncronas podem ser viáveis, a diretora B falou que irão avaliar ainda o que pode ser adaptado, mas que acredita que quando tratamos de adolescentes e crianças, as aulas presenciais são uma necessidade.

A diretora D falou que acredita que a modalidade remota será usada nas formações continuadas dos professores, e que percebeu que alguns alunos se adaptaram melhor ao ensino à distância, acreditando, em vista disso, que poderia ser algo a permanecer:

*Alunos do turno noturno, ele... ele desenvolveu mais do que o aluno do turno da tarde e isso não é comum. [...] eu acho que isso vai ficar, essa possibilidade, né, do aluno estudar à distância em alguma complementação de carga horária, algum momento acredito que isso vá ficar. (Diretora D)*

A coordenadora A falou que acredita que as metodologias ativas continuarão em uso e que cabe a cada professor avaliar o que se encaixa em seu componente curricular. Já o coordenador B falou que acredita que o que irá ficar são as mudanças físicas no ambiente escolar.

Por fim, a Diretora C falou que as mudanças que ela acredita que ficarão serão aquelas relacionadas ao tratamento dado aos alunos, a forma de se relacionar com eles, de buscar entender o que acontece em suas vidas e não apenas ficar os julgando por seu rendimento acadêmico. A diretora falou ainda que acredita ser impossível não mudar com tudo o que ocorreu, afinal, hoje enxerga que ela própria não é mais a mesma profissional que um dia foi, que houve evolução na relação professor-aluno e professor-diretor, no qual as questões de hierarquia foram reestruturadas e não existe mais o conceito de que o diretor manda em todos; é necessário que haja conversa entre os que fazem a educação.

A nona pergunta feita foi: com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram? Oliveira, Dias e Almeida (2020) citam que alguns problemas notados com relação aos alunos nesse período foram o acesso à internet que suporte as demandas do ERE e ensino híbrido, a desmotivação e o baixo retorno. Nas entrevistas tivemos que, no âmbito das escolas da rede privada, os problemas foram:

*Alguns desmotivados devido a situação, outros não tendo uma base tecnológica para acompanhar as aulas, outros (poucos) desistiram.* (Diretora A)

*Algumas famílias relataram a falta de equipamento tecnológico para acompanhar as aulas (quando mais de um filho), e de um espaço mais adequado para este momento. Ao longo do tempo um pouco de desmotivação por parte de alguns alunos, pela falta da convivência, e dificuldades em se organizarem para os estudos.* (Diretora B)

[...] *Botar esse povo para estudar, assistir aula, uma luta!* (Coordenador A)

*Processo de aprendizagem, né!? Que por mais que o professor se doe, se entregue... é falho! Mas não é falho por parte do professor, mas por parte do sistema. Nós não estávamos preparados para o ensino remoto, e aí nós temos problemas com internet, com a plataforma, vez ou outra.... E tudo isso interfere de forma direta no processo aprendizagem, essas são as*

*maiores dificuldades dos alunos... às vezes o áudio não está legal, o barulho externo... tudo isso implica. Mesmo com todo um trabalho pedagógico, mas ainda fico essa saga.* (Coordenador B)

Colocando assim, que os problemas estavam, em sua maioria, relacionados a adaptação desses alunos para o modelo de ensino e a dinâmica da nova rotina. No âmbito das escolas da rede pública, citadas também pelas diretoras C e D, vemos que além da desmotivação e do baixo acesso aos equipamentos necessários para se conectar as plataformas utilizadas, existe ainda os problemas que decorrem da condição social de alguns estudantes. A diretora D relatou que alguns dos alunos saíram da escola em busca de empregos:

*A família aproveitou esse tempo para inserir o... o menino, né?! O adolescente no mundo do trabalho e, com isso, ajudar a manter as despesas de casa, né, nesses momentos de dificuldades. Isso fez com que afastassem o aluno.* (Diretora D)

Isto posto, vemos que o fator financeiro foi de alto impacto para alguns estudantes — o que em momentos de crise acaba pesando na decisão — e o ensino remoto acaba contribuindo para que essa decisão seja tomada. Mas, não podemos esquecer que “[...] a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania e tal princípio é indispensável para a participação de todos nos espaços sociais e políticos e para (re)inserção qualificada no mundo profissional do trabalho” (CURY, 2005, p. 1), dessa maneira, a longo prazo essa saída do estudante da instituição acarretará problemas para seu futuro.

Com base no pensamento de Cury (2005) citado anteriormente, questionamos se houve dentro das instituições aumento na evasão dos estudantes em comparação aos anos anteriores à pandemia. Nas escolas da rede privada essa evasão foi confirmada e todos ressaltaram que o mesmo ocorreu em maior parte no ensino fundamental. A coordenadora A falou que no ensino médio não houve a desistência dos alunos, mas houve muito a falta de participação na aula, desencadeando, em função disso, reuniões com os responsáveis e encontros com a psicóloga para o retorno desses alunos.

O coordenador B falou sobre essa evasão que ocorreu no ensino médio e que através da busca dos responsáveis foram constatados os motivos, sendo eles

*Alunos que migraram para um sistema público, alunos que desistiram, estão em casa sem estudar porque não conseguem acompanhar, né!? Tem a questão dos alunos que não tem o celular... nós temos alunos nossos da rede privada que não tem celular, e esse aluno ele está acompanhando pelo celular do pai. Ele voltou agora para o ensino híbrido também por não ter. Nós temos alunos que não estudaram o ano inteiro e que a retomada do ensino híbrido eles querem voltar, e a escola vai analisando caso a caso, é... sem prejudicar ninguém, vendo o que pode ser feito, né, dentro da realidade. (Coordenador B)*

Fala essa sendo confirmada novamente pela diretora C, que disse que a instituição recebeu muitos alunos da rede privada durante esse período pandêmico, citando como justificativa o financeiro:

*Nós recebemos muitos alunos da rede privada, porque eles estavam tendo aula remota na escola privada, pagando, e tendo a mesma aula que na escola pública era sem pagar. (Diretora C)*

As diretoras C e D falaram que as evasões nas instituições são em um número muito pequeno e que durante a pandemia não viram aumento em relação ao que já ocorria nos anos anteriores, portanto, ambas responderam que esse problema não ocorreu na instituição.

#### **4.4 Discussão**

Quanto ao tempo à frente da gestão podemos perceber que as diretoras estão a um tempo razoável a frente do cargo, sendo que a Diretora C falou sobre já ter sido funcionária da instituição anteriormente. A coordenadora A, dentre todos os profissionais, foi a que apresentou maior tempo no cargo e o coordenador B o menor tempo.

No entanto, vemos ao longo das entrevistas que houve real iniciativa por parte de todos em tentar fazer o melhor possível no cenário vivenciado, sendo que por ser uma situação nova para todos, o tempo de experiência dos gestores não foi um dos fatores mais relevantes para determinar um bom desempenho. Os próprios Rodrigues e Cruz defendem que “[...] pode-se haver um bom trabalho e desempenho destas funções sem estar a muito tempo no cargo [...], afinal, as noções e experiências da gestão são construções gradativas” (RODRIGUES; CRUZ, 2021, p. 228), o que conseguimos, de fato, comprovar.



Nas adaptações, vemos que cada gestão lidou de modo próprio com a situação. Nas escolas particulares houve um intento de disponibilizar os materiais necessários aos profissionais, colocando, deste modo, os professores como os protagonistas desse espaço de mudança.

Nas escolas públicas podemos notar a diferença entre como cada governo estadual manteve o contato com os gestores, enquanto a diretora C falou sobre o apoio dos professores em todo o processo de adaptação, o que também ocorreu pela falta de uma coordenação pedagógica na instituição. A diretora D falou sobre o amparo que recebeu do governo cearense, que logo forneceu os materiais necessários para a escola e a plataforma *Aluno online*, que já era utilizada e que se tornou uma das ferramentas de acesso dos alunos.

A plataforma *Aluno online* é um “Aplicativo desenvolvido pela Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC) como ferramenta de auxílio ao aluno no acompanhamento das atividades escolares” (CEARÁ, 2017) e vem sendo utilizada desde antes da pandemia para disponibilizar materiais didáticos, controle de frequência escolar, notas e sugestões de temas para treinar redação para o Enem.

Quando questionamos os gestores sobre o trabalho voltado ao Enem, estamos procurando entender como cada comunidade escolar lidou com os problemas resultantes da incerteza sobre como a prova seria aplicada. Podemos perceber que nas escolas públicas a questão financeira se torna o principal ponto de dificuldade para os alunos, em que por falta de investimento em transporte escolar, os alunos acabam por abdicar da realização desse exame.

A diretora C aponta que mesmo havendo ações na escola para conscientizar sobre a importância da prova e a isenção da taxa de inscrição, os alunos ainda têm a preocupação sobre como se locomover até o local, deixando até de realizar a inscrição para o exame.

Vale ressaltar que a isenção dos alunos de escola pública é um direito garantido por lei, e que tem divulgação no site do exame, oferta essa disponível para alunos do último ano de escolas públicas, bolsistas de escolas particulares e participantes inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (INICIADO, 2022).

Já nas escolas da rede privada vemos que existe uma preocupação específica para a preparação dos alunos. Os entrevistados dessas instituições não citam, em momento algum, ações específicas para levar o aluno a se inscrever na prova, gerando a ideia de que já há essa consciência por parte dos alunos sobre a importância do exame.

Isto posto, nas duas instituições privadas, existe uma rede de apoio voltada àqueles que participarão da prova, no qual os gestores e professores se mobilizam em torno de sanar as dúvidas dos discentes e prepará-los, o melhor possível, para a obtenção de um resultado satisfatório.

Na fala da coordenadora A nota-se ainda a preocupação sobre o direcionamento que esses alunos seguirão em suas futuras graduações, afirmando a execução de uma feira de profissões para colaborar com a decisão dos estudantes.

Silveira, Barbosa e Silva (2015) falam sobre o Enem ser, desde 2009, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), o principal meio de acesso ao ensino superior, e que através desse programa é possível que estudantes, das mais diversas localidades, possam ter acesso à regiões mais desenvolvidas do país, tornando-se uma ferramenta que visa a equidade no acesso ao ensino superior.

Os autores acrescentam que “Esta mobilidade é interessante não somente para a criação de lideranças em todos os estados da federação, mas igualmente para estabelecer um ambiente multicultural em nossas universidades” (SILVEIRA; BARBOSA; SILVA, 2015, p. 1), mobilidade essa que tem sua função comprometida quando apenas as classes sociais mais elevadas têm acesso a essas instituições, comprometendo também a igualdade de acesso ao ensino superior e mantendo um status elitizado nos cursos de graduação.

Cury (2005) já falava sobre essa elitização do ensino, no qual historicamente temos que classes sociais mais elevadas tem um acesso privilegiado à educação em comparação as classes mais baixas. Infelizmente, neste trabalho constatamos que quase 7 anos se passaram e a fala do supracitado autor continua aplicável a realidade atual, por existir um real desnível no acesso que os alunos de rede pública têm ao ensino superior, tornando-os menos favorecidos no acesso a esse bem social.

O próximo ponto levantado foi saber qual a dificuldade que os gestores e coordenadores consideraram como a mais desafiadora. Mesmo com dois temas relatados por eles, ainda podemos perceber que o principal problema girava em torno dos alunos: o acesso à tecnologia, a forma de usá-la e a desmotivação durante as aulas. A diretora D falou que por conta do modelo tornava-se difícil até mesmo o controle sobre os alunos:

*O controle que eu falo é no sentido de saber se o aluno está de fato participando da aula, porque muitas vezes as câmeras não eram acionadas e... essa... nem todo mundo gosta de falar, né!? Precisava ser respeitado estas opções dos alunos. (Diretora D)*

E a diretora C falou que a desmotivação notada no ERE permaneceu depois, no ensino híbrido, em razão de menos de 10% dos alunos terem comparecido na instituição. Podemos constatar que os profissionais que compõem o corpo gestor das 4 instituições tem consciência dos problemas enfrentados por seus alunos, e demonstraram averiguar a melhor forma de ajudar esses estudantes, indo de encontro a visão trazida por Rodrigues e Cruz (2021) ao indicar a que a função do corpo gestor é estar aberto ao diálogo e ter noção dos processos que se relacionam ao sistema de educação.

Quando falaram sobre as metodologias, os entrevistados apontaram sempre para o uso de metodologias ativas. Paiva *et al.* (2016, p. 151) afirmam que “Há grande diversidade de metodologias ativas de ensino-aprendizagem [...]. Ao mesmo tempo, constata-se que não existe consenso absoluto sobre as formas de operacionalização dessas metodologias, elas constituem bases teórico-críticas congruentes, mas não absolutas.”. Nelas, o aluno sempre é desafiado de modo a desenvolver todo seu potencial, focando no desenvolvimento da autonomia e no protagonismo no processo de ensino.

Em um momento de ensino à distância, em que a disciplina, organização e participação ativa dos alunos depende ainda mais de sua própria vontade, dado que, é inegável que é altamente tentador para alguns estudantes apenas conectar em sala de aula e irem produzir outras atividades, determinando que o desempenho fique condicionado, em muitas situações, a própria força de vontade do estudante.

Por conseguinte, colocar o aluno como o protagonista é sem dúvidas a alternativa com maior número de benefícios e que se alinha com o princípio do ERE. No entanto, o uso dessas metodologias não é tão divulgado, o que pode dar a impressão de que os professores estão repassando suas obrigações para os estudantes, deixando seu trabalho de lado. Na fala da coordenadora A vemos que essa situação ocorreu em sua instituição:

*Como os nossos alunos e as nossas famílias não estão acostumadas a esse novo... a... a ideia que se tinha era que o professor não estava fazendo aula, ou não está fazendo aula, os alunos*

*é que estão estudando e que estão fazendo aula, quando na verdade não é, né?! Aonde a gente é... coloca o aluno para estar sendo mais ativo, digamos assim.* (Coordenadora A)

Ao empreenderem sua pesquisa bibliográfica sobre metodologias ativas, Paiva *et al.* (2016, p. 151) concluíram que “A ruptura com o modelo de ensino tradicional foi apresentada como ponto positivo, configurando alternativa para a superação do modelo tradicional e a abertura da possibilidade de novas práticas e [novos] significados no processo de ensino-aprendizagem”, e que o seu uso pode apresentar grandes benefícios para a educação, o que no contexto da pandemia foi (e ainda é) altamente desejável.

Quanto à preparação dos professores para este trabalho é necessário atentar para o relatado pela diretora C, a mesma está à frente de uma instituição de grande porte e em sua fala traz que se encontram a 4 anos sem coordenação pedagógica, o que dificultou ainda mais nas transições ocorridas ao longo dos dois anos de pandemia.

*Uma escola desse tamanho, com esse grande número de professores e de alunos, mas tem quase 4 anos que a gente pede e não vem, a que tinha aqui se aposentou e a gente ficou. E tem o pessoal do, que são readaptados alguns professores, e é quem mais dá apoio e ajuda a gente nesse trabalho, certo?!* (Diretora C)

Rodrigues e Cruz (2021, p. 232) falam sobre a necessidade do trabalho do gestor no contexto pandêmico e expõe que esse trabalho “[...] é fundamental nas atividades escolares e na rotina da instituição como um todo, porque é este profissional que delibera, colabora, organiza e desenvolve propostas que priorizam as boas relações e o desenvolvimento efetivo de práticas preconizadas pelo currículo escolar”, o que no caso da instituição a qual a diretora C está à frente, foi dificultado e dividido entre professores que primariamente não deveriam exercer esse papel.

Paiva *et al.* (2016) propõem que ao se trabalhar com metodologias ativas de ensino, a avaliação vai além de uma perspectiva de soma, mas, sim, uma avaliação que auxilia na formação do aluno, o que dificilmente ocorre quando temos avaliações no parâmetro tradicional, que visam apenas a obtenção de resultados numéricos.

Ao falarem sobre as formas avaliativas das instituições, os profissionais demonstraram ainda estarem indo de encontro a esse tipo de performance, devido à dificuldade de que haja

um alto nível de credibilidade nas notas obtidas nas avaliações escritas de modo on-line, por outro lado, ao executarem trabalhos diferenciados e que envolvem a participação ativa dos alunos, é possível influenciá-los a, verdadeiramente, explorar o entendimento dos conteúdos abordados.

A coordenadora A falou sobre como foi possível a realização desse método na instituição em que atua, ideias que envolvem os estudantes e os tornam o ator principal no seu processo de autoaprendizagem, tendo liberdade para buscar o entendimento com métodos próprios e estimulando sua criatividade, esses trabalhos foram:

*Desde o trabalho escrito ao seminário, a... gravação de vídeos... enfim, cada professor.... Há debates, há júri, simulados, então cada professor dentro do que ia trabalhando, de acordo com a sua disciplina, foi vendo também qual era a melhor forma de estar sendo, de estar avaliando o aluno, obviamente todos com critérios, né!? [...] A gente também foi vendo as outras possibilidades, é... pensando nas diversas formas de aprendizagem, né!? E também que eles acham... então, gravação de vídeos... é... questão de podcast, é... a criação de blog, de vlogs... tá entendendo?! Realização de debates, de seminários... foram... foram... pensadas é... ideias diversas, ações diversas, para estarem sendo colocadas em práticas no processo avaliativo.*  
(Coordenadora A)

Com relação à permanência de algumas das mudanças adotadas, vemos que cada entrevistado tem uma visão diferenciada, enquanto as diretoras A, B e D e a coordenadora A falaram sobre manter as mudanças nas metodologias de ensino, a diretora C falou sobre as mudanças na forma de se relacionar dentro da instituição e o coordenador B falou sobre as mudanças no ambiente físico.

Castioni *et al.* (2021) defendem que, pensando no retorno das atividades presenciais, não podemos simplesmente largar todas as propostas metodológicas que foram adotadas, e o modelo de ensino híbrido, em que são mescladas diferentes propostas adotadas no ERE que trouxeram bons resultados, não devem ser esquecidas.

Por consequência, a ideia da diretora D em manter o ensino híbrido como uma possibilidade para complementação de carga horária é totalmente válida, bem como a opinião das diretoras A e B de que essa adoção deve ser uma escolha dos próprios professores, opinião essa que vai ao encontro do que a diretora C fala:

*Não existe mais isso de eu chegar e só porque eu sou a gestora, eu dizer que tem que ser assim e do seu jeito não. Eu tenho agora que ser parceira deles.* (Diretora C)

Demonstrando, desse modo, que ela entende que os professores devem também ter mais autonomia no futuro e que suas opiniões devem ser respeitadas pelos gestores.

Ao falarem das dificuldades ocasionadas pelos alunos vemos que o acesso à tecnologia, à internet e à conscientização dos alunos com relação ao seu uso para a educação foi de grande impacto, observamos na fala da coordenadora A que os alunos tinham grande dificuldade em fazer a separação do tempo e, com isso, conseguir organizar uma rotina totalmente dentro de casa:

*Então tinha dias aqui que na turma tinha pouquíssimos alunos. Quando a gente entrava em contato com as famílias para saber, é que a mãe, o pai, enfim... o responsável investigava: tava dormindo! O aluno logava na aula, desligava a câmera e ia dormir! Simplesmente ia dormir, ou seja, eles não... não viam mesmo que a gente fizesse a orientação de que a sala de aula agora era o espaço da casa dele, que ele selecionou para isso, que ele tem que estar fardado, que a lousa da sala de aula agora era a tela do computador... então a gente faz... mesmo sendo feito todo esse trabalho de conscientização, eles não conseguiram separar: agora um momento de aula, agora é um momento que eu estou na minha casa, tu tá entendendo?! Então eles misturavam tudo! “Então, já que eu estou na minha casa, sendo aula ou não sendo aula, eu vou continuar dormindo! Eu vou... era comendo lá”, bem sossegado, assistindo aula só de... só de cueca ou só de pijama [...].* (Coordenadora A)

Santos e Zaboroski (2020) abordam sobre isso ao trazerem em sua escrita que os estudantes de ensino médio muitas vezes não têm a autonomia e disciplina necessárias ao modelo de ensino remoto e híbrido, prejudicando sua aprendizagem. Por conta das dificuldades em “[...] compreender o conteúdo ministrado, muitos alunos passam a encarar a quarentena como férias [...]”. (p. 47). indo de encontro à situação relatada pela coordenadora A.

A evasão escolar citada pelos autores acima foi intensificada nas escolas da rede privada, porém, houve também os alunos que se transferiram entre as instituições privadas e públicas,

levando a um aumento no número de estudantes na última. As diretoras C e D atribuem essa diminuição na evasão as ações realizadas nas instituições:

*As possibilidades do ensino à distância ajudou nesse sentido, né!? E também as leis que determinavam a questão da infrequência, das devolutivas do tempo de espera para o aluno fazer sua devolutiva, isso tem resguardado o direito do aluno continuar estudando, tá certo, e diminuiu a evasão. (Diretora D)*

Deste jeito, foi assegurado ao aluno todas as formas possíveis de se manter na instituição, por uma forma menos brusca de controlar o tempo desses estudantes, possibilitando que conseguissem lidar com as mudanças e os problemas que foram surgindo ao longo dos anos de pandemia.

Já a diretora C fala que o protagonismo ofertado aos alunos foi o ponto-chave na instituição, colocando os estudantes como os principais dentro das salas e da convivência escolar, e como participantes no processo de redução da evasão dos seus colegas.

*Então, cada sala, nós temos o aluno protagonista, temos uma eleição que a gente fez, para os líderes de sala, que são os protagonistas da sala, tem grupo dos protagonistas, grupo da sala, eles têm de 3 a 4 grupos com a gente. E aí quando um falta o outro vai buscar saber por que foi isso, que é o que o aluno protagonista faz. E além de tudo a gente tem aqueles que, antes era chamado de grêmio, os representantes em sala de aula, e tem um conjunto que ajuda. A gente sabe que não é 100% em local nenhum, né!? Mas a gente tem esse contanto direto com eles, que facilita esse trabalho da gente. (Diretora C)*

#### **4.5 Conclusão**

Neste artigo buscamos compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido. Foram realizadas entrevistas presencialmente com os membros da gestão escolar de quatro diferentes instituições e, posteriormente, suas respostas foram analisadas em prol de responder ao objetivo da pesquisa.

Através do estudo de diferentes autores e das respostas obtidas durante a investigação, podemos apontar que os diretores e coordenadores participantes cumpriram ao longo dos anos

de 2020 e 2021 seu papel de gestão escolar de forma completa, e pesquisando sempre o melhor para os integrantes das instituições de ensino.

Demonstraram que nesses últimos anos tentaram sempre ser comunicativos com os que compõem a comunidade escolar, mediadores na busca de solução para os problemas que surgiam e organizadores das mudanças e adaptações na instituição. Tudo isso indo ao encontro do objetivo maior de garantir o acesso de todos os alunos à educação de qualidade e acessível às realidades particulares de cada estudante.

Cury (2007) fala que a gestão escolar democrática é a forma pela qual, através do diálogo e da participação ativa daqueles que compõem a comunidade escolar na tomada de decisões, é possível que se ponha em prática um projeto pedagógico de qualidade e que se possa formar o que o autor cita como “cidadãos ativos”, que possam vir a se tornar pessoas ativas e profissionais comprometidos com a melhora da sociedade.

Os gestores demonstraram que seu papel foi desempenhado de forma que os professores tinham voz ativa nas decisões tomadas, realizando o que estava ao seu alcance para que o trabalho dos docentes pudesse ser efetuado da melhor forma possível ao longo do ERE e do Ensino Híbrido.

Enquanto mediadores no processo de ensino, os gestores buscaram soluções para os problemas de acesso à tecnologia (tanto dos docentes quanto dos discentes), motivação dos estudantes, preparação dos professores para as novas formas de ensino e adaptações no espaço físico das instituições, possibilitando a segurança de todos que a ela tinham acesso.

Todo esse trabalho realizado demandou esforço dos participantes, uma vez que em poucas semanas vimos o sistema nacional de ensino ser totalmente reformulado. Os gestores escolares ficaram à frente das instituições e mediarão as mudanças, e mesmo com o pouco tempo disponível para se adaptarem, continuaram em suas funções, sendo o principal meio de comunicação entre as instituições e as secretarias de educação municipais e estaduais.

O ponto que podemos citar como sendo o de maior dificuldade em todas as instituições foi o trabalho remoto com os alunos. Os entrevistados trouxeram diversas vezes em suas falas a preocupação com relação ao seu acesso ao ensino, sua desmotivação com os estudos durante o período de implementação do ERE, sua preparação para o Enem e a falta de controle que a instituição se viu refém durante esse modelo de ensino.

Uma das principais soluções adotadas pelos gestores, a fim de superar as questões anteriormente citadas, foi a implementação de metodologias de ensino, o incentivo do



protagonismo entre os estudantes e a busca ativa dos alunos, realizadas pelos gestores, professores e colegas de classe. Essas ações refletiram na forma como os gestores veem o corpo estudantil, agora tendo mais em suas falas uma abertura a implementação de mudanças em um futuro pós-pandemia, no qual enxergam nos alunos aliados na garantia do acesso à educação.

#### 4.6 Referências

ABREU, E. *et al.* A geometria espacial no ENEM: uma proposta de estudo através da teoria da aprendizagem significativa. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 10, p. 1-12, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32109>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32109>. Acesso em: 18 set. 2022.

APPENZELLER, S. *et al.* Novos Tempos, Novos Desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 1-6, set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200420>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/9k9kXdKQsPSDPMsP4Y3XfdL/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BEHAR, P. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **UFRGS**, Rio Grande do Sul, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

BORBA, M.; ALMEIDA, H.; GRACIAS, T. **Pesquisa em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 06 out. 2022.

CASTIONI, R. *et al.* Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, [s.l.], v. 29, p. 399-419, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903108>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/53yPKgh7jK4sT8FGsYGn7cg/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2022.

CEARÁ. Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/CE). **Plataformas e serviços on-line**, Ceará, 2017. Disponível em: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/plataformas-e-servicos-online-seduc-ce/>. Acesso em 29 ago. 2022.

CORDEIRO, K. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. **Repositório institucional Faculdades IDAAM**, Amazonas, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://dspace.sws.net.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 28 dez. 2022.

COVID-19 Educational Disruption and Response. **UNESCO**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/covid-19-educational-disruption-and-response>. Acesso em: 03 set. 2022.

CURY, C. A gestão democrática na escola e o direito à educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**- Periódico científico editado pela ANPAE, [s. l.], v. 23, n. 3, 2007. DOI: <https://doi.org/10.21573/vol23n32007.19144>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/19144>. Acesso em: 18 out. 2022.

CURY, C. O direito à educação: um campo de atuação do gestor educacional na escola. Brasília: **Escola de gestores**, 2005. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/fev\\_2014/NRE/9o\\_direito\\_a\\_educacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2014/NRE/9o_direito_a_educacao.pdf). Acesso em: 01 nov 2022. de-isencao-para-o-enem-2022. Acesso em: 12 set. 2022.

EDUCAÇÃO: do fechamento das escolas à recuperação. **UNESCO**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response>. Acesso em: 03 set. 2022.

FREITAS, M. Letramento digital e formação de professores. **Educação em revista**, [s. l.], v. 26, p. 335-352, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2022

FREITAS, W.; JABBOUR, C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, [s. l.], v. 18, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/iniciado-periodo->

GATTI, B. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos avançados**, [s.l.], v. 34, p. 29 - 41, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqxhf/>. Acesso em: 16 jan. 2023. INICIADO período de isenção para o Enem 2022. **Gov.br**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/iniciado-periodo-de-isencao-para-o-enem-2022>. Acesso em: 12 set. 2022.

LÜCK, H. **A gestão participativa na escola**. [S. l.]: Editora Vozes Limitada, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. [S. l.]: **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

NEVES, J. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1973386/mod\\_resource/content/1/C03-art06.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1973386/mod_resource/content/1/C03-art06.pdf). Acesso em: 18 set. 2022.

OLIVEIRA, C.; DIAS, M.; ALMEIDA, R. Desafios do ensino remoto emergencial nas escolas públicas durante a pandemia. **Brazilian Journal of Development**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 102816-102821, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/admin,+BJD+684+Dezembro.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

PAIVA, M. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. Sobral: **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>. Acesso em: 01 nov. 2022.

QUEIROZ, A. **Matemática transparente ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

RODRIGUES, J.; CRUZ, T. Implicações da pandemia na educação: o trabalho do gestor escolar na rede privada de ensino. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [s. l.], v. 7, n. 8, p. 221-233, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.1881>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1881>. Acesso em: 28 set. 2022

SANTOS, J.; ZABOROSKI, E. Ensino Remoto e Pandemia de CoViD-19: desafios e oportunidades de alunos e professores. **Interacções**, [s. l.], v. 16, n. 55, p. 41-57, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25755/int.20865>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/20865>. Acesso em: 23 out. 2022.

SILVEIRA, F.; BARBOSA, M.; SILVA, R. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [s. l.], v. 37, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1806-11173710001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/TpSdTxpHR3XBgFttPmgmyPF/?lang=pt>. Acesso em 07 de novembro de 2022.

## **5. REFLEXÕES**

Ao chegarmos ao fim do mestrado devemos apresentar uma dissertação, que se baseará nos resultados obtidos na pesquisa que empreendemos ao longo do programa de pós-graduação. Na construção desse texto apresentamos de maneira sólida nossos resultados, enquanto demonstramos nosso amadurecimento na escrita acadêmica.

Na produção aqui apresentada visamos conhecer as dificuldades enfrentadas e as soluções adotadas pelos sistemas de ensino público e privado durante a pandemia da covid-19. Para alcançar esse objetivo, empreendemos uma pesquisa de cunho qualitativo, coletando dados por entrevistas semiestruturadas e, posteriormente, analisando as suas transcrições.

Nesta última seção apresentaremos os resultados da pesquisa, o cruzamento dos objetivos com os dados obtidos, uma análise dos artigos, considerando o objetivo geral definido no início da pesquisa e as conclusões a que chegamos ao fim da realização do trabalho.

A dissertação resultante dessa pesquisa foi escrita segundo modelo multipaper, composta por dois diferentes artigos, nos quais aspiramos compreender os pontos de vista de duas das categorias que compõem a escola: os professores e os gestores. Para cada artigo definimos um objetivo específico, no primeiro, identificar as dificuldades enfrentadas por professores de matemática na transição do modelo presencial para os modelos remoto e híbrido. E, no segundo artigo, compreender as dificuldades enfrentadas pelo corpo gestor das instituições de ensino médio na adaptação para o ensino remoto e híbrido.

### **5.1 Cruzamento dos objetivos com os dados**

No primeiro trabalho constatamos que uma das maiores dificuldades dos professores estava relacionada a sua preparação para o uso de tecnologias associadas à educação, devido as carências que vinham de sua formação inicial, pois, oriundos de cursos de licenciatura com grades curriculares desatualizadas, não receberam orientação daqueles que os formaram professores e, também, pela falta de incentivo para procurar por formações continuadas ao longo do exercício da profissão.

Um segundo motivo associado a essa dificuldade estava na questão financeira. Os professores participantes contaram que precisaram investir em recursos tecnológicos por não possuírem equipamentos que possibilitassem o ensino remoto, sem contar com a dificuldade em se adaptar ao uso deles.

Como solução, esses profissionais investiram em: recursos que contribuíssem com o ensino; formações e tutoriais para os ajudar na realização de seus trabalhos; ajuda de terceiros e apoio da gestão das instituições, na qual, vimos que houve espaço para compartilhar problemas e soluções.

No segundo trabalho, realizado com os diretores e coordenadores das instituições, constatamos que as principais dificuldades estavam associadas ao papel de fornecer apoio aos docentes e discentes, bem como garantir o acesso de todos à equipamentos e às ferramentas que possibilitassem a efetivação do ensino remoto.

Os gestores, entre suas obrigações, deviam servir de ligação entre as secretarias de educação e os professores – averiguando com os primeiros a assessoria para solucionar os problemas que surgiam para os segundos –, e de mediador entre os professores e as famílias dos estudantes, localizando os alunos e encontrando soluções para os problemas que os afastavam da escola.

Para que houvesse resolução diante dessas problemáticas, os gestores abriram espaço dentro das instituições que, inicialmente, deveriam estar fechadas, para que os professores pudessem usar equipamentos e a internet da escola para confeccionar suas aulas no meio digital, já para os alunos, foram ofertados materiais impressos e espaço de escuta junto a psicólogos para que pudessem falar sobre seus medos e suas inquietações advindas do período de isolamento, além de reuniões síncronas e acolhimento aos estudantes para que conseguissem se adaptar à nova modalidade de ensino.

## **5.2 Compreensão dos resultados**

“Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o ‘possível’ para ele.” (GOLDENBERG, 2004, p. 13).

Para conseguir um panorama das dificuldades da instituição de ensino é preciso uma investigação com um grupo diversificado de profissionais que a compõem. Efetuar a pesquisa apenas do ponto de vista dos professores nos propiciaria apenas uma visão dos problemas relacionadas a execução do ensino, enquanto com o ponto de vista dos diretores teríamos acesso aos problemas acerca da execução do próprio direito à educação.

A comunidade escolar então ocorre com a junção do trabalho dos professores, que executam o processo de ensino-aprendizagem, e os gestores, que asseguram que o trabalho possa ser praticado e que o público-alvo desse processo tenha acesso a ele. Ao analisarmos suas opiniões é possível entender as adversidades da instituição.

Ao averiguarmos os dois artigos resultantes da pesquisa, podemos notar que as principais adversidades enfrentadas no ensino giraram em torno da preparação dos professores, que necessitaram de uma rápida adaptação ao ERE, e a desmotivação que abateu grande parte dos integrantes do corpo docente.

No tocante ao problema de preparação dos professores, cada instituição, dentro de suas possibilidades e limitações, demonstrou encontrar meios de assessorar esses profissionais. Nas instituições públicas vimos a procura de ajuda nas secretarias de educação e no trabalho em equipe, como relatado pela diretora C no segundo artigo, ao relatar que os professores se reuniam na escola e compartilhavam suas soluções e ideias.

No âmbito privado, houve o oferecimento de apoio aos profissionais por meio de preparações e formações realizadas dentro da instituição, onde os próprios professores tinham liberdade de pedir pela ajuda de especialistas em sua área de dificuldade e espaço para compartilhar soluções com os demais colegas.

O segundo problema, comum a gestores e docentes, foi a desmotivação que abateu os estudantes ao longo do ERE. Com o isolamento imposto sobre os jovens, a ausência de contato físico com outras pessoas, além de seus familiares, o medo da doença, a perda de pessoas próximas, a falta de alguém que impusesse disciplina durante os horários de estudo e estando confinados ao ambiente de suas próprias casas, ficou difícil para esses estudantes criarem e seguirem uma rotina próxima da que lhes era imposta anteriormente.

A liberdade em excesso que recaiu sobre muitos desses jovens se tornou um problema. Durante os horários que seriam reservados às aulas, muitos deles ficavam sozinhos em um ambiente, enquanto os responsáveis estavam entregues a seus afazeres, tornando fácil para que ocorresse o que foi relatado no segundo artigo, onde o aluno logava no ambiente virtual de aprendizagem e, simultaneamente, ia jogar, dormir ou fazer qualquer outra atividade paralela.

Esse problema trouxe inúmeros empecilhos na busca de uma solução. Os professores, durante a transmissão das aulas, dificilmente conseguiriam vigiar se todos os alunos permaneciam com as câmeras ligadas e atentos. A cobrança pela participação também era difícil de executar, tendo em vista que muitos dos alunos não tinham acesso a um equipamento ou

conexão com a internet que permitisse que suas câmeras ficassem ligadas sem interrupções durante o horário de aula.

Os diretores e coordenadores, que nesses casos se tornaram os responsáveis pela procura desses estudantes, além do problema de conexão, tinham que se atentar ao fato de que em algumas residências, o celular usado para acessar à aula era compartilhado por mais de uma criança. Ademais, os próprios responsáveis não poderiam fazer esse controle constante sobre os estudantes, por trabalharem nesse horário e precisarem estar em ambientes diferentes.

Como solução adotada pelas instituições, a fim de resolver esses problemas, tivemos a busca ativa dos estudantes, a disponibilização de materiais de estudo impressos e, posteriormente, no ensino híbrido, a abertura dos espaços dos laboratórios de informática e a implementação de metodologias ativas de ensino.

Nessa última solução os alunos se tornaram os protagonistas do processo de aprendizagem, a interação entre alunos e professores se tornou mais leve e com espaço de fala para os estudantes, as atividades educacionais se tornaram mais interativas e os próprios trabalhos avaliativos estimulavam a criatividade e o envolvimento dos estudantes.

Essas ações possibilitaram que, na rede privada, os estudantes obtivessem um bom desempenho em avaliações externas e, na rede pública, contribuiu para que a evasão escolar que, presumidamente, aumentaria nesse período, fosse mínima ou como constatado nas entrevistas, não aumentasse em relação aos anos anteriores a pandemia.

### **5.3 Considerações finais**

A pandemia causada pelo coronavírus mudou radicalmente a forma de funcionamento de diversos setores da humanidade. As perdas ocorridas nos últimos anos vieram para nos relembrar do quão frágil e preciosa é a vida humana. Em poucas semanas vimos o mundo se transformar totalmente, todas as relações humanas foram repensadas e os ambientes e instituições de convívio tiveram seu funcionamento paralisado e proibido.

O medo da doença foi intensificado pelo isolamento ocasionado pelas medidas de contenção da disseminação viral, rapidamente tivemos de nos adaptar ao uso de máscaras, higienização constante das mãos e objetos e o distanciamento social. Porém, mesmo com todas essas medidas, o funcionamento de locais de aglomeração humana não poderia ocorrer.

As empresas, então, implementaram o *home office* como modelo de trabalho para seus funcionários e colaboradores, possibilitando que alguns setores da economia pudessem

funcionar apesar da restrição geográfica dos trabalhadores. A educação foi reformulada para continuar ocorrendo nesse momento. Cada país lidou com essa adaptação de forma própria, no Brasil, foi instituído o modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), no qual professores e alunos estavam fisicamente separados, mas, virtualmente conectados.

O ERE tinha inúmeras limitações em nosso país, o pouco tempo para a adaptação dos profissionais da educação, o baixo acesso que a população tinha à tecnologia e internet de qualidade, as desigualdades sociais que dificultavam ainda mais o acesso aos meios necessários ao ERE e a autonomia imposta sobre os alunos.

Há muitos anos falamos sobre as metodologias ativas de ensino e o incentivo à autonomia dos estudantes, no entanto, eram pouco difundidos e aplicados no Brasil. Nosso sistema educacional seguia a passos lentos em direção a esses métodos e durante a pandemia foi bruscamente colocado diante dessa alternativa de ensino.

Nas instituições de nossa sociedade é comum a imposição de hierarquias e dentro das escolas não seria diferente. Gestores estavam acima dos professores e professores estavam acima dos alunos. Com isso, foi esperado que os gestores tomassem à frente nas mudanças, ficando responsáveis por decidir e implementá-las, todavia, esse trabalho hercúleo não poderia ser realizado individualmente, logo, os gestores buscaram ouvir os professores e contar com a sua ajuda na tomada de todas as decisões concernentes ao que deveria ser realizado em cada instituição de ensino em particular.

O professor perdeu seu papel de autoridade máxima dentro de sala, afinal, como controlar e impor ordem sobre os alunos se todos estavam em ambientes distintos? Como assegurar que todos obedecessem, se bastava um simples clique na tela para que os professores não escutassem nada do que os alunos falavam? Em um momento de incertezas, em que a liberdade de ir e vir foi limitada e a própria saúde estava constantemente sobre ameaça, como conseguir motivar esses estudantes?

Para tal, foi preciso que os professores estivessem abertos a conversar com esses estudantes e ser compreensivos às situações que cada um estava enfrentando. Coube aos gestores, junto aos professores e as famílias, criar um ambiente de conversa e liberdade para que esses estudantes conseguissem se expressar. Através dessa “quebra” das hierarquias escolares, os gestores e professores puderam se conectar melhor com os estudantes e mantê-los conscientes sobre a importância da educação em suas vidas.



As mudanças adotadas nesses últimos anos são em parte irreversíveis, tendo em vista, que esse cenário de acolhimento iniciado nas instituições de ensino pode ser algo que trará grandes benefícios para a educação no futuro. Mesmo que nem todos tenham conseguido se adaptar e queiram voltar ao modo que antecede a pandemia, é impossível que não fiquem marcas de tudo o que foi vivido.

A implementação de novas metodologias de ensino, as mudanças estruturais, a autonomia dada aos jovens e a possibilidade de uma educação com complementação, seguindo métodos do ensino híbrido, com certeza, vieram para mudar a educação no país e propiciar um acesso cada vez mais democrático a educação básica.

Enquanto pesquisadores, nos cabe tentar entender essas mudanças e como elas podem ser replicadas no futuro. Infelizmente, como a pandemia ainda não chegou ao seu fim, continuamos nesse processo de investigação constante pela compreensão das mudanças rápidas que ocorrem na educação, esperando que ao fim de tudo isso, possamos nos tornar pesquisadores mais capacitados e conscientes sobre os processos de mudança em nossa sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS

AQUINO, E. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência e Saúde coletiva**, [s. l.], v. 25, ed. 6, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/medidas-de-distanciamento-social-no-controle-da-pandemia-de-covid19-potenciais-impactos-e-desafios-no-brasil/17550>. Acesso em: 8 ago. 2022.

BEHAR, P. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **UFRGS**, Rio Grande do Sul, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORBA, M.; ALMEIDA, H.; GRACIAS, T. **Pesquisa em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BRASIL. **Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. [s. l.], 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 15/2020 - Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=160391-pcp015-20&category\\_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=160391-pcp015-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 5 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 6/2021 - Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar**. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=195831-pcp006-21&category\\_slug=julho-2021-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=195831-pcp006-21&category_slug=julho-2021-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 3 jan. 2023.

CAVALCANTE, J. *et al.* COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. e2020376, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000400010>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/zNVktw4hcW4kpQPM5RrsqXz/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CHARCZUK, S. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. e109145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109145>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?lang=pt>. Acesso em 27 ago.2022.

COSTA, A.; NASCIMENTO, A. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. **Anais VII CONEDU-Edição Online**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69217>. Acesso em: 18 out. 2022.

COSTA, W. Dissertações e teses Multipaper: uma breve revisão bibliográfica. **Anais do Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática**, Mato Grosso do Sul, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/3086>. Acesso em: 05 nov. 2022.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LOSEKANN, R.; MOURÃO, H. Desafios do teletrabalho na pandemia covid-19: quando o home vira office. **Caderno de Administração**, v. 28, p. 71–75, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53637>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53637>. Acesso em: 25 out. 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. [S.l]: **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

MUTTI, G.; KLÜBER, T. Formato *Multipaper* nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Brasileiros das áreas de Educação e Ensino: um panorama. **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, Foz do Iguaçu, v. 5, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://sepeq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/02858929912/11>. Acesso em: 09 set. 2022.

MUTTI, G.; KLÜBER, T. Tese no formato multipaper: desvelando uma possibilidade na perspectiva fenomenológica de investigação. 2 ed. **Revista Paradigma**, v. 43, p. 36-58, 2022. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/30864/>. Acesso em: 05 set. 2022.

## **7. ANEXOS**

### **7.1 Roteiro das entrevistas**

#### **7.1.1 Roteiro das entrevistas com os professores**

- Qual sua formação e a quanto tempo atua no ensino de matemática?
- Você está atuando em qual modalidade de ensino durante a pandemia?
- Quais as plataformas que você utilizou para dar aulas?
- Quais tecnologias você tem utilizado em suas aulas?
- Quais as principais dificuldades que você tem enfrentado com relação a adaptação às aulas virtuais?
- Antes da pandemia você utilizava alguma tecnologia digital em suas aulas? De que forma? Foi possível continuar a utilizá-la?
- Durante sua formação você cursou disciplinas ou participou de algum projeto que de alguma forma te preparou para o uso de tecnologias em sala de aula?
- Houve alguma orientação ou preparação oferecidas a você que ajudaram na transição para esse novo modelo de ensino? De que forma?
- Como você avaliou a aprendizagem dos alunos durante o ano de 2020?
- Como tem sido o seu planejamento de aulas para o ano de 2021?
- Quais as dificuldades que ainda encontra nesse ano com relação ao ensino, são as mesmas ou surgiram novas?
- Você acredita que está havendo uma aprendizagem significativa por parte de seus alunos?

#### **7.1.2 Roteiro das entrevistas com os diretores e coordenadores**

- A quanto tempo trabalha na gestão do colégio?
- Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?
- Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o ENEM 2020 e 2021?
- Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?
- Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?
- Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

- Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?
- Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?
- Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?
- Houve um aumento na evasão dos alunos?

## **7.2 Transcrições das entrevistas dos diretores**

### **7.2.1 Diretora A**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. Há 6 anos

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. O colégio, como um todo, se adaptou da melhor forma possível, com a participação de todos que fazem a escola acontecer, houve erro, sim, mas na tentativa de acertos. Aprendemos muito e ainda temos o que apreender.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020 e 2021?

Resp. Com a equipe pedagógica e professores traçamos metas e objetivos bem pontual para que pudéssemos atingir todos os estudantes nesta reta final e com distanciamento (físico), mas, muito próximo virtualmente.

4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. Dificuldades tecnológicas, com internet, com equipamentos, realizar aula diante de um computador, alunos com câmeras desligadas, entre outros.

5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. O modelo mais viável e, assim, confiável, foi o que usamos, aulas interativas (ao vivo) professor e aluno, aplicativos adaptáveis nos componentes curriculares.

6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. Sim, professores e toda equipe diretiva. Tivemos formação e acompanhamento para esse novo formato.

7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. Quantitativa e qualitativa.

8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Com a pandemia, tecnologicamente falando, avançamos 10 anos, neste sentido, esse “novo” na educação veio para ficar. Como, por exemplo, aula síncrona, dependendo do componente curricular.

9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

Resp. Alguns desmotivados devido a situação, outros não tendo uma base tecnológica para acompanhar as aulas, outros (poucos) desistiram.

10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. Sim.

### **7.2.2 Diretora B**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. Trabalho na gestão do colégio fazem 06 anos.

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. Uma das maiores adaptações do colégio foi ter suas aulas de forma remota, com cada um nas suas residências, foi uma nova forma de ensinar e aprender. Tivemos que investir em recursos físicos e tecnológicos e em formação de professores para podermos acompanhar esta nova realidade.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020 e 2021?

Resp. O colégio, junto a coordenação pedagógica e professores, estabeleceu objetivos e metas para atingir a todos os alunos. Apesar do distanciamento físico, o colégio permaneceu com síncronas diariamente e com atendimento personalizado aos estudantes através de plantões de dúvidas.

4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. No início, dificuldades na adaptação desta nova realidade com as aulas remotas. Manter diariamente a atenção dos alunos nas aulas, sendo que nem todos conseguiam ter diariamente um espaço adequado para o estudo em suas casas. Outras não dificuldades com as tecnologias acesso e velocidade da internet.

5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. Definimos com o modelo mais viável e confiável a realização de aulas síncronas e assíncronas através de plataformas disponibilizadas e utilizadas pelo colégio, dando maior ênfase nos conteúdos de maior importância.

6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. A equipe diretiva, juntamente com a coordenação pedagógica e professores, tivemos formação para este novo modelo de aulas, contamos com o apoio das plataformas de ensino que já utilizávamos, não com tanta ênfase como no tempo de pandemia. Professores que tiveram dificuldades com a utilização das plataformas on-line tiveram assessoria personalizada.

7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. O colégio utiliza a avaliação qualitativa e quantitativa.

8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Para os adolescentes e, principalmente, para as crianças, as aulas presenciais são de suma importância. Mas muitas experiências que tivemos neste tempo de pandemia foram válidas e certamente continuaremos nos valendo delas no futuro para garantir uma melhor educação.

9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

Resp. Algumas famílias relataram a falta de equipamento tecnológico para acompanhar as aulas (quando mais de um filho), e de um espaço mais adequado para este momento. Ao longo do tempo, um pouco de desmotivação por parte de alguns alunos, pela falta da convivência e dificuldades em se organizarem para os estudos.

10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. Sim, tivemos um aumento de evasão de alunos, se considerarmos os anos anteriores, principalmente, da educação infantil, onde a concentração para uma aula on-line exige mais.

### **7.2.3 Diretora C**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. 4 anos.

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. A escola ou o corpo docente? Ou corpo docente e discente?

2.1. No geral.

Resp. A escola a gente mantém nesse nível que você está vendo, apesar de ser uma escola de estado que tem pouca verba, mas a gente procura da verba que a gente tem, investir, né!? Você

está vendo que a escola da gente é limpa, bem organizadinha, certo?! E, com relação ao corpo discente, a gente se reúne com ele 2 vezes por semana, né, na orientação de como eles tem que se comportar, participar das aulas e tudo, e também uma vez com o corpo docente, né?! E no corpo docente a gente planeja a aplicação do projeto de vida e a busca ativa que ela é constante, que a gente entra em contato com esses alunos. E é assim, eu acho, que eu vi que apesar de ter sido um ano atípico, um ano não, quase dois, né... a gente tem que procurado dar o melhor possível. A gente sabe que a maioria dos nossos alunos também são alunos da zona rural, são alunos que tem um poder aquisitivo muito baixo, muitos deles não têm nem um celular, não tem televisão, não tem transporte, é um pouco complicado pra eles, mas a gente tem a assistência que a gente pode dar, a gente tá com tudo certo, de acordo com todas as tarefas, todos os materiais como a gente teria aqui, tudo lá em Luciano Xerox. Eles pegam a pasta deles com o conteúdo do mês, né?! E assim a gente tem feito um bom trabalho: inventando, se reinventando, procurando dar o melhor que a gente tem. E eu acredito assim: o prejuízo é grande? É! Na questão do aprendizado certo?! Mas, quando a gente quer, a gente corra atrás, a gente busca e faz esse trabalho. Então o que a gente conversa com nossos professores, e a gente sempre tem reciprocidade deles nesse planejamento, dessa organização pedagógica que a gente tem semanalmente, as reuniões de organização pedagógica, né?! E esse acolhimento sempre dando apoio para que eles realmente passam para o aluno fortalecendo, encorajando, dizendo que a situação pior de quem perde um ente querido, de quem passa por esse... quem passou por esse... e ainda passa por esse momento... dessa pandemia é.... convive, que fica sequelas e quem tem problemas depois e tudo... e a gente tem procurado organizar isso.

Graças a Deus não tivemos nem uma perda, né!? Nem no discente nem no docente e, por aqui, a gente procurou fazer tudo. Tivemos um resultado que foi inesperado no final do ano, assim... de alunos aprovados no vestibular, alunos aprovados no Enem, nos tivemos até um aluno aprovado em medicina [...], nas faculdades particulares e também na federal. É.... temos um trabalho que é muito bom, que é a questão da redação nota 1000, por semana, então esse trabalho feito com os alunos do terceiro ano e do primeiro, né, assim... tem dado um resultado positivo. Eu não quero dizer assim para você que é 100% de aproveitamento porque isso não existe, certo?! Porque vai desmotivando, outros vão até entrando em situação de pânico, de... de... de desespero, de achar que não vale a pena mais... entendeu?! Mas aí a gente também pede aos pais que assim... o apoio também dos pais.... A gente tem aqui quase 1000 alunos e a gente faz uma reunião com os pais vem 150, 200 pais... que nos deveríamos ter 500, 600... por aí,



né?! E pedimos por ajuda, força, para que a gente passe por esse momento difícil, esse momento pandêmico... que é do planeta Terra, uma questão que não é só de Cajazeiras, nem do estado da Paraíba, né!? Mas, é... é pouco, eu digo assim a você, que a participação da família nessa orientação tem sido... até porque as condições financeiras dessas famílias... é muito carente, né!? Pessoas pobres, né!? Sem condições que passam essas situações difíceis, você sabe, para tudo nesse momento foi difícil... e está sendo porque a gente precisa desses cuidados: ter sempre álcool em gel, ter sempre máscara... sempre. E eles em vez de comprar o álcool, eles vão comprar um alimento, ovos, até porque carne ninguém pode comer mais, né, um negócio assim... e gás, né!? O trabalho tem sido... quer dizer... assim... o trabalho na situação que o Brasil hoje se encontra foi para os alunos, para a escola, diante de tudo, de todos os acontecidos foi positivo, certo?! Porque nós tivemos um resultado positivo, então, por isso, a gente tem uma avaliação muito positiva do trabalho realizado com todos os tipos. Tantos momentos difíceis, tantas perdas, é... de amigos, de pessoas da família e tudo... Não só pela pandemia, mais de acidente, de outros problemas também que vêm acontecendo..., mas a vida é assim e a gente tem que continuar e se manter firme, forte... não é?! Como você estar aqui hoje fazendo um trabalho nessa situação, quer dizer, não sei se vocês já voltaram ao presencial, porque a gente está no regime híbrido, né, e a participação dos alunos é muito pouco, os pais... a gente tem um número de alunos de quase mil e os pais que assinaram foram 140, né, que voltam. A gente pediu para assinar um documento para poder voltar, para dividir com a gente essa responsabilidade. E chegaram a gente tem que fazer todo o material, para os cuidados necessários para volta com segurança, isso a gente tem feito, certo?! Temos sempre então a água sanitária, o álcool gel, o álcool 70, líquido, na entrada e saída, na sala... hoje a escola vai ser toda higienizada, com aquele material da maneira que eles fazem nos hospitais. E a gente tem procurado fazer isso né!? A gente faz a aferição de temperatura, verificação de como eles estão com o aparelhinho de medir pressão, verificamos a pressão, tudo isso. Quer dizer, é o que a gente pode fazer para que os que estão aqui tenham segurança, mas mesmo assim ainda é um número pequeno de participantes.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020?

Resp. Sim, a questão de... como a gente antes tinha as aulas do ENEM e tudo, eles foram pouquíssimos alunos que fizeram a inscrição, né, porque o aluno da rede pública ele é isento da taxa de inscrição, e aí eles foram exemplo disso, mas, a gente procura conversar na sala de aula e eles desmotivada mesmo assim, uma questão bem grande assim. Ano passado foi melhor, mas

esse ano foi... desmotivaram pela falta familiar, eles mesmos sem acreditar mais no ensino... e o número foi pequeno, a participação na prova do ENEM. Mas o trabalho realizado com eles foi um trabalho muito bom. Nós temos grandes professores na escola, inclusive o número de professores daqui é mais de 50 que a gente tem, e todos eles são formados, todos eles têm mestrado, e não tem nenhum assim para você dizer: “entrou agora e não é mestre”, entendeu?! Temos o professor com mestrado, com doutorado, com pós-doutorado. E profissional também preparados, e além de ser preparados eles também são interessados a fazer um trabalho de qualidade, né!? Até porque se você escolheu essa profissão, de dizer de professor é porque realmente você tem um pensamento voltado para ajudar, porque pela questão financeira, hoje, que ganha um professor, né?! Pra quem pensa nisso, né!? Só em ter, né!? E não se preocupa com o ser, né!? É desmotivante! Mas se você tem o desejo seus então é muito bom! Eu, pelo menos hoje, eu tenho 73 anos, mas eu acho que eu comecei a ensinar aqui desde 1973 nessa profissão de escola e... e deixei, sou aposentada do estado a 23 anos, mas eu continuo aqui como gestora, já fui gestora em outro momento, 9 anos antes e... e, assim, eu acho que quando a gente gosta, é uma questão que vem de dentro, é do coração, eu pensei e acho assim, sei não... isso é fácil, quando trabalha com o que gosta, certo?! Eu gosto muito de fazer e eu acredito que os outros também, certo?! E eles tem feito um trabalho bom, participando de tudo. Agora a motivação pra eles tem tido, agora eles é que não tiveram assim, durante esse período assim, uma crença. E até porque na maioria dos alunos da nossa escola são da zona rural, né!? 70% é da zona rural. E é tanto que houve ontem a prova... antes de ontem... a prova do SAEB e o número de participantes foi mínimo, por quê? Porque eles vieram no domingo fazer a prova do Enem, pagaram transporte vindo da zona rural, aí no outro dia tinha que tá aqui no mesmo horário, de 7, pra fazer a prova do SAEB, então mesmo dizendo pra eles a importância que tinha essa prova pra gente, que é uma avaliação para o IDEB, né!? Inclusive a escola pode ficar até sem a parte financeira porque eles avaliam assim, eles não estão olhando... no Nordeste... que ninguém vê a situação da gente, então... uma avaliação disso, né!? Acha que..., mas é o aluno da zona rural que não veio e também que... não tiveram, não tinham condições de vir. Por isso eles acham o seguinte: “não, vamos deixar para o próximo ano”, que a gente acredita que as aulas voltem mesmo 100% presencial, certo?!, então vai ser mínima a participação.

4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. A gente teve as aulas remotas, né, até agora. E... nós estamos voltando agora, né, no dia oito de novembro, mas em todo esse período foi aula remota, num teve... assim.... A híbrida tá

sendo agora, né!? 50% em casa e 50% na escola, mas não tá vindo nem 10% de aluno de cada sala, mas, é... no início, quando a gente foi tomado de surpresa, né, com o vírus atacando o planeta, como todo mundo sabe e... houve o decreto suspendendo por 30 dias, depois 60 dias e na perspectiva de uma volta já, só que a coisa foi caminhando e aí como eu disse a você, a gente foi desmotivando e o aluno foi com toda a preparação que tinha pra isso, mas foi muito difícil, certo?! É muito difícil, e só quem vive essa situação é que sabe o quanto foi difícil passar por isso. Então, pra eles e pra gente, pro corpo docente, o corpo gestor e o corpo discente... a gente teve, no início, uma esperança de voltar logo, certo?! Mas, quando foi ficando tão longo e a gente viu tudo isso, então houve aquela desmotivação do aluno e foi enfraquecendo, apesar de ter todo o movimento para fortalecer, para eles continuar insistindo, mas foi desmotivando... e eu tenho uma avaliação assim, que foi mais ou menos, não foi boa como a gente esperava, mas foi mais ou menos.

5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. Foi remota, tudo remoto. Agora, dia 8 de novembro, a gente voltou com o regime híbrido né!? E é 30% de conteúdo, 3 aulas por semana, segunda e terça, e 3 aulas pros alunos, quinta e sexta, e na quarta-feira é o dia pra fazer a limpeza pesada, higienização, todo esse trabalho na escola; apesar de já fazer todos os dias, por que o aluno saiu a gente tem que detetizar tudo, tem que pulverizar com álcool, todos os dias. Mas aí a gente tem que fazer uma limpeza pesada mesmo, ficou pra gente no dia de quarta-feira, certo?! E aqui a gente tá fazendo, como eu já disse a você, né!? A gente tá com muito medo, mas nos estamos aqui prontos, né!?

6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. Sim. Houveram várias formações, assim... não foi assim... houve uma capacitação, mas, como a gente tá em trânsito de uma nova educação, de acordo com as diretrizes e a BNCC, a gente tem o novo ensino médio que... quer dizer... não foi... não veio pras escolas regulares, e sim pras escolas integrais, do que a gente ouve, ensino médio, e a gente começou a trabalhar essa formação, certo?! Preparando já o professor, pra quando chegasse em 2022, ele já estar mais ou menos preparado para receber esse novo ensino médio, né!? E a gente teve algumas formações e também nos tivemos o projeto de vida que, eu acho assim, veio pra realmente dar uma força pra gente, pra o alunos... certo?! A gente acredita muito que você faz, da conta do recado mesmo, e houveram toda preparação, todo o projeto de vida, com essa busca ativa dos alunos, conversando com eles todos os dias, dizendo a importância. Pra isso nos temos desde o

início do ano, sempre a gente teve antes, até da gente... no presencial normal, quando a gente entrou no não presencial, no remoto, a gente sempre teve essa formação pela gente mesmo, certo?! Quer dizer, nos não temos coordenador pedagógico na escola, uma escola desse tamanho, com esse grande número de professores e de alunos, mas tem quase 4 anos que a gente pede e não vem, a que tinha aqui se aposentou e a gente ficou. E tem o pessoal do... que são readaptados alguns professores, e é quem mais dá apoio e ajuda a gente nesse trabalho, certo?! Mas aí a gente procurou fazer, dentro das condições possíveis, todos os sistemas que a secretaria manda, todos os projetos, tudo a gente procura fazer. Por semana uma reunião geral e uma reunião por área por semana. Quer dizer: os professores, com a gente, eles têm duas reuniões por semana, certo?! E aí a gente procura fazer essa formação, e eles vêm tendo a formação continuada, aos sábados, como a gente tem aula até janeiro, a gente foi dando as aulas de janeiro nos sábados, então nos sábados a gente tinha uma manhã toda de formação, no outro sábado era uma tarde toda de formação, certo?! Dentro do projeto de vida, e também nesse alinhamento pedagógico, da questão do novo ensino médio como eu já falei, e foi, bom... foi mais ou menos, dentro do corpo da escola mesmo a gente fez isso, agora uma formação pra vir de... de João Pessoa, da secretaria de educação, pra preparar o professor, nós não recebemos.

7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. Ficou a cargo de cada profissional.

8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Sim! Demais! Hoje ninguém volta mais ao presencial do jeito que a gente era antes. Hoje, tanto na família, na sociedade como um todo, como na escola, que aqui é o meio em que a gente forma, né!? A educação vem de casa, mas a gente procura ajudar também. Pra gente é uma mudança muito grande, certo?! Hoje eu não sou, eu quero dizer, como gestor, eu não sou hoje aquela pessoa eu fui a 2 anos atrás. Porque eu passei 10 anos como diretor dessa escola, e eu pegava no pé, cobrava, não deixava o aluno sair, que era aquela questão, dizendo pra ele que quem quer aprende, que quem quer consegue, que você estudando você chega lá. “Mas a gente é pobre”, o que importa pra você é sua boa vontade, sua vontade de buscar. E a gente sempre procurou dar ao aluno uma educação de qualidade para que eles realmente se sentissem muito bem na escola. E agora nesse período pandêmico, eu acredito que ninguém, como eu disse, volta como era antes! Eu mesma, hoje sou outra pessoa, certo?! A gente vê o mundo diferente, um mundo de igualdade... não existe mais aquele... aquela questão de você, na concepção de algumas pessoas, achar que você é superior. “Eu sou a gestora, então quem manda aqui sou eu”,

isso não existe mais, não existe isso. Eu acredito que pra ninguém mais. Você tem que fazer tudo conversando, tudo conversado, sabe!? Buscando o que é melhor pra você, o que é melhor pra escola, o que é melhor para os alunos. Porque o nosso objetivo é o que é melhor para o aluno, entendeu?! E aí, nos vamos ter um modo de trabalho diferente, vamos ter que repassar os conteúdos de uma forma conversada, dando a entender que é necessário ele buscar isso aí, que é necessário aprender, é necessário a participação dele na escola, certo?! Porque aqui ele tem apoio, aqui ele tem psicólogo, aqui ele tem a gente ajudando, aqui ele tem uma alimentação saudável. E a gente procura colocar isso pro aluno. Então, nas nossas conversas, que a gente tem semanalmente, tem toda uma preparação em cima disso, de você ter... assim, um professor caxias, por dizer assim, eu! Eu quando era professora, se o aluno não estudasse, não passava. Hoje você tem que olhar todos os meios, ver a situação, estudar o aluno, saber quem é ele, a família, como ele está. E não ter aquela antiga conversa, o certo hoje é motivar! Pra que ele realmente procure fazer as coisas, procure fazer as atividades dele, procure buscar essa questão, dessa mudança que a gente faz, certo?! Então a gente procura fazer esse trabalho. “Como é que eu vou fazer?”, você vai se reinventar! Você vai criar! Você vai ter que ser parceiro. Não existe mais isso de eu chegar e só porque eu sou a gestora, eu dizer que tem que ser assim, do seu jeito não. Eu tenho agora que ser parceira deles, então eu acredito que apesar de todo, assim... a vasta destruição que houve no mundo, que teve com a questão de separar as pessoas que ficaram doentes, muitos que se foram, né!? Isso trouxe pra gente, assim... essa questão de que você não é nada! Você é você e pronto. O que você tem, tem que dividir com alguém, entendeu?! Então, nossa concepção para o novo ano, na volta desses alunos, é desse jeito, é de que eles... que todos sejam diferentes, até na maneira deles entrarem, a maneira como a gente recebe eles dentro da sala de aula. É mais uma questão, assim, de que mesmo no começo, que eu sei que muitos querem logo os conteúdos, porque aluno do ensino médio é um aluno que tá se preparando pra vida, mas tem a questão de você primeiro organizar, conversar, fortalecer, assim... ter um regime de fortalecimento maior, certo?! De crenças, seja de que religião ele for, mas dizer de que eles têm de acreditar no seu potencial, na sua vida, a gente tem que acreditar em alguém! Você tem, se você não é católico, você tem que saber que algum Deus existe, que algo existe nesse mundo, então é nesse trabalho que a gente traz no dia a dia. Em todas as reuniões, eu posso dizer a você, tem dia que eu tenho quatro, cinco reuniões num dia. Tem dia que a gente fica estressado, que a gente deita e diz assim: “Deus, obrigada porque eu estou vivo! Obrigado por eu ter energia pra aguentar.”

9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

*Nota: como a diretora já havia falado das dificuldades com os alunos a pergunta se mostrou desnecessária.*

10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. Não, de jeito nenhum. Houve foi o crescimento! Porque, nos temos um quadro de professores responsável, comprometido com o que faz, dedicado a isso, certo?! E nós recebemos muitos alunos da rede privada, porque eles estavam tendo aula remota na escola privada, pagando e tendo a mesma aula que na escola pública era sem pagar. Então, eu acho, que na minha concepção, foi mais isso que pesou, certo?! Mas a gente recebeu e temos turmas completas, de assim, 30 alunos que vieram só de uma escola só, e matricularam aqui esse ano. E recebemos muitos, todos os dias a gente está recebendo alunos que já tem sua carga horária dos 3 bimestres, que a gente já está no quarto. Ontem mesmo nos recebemos 2 alunas que chegou de outro estado, mas que já veio com os três bimestres prontos. E não houve, assim... Nós tínhamos 1121 alunos em 2020, e em 2021, nos temos 1021, então, houve assim, em transferência, nós tínhamos 366 alunos concluintes, nesse ano, nós temos 302, certo?! Saíram 366, então pra repor o número de alunos que saiu, então tinha que vir mais. Então eu digo pra você que não houve evasão, porque a gente continua com esse quadro, sem dar nenhuma transferência, não houve essa questão, a não ser dos que se mudaram para outro estado, foi pra São Paulo e depois voltou e a vaga tava aqui. Mas não houve assim, nada que possamos chamar de desistência. A gente está mantendo o mesmo número, mesmo aqueles que aparecem uma vez na semana, que as vezes não dá notícia e a gente vai nessa busca ativa, a gente vai procurar saber na família o porquê de não estar participando. As atividades estão prontas aqui na escola pra vir pegar, quem não tem condições, não tem internet, não consegue ter acesso à plataforma, certo?! E aí, a gente... também nisso o governo tem ajudado muito nessa questão de transmitir. Eu sei que os professores investiram muito também em material pra eles. Que compraram tudo isso que eles não tinham, mas a gente recebeu ajuda e estamos recebendo ainda. Por isso a evasão foi... não houve evasão porque o número foi mínimo. Para um universo de mil alunos, saíram trezentos e poucos e hoje a gente teve uma queda de 100 alunos pra esse ano, e está permanecendo o número, não tá tendo evasão, porque o que a gente tem é a questão da frequência. Tem aluno que aparece 1 vez na semana, 2 vezes; mas que a gente sabe que ele tá ali, que ele é nosso, e a gente tá cuidando de acordo com o que a gente tem condições, e incluindo no que ele pode participar. Então a gente tá cuidando. O importante é ele chegar, nem

que seja na plataforma de outro coleguinha. Mas como a gente teve no início do ano, todo ano a gente tem, mas esse ano a gente foi mais assim... mais forte na questão do regime de sala. Cada sala, nós temos 30 salas de aula, cada sala tem um regente, algumas com dois, até porque a gente tem quase 60 professores, então tem salas com 2 professores cuidando daquela turma. Então, cada sala, nós temos o aluno protagonista, temos uma eleição que a gente fez, pros líderes de sala, que são os protagonistas da sala, tem grupo dos protagonistas, grupo da sala, eles têm de 3 a 4 grupos com a gente. E aí quando um falta, o outro vai buscar saber por que foi isso, que é o que o aluno protagonista faz. E além de tudo a gente tem aqueles que, antes era chamado de grêmio, os representantes em sala de aula, e tem um conjunto que ajuda. A gente sabe que não é 100% em local nenhum, né!? Mas a gente tem esse contato direto com eles, que facilita esse trabalho da gente.

#### **7.2.4 Diretora D**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. Sou diretora de uma escola pública do Estado do Ceará, estou na gestão a quatro anos desde 2017.

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. Na verdade, a escola não adaptou-se para o contexto da pandemia, porque a gente não esperava tão de repente, né, ser afastado da forma que foi. Foi no dia 18 de março de 2020, né, que o governo do estado decretou o... o afastamento, né!? E todas as escolas foram fechadas, e o que a gente pode contar, no momento, era os grupos de *WhatsApp*, né!? E aí dentro de uma semana a gente já estava é planejando e preparando as aulas nesse contexto, né, através do *WhatsApp*, em seguida, os professores começaram a buscar algumas ferramentas como o *Google Classroom* e a gente contava também, já aqui no estado do Ceará, com uma ferramenta chamada *Aluno online*, né, e a gente foi adaptando aos poucos, e nos organizado de acordo com os decretos que eram emitidos, certo!? E durante algum tempo o ensino contínuo, assim de forma remota, né, aos poucos a escola foi organizando a partir da estrutura... é... necessária para transmitir as aulas, né!? O governo também enviou algumas ferramentas mais computadores, notebooks, é... Tablets, chips para os alunos. É, a gente recebeu também câmeras e organizamos o espaços de uma sala para os professores utilizarem e transmitirem suas aulas.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020 e 2021?

Resp. Optou por não responder.

4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. Quanto as dificuldades encontradas na reformulação das aulas, eu acredito que o maior, a maior dificuldade foi não poder ter o controle do aluno do outro lado, o controle que eu falo é no sentido de saber se o aluno está de fato participando da aula, porque muitas vezes as câmeras não eram acionadas e... essa... nem todo mundo gosta de falar, né!? Precisava ser respeitado, estas opções dos alunos, então, às vezes a gente ficava o professor, o núcleo gestor ao fazer um levantamento dos acessos dos alunos, a gente entendia que tinha um acesso, mas, na verdade, saber se aquele acesso estava dando, de fato, respaldo para o conhecimento do aluno a gente não tem isso preciso.

5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. Quanto aos modelos e metodologias de aulas, né, a gente foi orientado, né, os professores passaram por formações sobre ensino híbrido utilizando as metodologias ativas: tipo sala de aula invertida, é...eu acho que mais utilizaram foi também laboratório rotacional, entre outras, certo?! E aí a gente considera, né, modelo adequado para o momento. No momento a gente está com ensino híbrido realmente, 3 dias presenciais e 2 dias à distância e a gente acha que está dando certo, né!?

6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. Os professores receberam formações durante o período de pandemia, a gente tem uma plataforma chamada *sicced* e disponibilizou cursos, webinários, encontros de formação. Trabalhamos muito também, no contexto da escola durante a pandemia, o desenvolvimento das competências socioemocionais no engajamento, a autogestão, é... a gente foi orientada pelo Instituto Ayrton Senna e temos o professor que faz esse papel de orientador no sentido de desenvolver oficinas voltadas para o desenvolvimento das competências socioemocionais.

7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. Quanto a forma de avaliação, a escola adotou, como sempre, de acordo com o projeto político pedagógico, né, a forma de avaliação somativa e qualitativa, né!? No entanto, né, nós desenvolvemos muito a autoavaliação nesse contexto de pandemia com os alunos e, também, o aluno avaliar o outro aluno, né!? Eu quero ressaltar que o conselho de Educação do Estado do Ceará ele, é... abriu uma nota em que o aluno, ele teve todas as possibilidades de recuperação das atividades avaliativas durante esse período de pandemia para que não fosse prejudicado.



8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Estamos mantendo, né, o ensino híbrido, os modelos do ensino híbrido, e eu acredito que também reuniões à distância, a própria formação do professor, é, eu acredito que vai continuar, também acredito que algumas... algumas nuances que foram nos mostrando, né, que foram aproveitados durante esse período de pandemia, por exemplo, alunos do turno noturno, ele... ele desenvolveu mais do que o aluno do turno da tarde e isso não é comum. Mas acontece isso porque como já era um horário, né, determinado para ele, ele já trabalhava durante o dia então não aconteceu o que aconteceu com outros alunos que de certa forma deixavam de assistir à aula para trabalhar, eu acho que isso vai ficar, essa possibilidade, né, do aluno estudar à distância em alguma complementação de carga horária, algum momento acredito que isso vá ficar.

9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

Resp. Quanto aos alunos, a maior dificuldade foi o aluno e a família do aluno passou por nas coisas que a escola não estava acompanhando de perto devido a... a pandemia, então a gente trabalhou muito no socioemocional do aluno mas a gente percebeu que a família aproveitou esse tempo para inserir o... o menino, né, o adolescente no mundo do trabalho e, com isso, ajudar a manter as despesas de casa, né, nesses momentos de dificuldades isso fez com que afastassem o aluno e aí escola teve que realizar buscas ativas, campanhas para que o aluno não abandonasse, mas a gente percebe que muitos alunos, né, buscaram essas alternativas de trabalho, de sair aqui até do estado para outro em busca de trabalho para ajudar a família.

10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. Bom, apesar de tudo isso, né, não houve aumento na evasão, né!? O ano de 2020 nós terminamos com 0% de evasão, esse ano de 274 matrículas, acredito que apenas dois alunos se evadiram, né!? Então, as possibilidades do ensino à distância ajudou nesse sentido, né!? E também as leis que determinavam a questão da infrequência, das devolutivas do tempo de espera para o aluno fazer sua devolutiva, isso tem resguardado o direito do aluno continuar estudando, tá certo!? E diminuiu a evasão.

### **7.2.5 Coordenadora A**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. À frente da coordenação 16 anos.

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. É, primeiro no primeiro ano da pandemia nós fomos pegos de surpresa, né!? Fomos dormir analógicos, acordamos digital, como diz a história. É... nós fomos adaptando dentro do que a gente tinha, né!? Por... alguns professores não tinham recursos, por exemplo, o notebook para fazer as suas aulas, então, como o colégio tinha, foi disponibilizado para todos os professores estarem levando os equipamentos para as suas residências, né!? Para estarem fazendo as aulas, alguns que tinham dificuldade em relação à questão da internet, a escola liberou, o professor que quis, que se sentiu mais à vontade de vim fazer aula aqui do colégio, vinha também, e as formações, a gente ia fazendo as formações, é... de acordo com a necessidade ali no cotidiano, é de acordo com a necessidade de cada um a gente ia sentando e vendo o que era necessário para estar fazendo, é, ouvindo as queixas, ou seja, as necessidades de cada um e de cada curso, que cada curso tem sua necessidade e as formações mensais, que a gente tem formações mensais, formação continuada mensalmente com os professores, trazendo profissionais também para estar orientando, é... para estar nos ajudando e nos auxiliando dentro daquilo que os professores estavam sentindo necessidade e, nós, enquanto escola. E formação essa que deu continuidade agora em 2021. Então, como as aulas voltaram, é semipresencial, né!? Mas, antes disso mesmo, os professores já vieram fazer todas as suas aulas aqui da escola, então já não tem mais preocupação com questão de internet, a questão do recurso, né!? É... é... Um ir ajudando o outro, auxiliando o outro... é... dentro de alguma metodologia, algum recurso, algum aplicativo que facilitasse a... o trabalho deles, eles iam fazendo essa partilha, né?! Trocando ali as experiências e nos encontros de formação a gente ia compartilhado também o que era que estava dando certo, o que era que não estava, que precisava estar sendo revisto para estar melhorando ainda mais a proposta do trabalho. Então foi muito que nessa perspectiva ninguém... ninguém... ninguém imaginava que isso viria, né?! Então a gente foi aprendendo, digamos ali, no dia a dia, fazendo mesmo, né!? Não... não... era fazer acertando, errando, é fazendo novamente, era o testando e vendo o que era que tinha que melhorar para.... é... dar continuidade ao trabalho.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020?

Resp. A escola, ela sempre... ela tem um projeto chamado feira de profissões, né!? Então além dos aulões que os professores organizavam, organizavam os coordenadores de área porque nós temos as áreas de conhecimento, então cada área tem um coordenador. Eles se sentavam com os seus respectivos professores, quem é das exatas ou das... de natureza, você sentava com os

professores de natureza, e pensavam ideias, ações para estarem sendo desenvolvidas mesmo sendo de forma remota. E a questão da feira de profissões, na ajuda da escolha do curso que eles querem para a vida dele, né!? Então foi feito o aulão... foram feitos aulões, é atendimento personalizado, ou seja, o aluno que estava com dificuldade os alunos que estava com dificuldade o professor junt... é, reunia-as num determinado horário, fazia uma chamada de vídeo para estar tirando a dúvida... é deles, é propunha lista... listões de questões voltadas para o Enem... a pedido dos alunos, então, era mais assim... tipo um acordo, além do que já estava programado para ser feito no decorrer do ano, né!? É... acompanhamento conjunto à psicóloga, também com orientações, os alunos ia vendo ali, junto aos professores é o que seria melhor para eles, né!? “— Professor, se o senhor, se a senhora pudesse fazer dessa forma?!” Então os professores estruturavam uma aula nessa perspectiva para estar fazendo com eles então a forma como a escola tentou ajudar, é... foi nessa perspectiva e foi uma das turmas que o melhor resultado... foi por incrível que pareça, a gente achava que ia ser o resultado mais, é... baixo, mas nós temos até alunos com notas, é... redação nota 1000, né!? Então nós tivemos alunos que foi redação nota 1000, alunos que a redação foi 980, 990 pontos. Foram vários! Nós fizemos até outdoor na cidade para divulgar, então foi um ano... apesar de ter vivido esse processo pandêmico, mas foi um ano que a turma deu maior retorno. Então assim, nas áreas de conhecimento, por exemplo: na matemática teve aluno com média... a média geral dele ali em matemática quase 800, então fazia muito tempo que a escola não tinha esse... esse resultado. Então a gente tentou fazer dessa forma né!?

Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. Maior dificuldade, lidar com a tecnologia. Então, é... aquilo que eu disse... eu não tenho um computador, é... digamos assim, de ponta ou notebook de ponta, é... deixava a desejar e aí aquilo que eu disse, a escola disponibilizou para esses ou a internet, que não era favorável nesse sentido, a escola abriu suas portas para estar disponibilizando ali para os professores. Em relação aos alunos também não foi diferente, né!? Então é o maior desafio, é... até pensando nos alunos foi justamente o assistir à aula, a queixa que ainda hoje acontece, não tanto, mas no ano passado foi intensa, era em relação a você passar uma manhã assistindo aula pelo celular. Então a tela pequena, é... prejudicava a visão, obviamente, que a gente viu até estudos, muito tempo [...] em frente ao computador prejudicava a visão. As nossas aulas, elas de 45 minutos, elas passaram a ter 40 minutos, porque os 5 minutos eram intervalo entre uma aula e outra que era pros meninos, é... se levantar, os alunos e os professores obviamente, né!? Sair um

pouquinho de frente da tela, dá uma voltinha dentro de casa, olhar pela janela, assim que a gente fala pra eles, né!? — Dá uma voltinha dentro de casa, olha lá a paisagem pela janela para ver como é que tá, dá uma espreguiçada... então foi assim que a gente foi tentando superar esses desafios. Então os alunos sempre diziam: — Não estamos conseguindo assistir aula porque a internet caiu, o meu bairro tá sem internet, o meu celular não ajuda, é (*incompreensível*) na tomada carregando porque se tirar, não... não consegue. E até na questão do processo da avaliativo, né!? A fazer provas, a fazer trabalhos, essas coisas também foi um... um desafio bem... que nos levou nos testou até o limite, né!? Mas conseguimos! Graças a Deus nós conseguimos!

4. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. Eu penso que o modelo de aula e a metodologia, aquela que leva o aluno a aprender. E a gente sabe que nesse contexto pandêmico não tem como você fazer uma aula sem ter a tecnologia, e aí obviamente o que mais a gente ouviu falar foi a questão do ensino híbrido, e dentro do ensino híbrido é a gente ver as várias propostas de trabalho, né!? Sala de aula invertida, a gamificação, é... laboratório rotacional... enfim! É... só que aí como os nossos alunos e as nossas famílias não estão acostumadas a esse novo... a... a ideia que se tinha era que o professor não estava fazendo aula, ou não está fazendo aula, os alunos é que estão estudando e que estão fazendo aula, quando na verdade não é, né!? Aonde a gente, é... coloca o aluno para estar sendo mais ativo, digamos assim. Então a metodologia que a gente acredita é aquela que faça o aluno aprender, né!? Não importa se eu me utilizo da metodologia tradicional, né!? É a saliva, como dizia a história, o esquema no quadro, tanto é que quando a gente faz os conselhos de classe, o pedido deles é fazer mais esquemas no quadro, quando o professor vai falando e vai fazendo o resumo da... da... da sua aula. E aí vai atendendo também a outras necessidades, de acordo com a forma como os... mais aprendem, né!? Então cada professor foi vendo nessa perspectiva, olhando de acordo com a sua disciplina, porque nem toda metodologia cabe em qualquer disciplina, e mesmo que seja naquela disciplina, não dá para também para todos os conteúdos. Então, também eu tenho que pensar na minha disciplina, mas eu também tenho que pensar no conteúdo que eu vou trabalhar, no objetivo que eu quero para estar pensando a... a melhor metodologia que eu vou estar utilizando para fazer com que a aprendizagem ela aconteça, ela se desenvolva.

5. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. Como eu disse, é... anteriormente, como nós fomos dormir analógicos e acordamos digital, não! Ela foi se dando no decorrer dos dias, no decorrer das aulas. Como? Convidando pessoas, profissionais que têm habilidade, né!? É... para... para desenvolver esse trabalho, trocando experiências, a formação estudando dessa forma. E também pontual, por uma vez por mês, então no dia a dia você trazia a sua dificuldade e a gente ia ver como era que, como é que a gente poderia estar solucionando aquilo ali, resolvendo aquilo ali. Que estratégias, que metodologias... a formação ela ia se dando dessa forma. Como ainda hoje ela acontece, e quanto aquela que é mensalmente, então uma vez ao mês a gente elege dentro da... do... do... das dificuldades no decorrer do trimestre, quais são as maiores necessidades, para nós estarmos focando, então, por exemplo, nesse nós focamos muito na questão das metodologias ativas, né!? Então no estudo das metodologias ativas... então organizando oficinas, trazendo profissionais, agora para novembro nós vamos ainda estar digamos, é... aliás, outubro, nós vamos estar fechando, entre aspas, o estudo das metodologias ativas com... em forma de oficinas que foi pedido pelos professores, né!? Porque nas formações que foram feitas ficou muito assim, do falar, do relatar experiências, do demonstrar... mas o que eles querem agora é fazer! É eu abri meu computador, eu testar determinada... é... determinado aplicativo, em determinada plataforma... para saber se realmente eu sei, para estar planejando a minha aula, pra tá desenvolvendo com... com a turma.

6. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. A... a... a escola ela trabalha com questão de provas, fazer prova. E os trabalhos, aí os trabalhos têm as mais diversas possibilidades. Desde o trabalho escrito ao seminário, a... gravação de vídeos... enfim, cada professor... Há debates, há júri, simulados... então cada professor dentro do que ia trabalhando, de acordo com a sua disciplina, foi vendo também qual era a melhor forma de estar sendo, de estar avaliando o aluno, obviamente, todos com critérios, né!? Então se o menino ia fazer um... para fazer um debate, então quais são os critérios desse debate? Então o professor organiza os critérios, análise junto à coordenação, a turma toma conhecimento de (*incompreensível*) quais critérios eles serão avaliados, né!? Da mesma forma, é um seminário, então quais são os critérios do seminário? Então se eu for optar por um seminário, quais são... eles seria avaliado em quê? Eu seria avaliada em quê? Então tudo isso era algo organizado com antecedência, os meninos tomam conhecimento, então a forma como a escola encontrou foi também sendo flexível nesse sentido, né!? Porque não tinha como você fazer só a prova, prova, prova... ou trabalho, trabalho, trabalho, não. A gente também foi vendo

as outras possibilidades, é... pensando nas diversas formas de aprendizagem, né!? E também que eles acham... então, gravação de vídeos... é... questão de podcast, é... a criação de blog, de vlogs... tá entendendo?! Realização de debates, de seminários... foram... foram... pensadas é... ideias diversas, ações diversas, para estarem sendo colocadas em práticas no processo avaliativo.

Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Sim! É, a gente (*incompreensível*) não tem como a gente voltar a ser 100% o que éramos antes da pandemia. Eu penso que a tendência é só... nos aprimorarmos, né!? Olhar... olharmos o que é que nós ainda estamos falhos, continuarmos estudando e melhorando o processo, né!? É de ensino e aprendizagem. Então, por exemplo, a questão das metodologias ativas, não tem mais como você retroagir. É... ver como é que eu posso estar estruturando, melhorando, nas... no meu dia a dia, ali na minha prática na sala de aula. E como eu faço isso? Estudando! É... então, por exemplo, quem é da matemática, fala quais são as metodologias mais apropriadas para o ensino da matemática, quem é da língua portuguesa a mesma coisa, né!? Então... é fazer aula é... é... on-line, vez ou outra vai precisar que isso aconteça, né, pensado nessa perspectiva. Então eu acho que muita coisa que veio com a pandemia não tem mais como voltar. É como diz a história, não é escola que tem que alcançar o futuro, o futuro foi que alcançou a escola, né!?

7. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

Resp. Botar esse povo para estudar, assistir aula, uma luta! Então assim, pelas queixas, né!? “— É muito tempo em frente ao computador... eu não consigo... eu não gosto... eu não aprendo...”. Então, foi o maior desafio! Ainda permanece sendo, só que esse ano está mais amenizado, digamos assim, mas o ano passado foi um grande desafio. Então tinha dias aqui que que na turma tinha pouquíssimos alunos. Quando a gente entrava em contato com as famílias para saber, é que a mãe, o pai, enfim... o responsável investigava: tava dormindo! O aluno logava na aula, desligava a câmera e ia dormir! Simplesmente ia dormir, ou seja, eles não... não viam mesmo que a gente fizesse a orientação de que a sala de aula agora era o espaço da casa dele, que ele selecionou para isso, que ele tem que estar fardado, que a lousa da sala de aula agora era a tela do computador... então a gente faz... mesmo sendo feito todo esse trabalho de conscientização, eles não conseguiram separar: agora um momento de aula, agora é um momento que eu estou na minha casa, tu tá entendendo?! Então, eles misturavam tudo! “Então, já que eu estou na minha casa, sendo aula ou não sendo aula, eu vou continuar dormindo! Eu

vou... era comendo lá”, bem sossegado, assistindo aula só de... só de cueca ou só de pijama, entende?! É... foram lá essas... essas... as maiores dificuldades que nós encontramos, né!? Hoje como eu disse está bem menos, né!? Mas ano passado foi bem desafiador para nós, mas esse ano tá tranquilo, graças a Deus tudo é bem mais tranquilo.

8. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. A evasão ela se deu mais no sentido assim, por exemplo, hoje tem 6 aulas, alguns assistiam primeira e segunda aula e não assistia as últimas. Mas o aluno desistir, chegar não assistir mesmo, evadisse da sala, nós não tivemos. Tivemos aqueles que nós precisamos fazer reunião com a família, mesmo que de forma remota, é... colocar o quadro de faltas, de ausência do aluno às aulas, né!? E a preocupação nesse sentido, é... e dizer à família que a gente precisava da ajuda da família para estar fazendo esse acompanhamento e motivando o filho ou a filha a participar das aulas. Se nós não tivéssemos sendo... tivéssemos firmes nesse sentido, muitos alunos, eles teriam desistido, eles teriam ficado só no meio do caminho, tu tá entendendo?! Mas a gente, a escola fez essa... esse trabalho, nós temos a psicóloga que faz um serviço de escuta, também foi um grande apoio para a gente, para a família. É... nós tivemos muitos alunos aqui que perderam os seus entes queridos, inclusive pai, mãe... né!? E a gente sabe que tudo isso mexe com o emocional. Então o aluno já está em casa, não interage com ninguém, não pode sair de casa, ainda perco alguém importante na minha vida... então a tendência é se desmotivar e querer desistir mesmo. Mas desistir, desistir, não! Mas nós fizemos esse trabalho de... de formiguinha, né!? Mostrada a importância, mostrando o valor, que esse momento difícil ia passar... como na verdade está passando, graças a Deus ele está passando! Queremos que 2022 seja um ano de luz! Só de luz.

### **7.2.6 Coordenador B**

1. A quanto tempo trabalha na gestão do referido colégio?

Resp. Eu estou frente da coordenação da escola desde fevereiro de 2021.

2. Como o colégio se adaptou para o contexto da pandemia?

Resp. Durante esse ano, né, que é o foi o ano do... do meu exercício à frente da coordenação, é... com todas as dificuldades, nós consideramos um ano, um ano ainda exitoso, porque nós conseguimos desenvolver e manter todos os projetos do calendário escolar, nós trabalhamos com a aula de forma remota... é... desenvolvemos projetos como carnaval, conseguimos realizar

um simpósio com parceria da UFCG, campus Cajazeiras, Faculdade Santa Maria, IFPB... Esse simpósio, ele foi on-line com um tema bastante inovador e importante para os jovens que era sobre... é... tecnologias, né!? Os benefícios e malefícios da... do uso das mídias, o tema era mídias sociais. E... dando sequência, fizemos o São João, fizemos a comemoração dos pais, das mães... contudo, consideramos um ano, um ano exitoso! Porque mesmo com todas as dificuldades a escola fez questão de manter, é, a pauta dos projetos que estavam previstos em calendário escolar.

3. Como a gestão lidou com a preparação dos alunos que prestariam o Enem 2020?

Resp. Nós temos um projeto chamado momento ENEM. No momento Enem é durante uma vez na semana. Nós tiramos um professor da área, com um tema específico para fazer uma explanação com esses alunos. Por exemplo, no momento Enem o professor de português trabalha redação, aí matemática interpretação de questões matemáticas para o Enem, física a questão da contextualização. Cada professor tem um eixo temático para desenvolver a temática desse projeto que se chama-se momento Enem com os terceiros anos, e não só com os terceiros anos, mas com o médio, porque nós temos alunos do primeiro, segundo e terceiro ano que estão inseridos no Enem, já frutos do trabalho que foi feito ainda esse ano falando da importância de prestar o... prestar essa avaliação o que já vai servir como teste, claro pra que está no primeiro e no segundo.

4. Qual a maior dificuldade encontrada na reformulação das aulas?

Resp. Dificuldade nas reformulações das aulas, com relação à matriz curricular ou a metodologia?

4.1. No geral, qual é a dificuldade que encontraram na escola?

Resp. Foram eles, né!? O fato da adaptação do aluno... fez com que ele ficasse ausente em alguns períodos por achar estranho, por não ser aquilo que, que era antes, que era comum, né!? A questão é... da interação, né!? Nós trabalhamos com os combinados, que, que é de ligar a câmera, mantém a câmera ligada, entrar no horário, né!? Se identificar no *chat* com o seu nome e não com o nome de outra pessoa, porque muitos fazem isso... a gente fez uns combinados, esses combinados vêm dando certo, utiliza farda... nós temos essas dificuldades do aluno não querer entrar com farda, não querer entrar na hora que quer... isto após 10 minutos nós não aceitamos mais. Então foi feito uma *live* e foi uma coletiva, e nessa coletiva que nós fizemos pelo nosso *Instagram* para os alunos, nós passamos para eles todas as orientações pertinentes para a execução do ano letivo de 2021 e nisso estava inclusões, isso, mas não deixa de ter



esporadicamente esses casos do aluno não querer usar farda, de o aluno querer entrar atrasado, das dificuldades no processo de... de... de avaliação, né!? De terminou o tempo da avaliação o aluno teve problema na plataforma, não conseguiu mandar em tempo ágil, foram n problemas que foram norteados ao longo da caminhada desse ano letivo.

5. Quais modelos ou metodologias de aulas que você considera mais adequadas para o ensino em um contexto de pandemia?

Resp. As metodologias ativas foram muito importantes para o desenvolvimento deste ano letivo, porque elas fizeram com que nós chamássemos a atenção do aluno, parasse um pouco pra sair (*incompreensível*) algo que era mecanizado. A gente teve muito cuidado com relação a isso, nós tivemos momentos de reflexão, nós tivemos drive-thru, nós é... tivemos acolhimento, trabalhamos muito com acolhimento... de acolher o aluno naquele momento, de não ir logo para a primeira aula, mas o professor da primeira aula em cada turma fazer um acolhimento para poder descentralizar essa rotina que é mais fatigante ainda por você estar preso numa tela. Então as metodologias ativas foram muito importantes nesse processo.

6. Os professores receberam alguma preparação para o novo modelo de aulas?

Resp. Os professores receberam o suporte apenas da coordenação e da direção. É... nós fizemos várias formações continuadas, além da divulgação de eventos externos dentro da escola, como oficinas de metodologias ativas e oficinas para educação infantil, né!? E nós trabalhamos também com o psicólogo, né!? Nós desenvolvemos esses eixos temáticos com o psicólogo, é... tratamos dos assuntos dos alunos que estão enfrentando problema, alunos que tem laudo, alunos que apresentam ausência na afetividade, um desligamento com escola, com o professor. E a gente foi norteadando, e foi... a gente mesmo foi elaborando essas formações continuadas com eixos temáticos a partir da nossa realidade.

7. Quais as formas de avaliação adotadas pela instituição?

Resp. A forma de avaliação, nós trabalhamos com trimestres. Primeiro, segundo e terceiro trimestre. Nós temos 3 notas, houve disciplina em cada trimestre. A primeira nós chamamos de AV1, que AV1 é um trabalho, esse trabalho ele pontua de zero a 100; equivale a um trabalho, a um seminário, a uma pesquisa, a um debate, a confecção de algo, a produção de algum vídeo... e também pode ser fragmentada, né!? Complementada sendo 1 + 1. AV2, nós fazemos avaliação AV2. AV2 é uma avaliação com questões de múltipla escolha e aberta que pontua 10. E AV3, a nota qualitativa, onde gente avalia a questão do rendimento como um todo, o comprometimento, assiduidade, compromisso com as atividades, se tá cumprindo os

combinados que foram fechados lá no início do ano, de permanecer na aula com a câmera ligada, de comparecer com a farda, de não entrar atrasado e não entregar as coisas na plataforma atrasado. E nós temos ainda um simulado que se soma essas notas, tudo isso feito de forma remota, até antes de voltarmos com o sistema híbrido, que nós estamos agora no sistema híbrido, e mesmo com o sistema híbrido permanecemos com as atividades remotas em casa, o sistema da avaliação, no intuito de não fragmentar esse processo, se a gente já começou o início do ano com avaliações remotas, então a gente vai concluir o ano com avaliações remotas, então o aluno que está no híbrido na semana de prova ele fica em casa... para não, é, comprometer esse sistema, para não fragmentar.

8. Pretendem manter alguma das mudanças adotadas em um futuro pós-pandemia?

Resp. Nós estamos preparados para executar, para iniciar o ano letivo, é... mesmo diante da diminuição... independente da diminuição de casos ou não, com o protocolo sanitário que a gente preparou com base no... no protocolo sanitário da Secretaria de Educação do Estado. A escola está toda sinalizada, os nossos professores estão com EPI, é... o uso de máscara, o distanciamento... toda a escola foi adaptada, então, é no intuito de... de mantermos isso daí e, e melhorar, a gente vai continuar. Até que de fato a gente esteja livre dessa pandemia.

9. Com relação aos alunos, qual a maior dificuldade que encontraram?

Resp. Processo de aprendizagem, né!? Que por mais que o professor se doe, se entregue... é falho! Mas não é falho por parte do professor, mas por parte do sistema. Nós não estávamos preparados para o ensino remoto, e aí nós temos problemas com internet, com a plataforma, vez ou outra... E tudo isso interfere de forma direta no processo aprendizagem, essas são as maiores dificuldades dos alunos... às vezes o áudio não está legal, o barulho externo... tudo isso implica. Mesmo com todo um trabalho pedagógico, mas ainda fico essa saga.

10. Houve um aumento na evasão dos alunos?

Resp. Esse ano foi um ano marco de evasão. Só no infantil nós perdemos mais de 100 alunos. O segmento infantil se diluiu. Nós estamos com... entre 4 e 6 alunos de educação infantil, de 100 que nós tínhamos. Isso contando do início da pandemia até hoje, e... outras escolas também seguem esse exemplo, a educação infantil acabou. E tem um adendo a isso aí, os pais eles compreendem que a educação infantil não é importante tão quanto os outros segmentos para o aluno, então que naquele momento o aluno poderia ficar fora da escola, sendo que nós sabemos que é importante o processo de desenvolvimento do aluno justamente por ser um processo inicial, né!? Mas os pais por não ter nota, não haver uma reprovação é... eles acham que não...

não... não tem essa obrigatoriedade e aí tiraram os alunos, isso aconteceu em muitas escolas do infantil. Agora com o retorno... com a autorização do ensino híbrido é que essa educação infantil ela tá voltando, mas, ainda com um número muito baixo. Nos outros segmentos nós também perdemos alunos, né!? Alunos que migraram para um sistema público, alunos que desistiram, estão em casa sem estudar porque não conseguem acompanhar, né!? Tem a questão dos alunos que não tem o celular... nós temos alunos nossos da rede privada que não tem celular, e esse aluno ele está acompanhando pelo celular do pai. Ele voltou agora para o ensino híbrido também por não ter. Nós temos alunos que não estudaram o ano inteiro e que a retomada do ensino híbrido eles querem voltar, e a escola vai analisando caso a caso, é... sem prejudicar ninguém, vendo o que pode ser feito, né, dentro da realidade.

### 7.3 Tabela de análise das respostas dos professores

Pergunta	Professor	Professor A	Professora B	Professora C	Professora D
Formação		Licenciatura em matemática e pós-graduação em ensino de matemática e docência no ensino superior.	Licenciatura em matemática.	Licenciatura plena em matemática.	Licenciatura em ciências com habilitação em matemática.
Tempo de atuação		11 anos.	2 anos.	22 anos.	34 anos.
Modalidade de ensino que atuou em 2020 e 2021		Remoto e híbrido.	Híbrido.	Remoto e híbrido.	Remoto.
Plataformas usadas		<i>Meet</i> , plural e plataformas de jogos.	<i>Zoom</i> , <i>Google Forms</i> , <i>google Meet</i> , <i>Kahoot</i> e <i>WorldWall</i> .	<i>Classroom</i> , <i>Google Forms</i> e <i>Lumi</i> .	<i>Google Meet</i> .
Tecnologias que vem usando		Computador, celular, tablet, materiais do laboratório, webcam, microfone, datashow, mesa digitalizadora.	Plataformas on-line, <i>Power Point</i> , OVAs, jogos educacionais on-line.	Notebook, celular, tablet, tripé.	Celular para enviar informações .
Dificuldades na adaptação para as aulas virtuais		A ausência do aluno no ambiente físico, a câmera que não ligavam, a vergonha que os alunos têm de falar no ambiente virtual, as limitações dos celulares e a aproximação com os alunos.	Os alunos dispersos e os que ficam saindo da sala virtual.	Procurar tutoriais para se adaptar.	Meu menino que manda o <i>link</i> pros alunos, ele que faz tudo. Repor o que os alunos perderam no ano passado.
Antes da pandemia usava alguma tecnologia para as aulas? Como? Conseguiu adaptá-las?		Usava jogos, celular para lista de exercícios, simulados virtuais, livro digital, sempre foi usada a tecnologia dentro	Não dei aula antes da pandemia.	Datashow, adaptou os slides pra aula virtual.	Não.

	da escola desde antes da pandemia.			
Teve alguma preparação para usar tecnologia em sala de aula?	Não.	Não.	Não.	Sim, de três cursos para trabalhar on-line e umas 4 formações.
Recebeu alguma orientação/preparação para a transição no modelo de ensino? Como?	A escola deu o suporte com a ajuda de profissionais da área de tecnologia, formações, palestras e orientações tanto antes quanto agora.	Não.	Sim, mas foi rápido e complexo, foi on-line.	Não.
Como avaliou a aprendizagem em 2020?	Provas, trabalhos e simulados pela plataforma, apenas saiu do papel e foi pro digital.	Com provas e trabalhos, avaliava o comportamento e a interação.	Exercícios, <i>Google Forms</i> , procurava os alunos quando não entregavam a atividade.	(Não respondeu)
Como tem sido o planejamento das aulas em 2021?	Semanalmente, através de mapas de aprendizagem baseados na BNCC e sequências didáticas.	Tento adequar para cada aluno. Semanalmente planejava com diferentes tecnologias e plataformas para cada aula e OVs autorais voltados para a turma em trabalho.	Usando metodologias ativas e sala de aula invertida.	Teve on-line; toda semana tem o departamento on-line.
Quais as dificuldades encontradas nesse ano?	A questão de ver os alunos pelas câmeras e o baixo retorno dos alunos que estão em casa.	Os alunos que não entregam as atividades pela plataforma, a saída dos alunos durante a aula, a baixa interação e a	O aluno que não se adapta a aula on-line.	As mesmas.

		câmera que não é ligada.		
Está havendo aprendizagem significativa dos alunos?	Em 2021 foi melhor que 2020.	Significativa não, no ensino remoto não vê aprendizagem significativa e nem de qualidade.	Não, mas houve aprendizagem por parte dos alunos que procuravam aprender.	Teve, daqueles que “querem alguma coisa”.